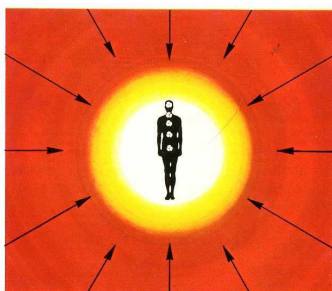
AUTODEFESA PSÍQUICA
Dion Fortune

Editora Pensamento

DION FORTUNE

AUTODEFESA PSÍQUICA

Como se defender dos ataques de natureza psíquica desencadeados contra nós.

Pensamento

PREFÁCIO

Problemas concernentes à redação de um livro sobre autodefesa psíquica / Os ataques psíquicos são mais comuns do que pensamos / Os anúncios dos cursos que desenvolvem o poder mental / A experiência pessoal da autora com um ataque psíquico / Psicologia e ocultismo / Ligação entre o abuso dos poderes mentais e o culto das bruxas.

Foi com consciência dos problemas implicados que me entreguei à tarefa de escrever um livro sobre o ataque psíquico e sobre os melhores métodos de defesa contra ele. O empreendimento está cercado de armadilhas. É praticamente impossível fornecer informação prática sobre os métodos de defesa psíquica sem ao mesmo tempo fornecer informação prática sobre os métodos de ataque psíquico. Não é sem razão que os iniciados sempre guardaram sua ciência secreta atrás de portas fechadas. Revelar o suficiente para perfeito entendimento sem ao mesmo tempo revelar demais que se torne perigoso, eis o meu problema. Mas como muito já se tornou conhecido a respeito dos ensinamentos esotéricos, e como o círculo de estudantes do oculto está se tornando mais amplo a cada dia, pode bem ser que tenha chegado a hora de falar sem rodeios. Não procurei a tarefa, mas, visto que ela me veio às mãos, farei o melhor que puder para cumpri-la honradamente, tornando acessível o

conhecimento que acumulei durante a experiência de muitos anos com as estranhas veredas da mente que o místico partilha com o lunático. Este conhecimento não foi obtido sem algum custo, nem, como suspeito, será a sua divulgação inteiramente isenta de encargos.

Procurei evitar, na medida do possível, a utilização de material de segunda mão. Todos conhecemos a pessoa que tem um amigo cujo amigo viu um fantasma com os seus próprios olhos. Isso não é de muita utilidade a ninguém. O que precisamos é ter a testemunha sob rigorosa investigação. Por esse motivo, não recorri à vasta literatura sobre o assunto em busca de ilustrações para a minha tese, preferindo contar com os casos que se alinharam no âmbito de minha própria experiência, e que fui capaz de examinar.

Penso que posso reivindicar a posse de qualificações práticas, e não apenas teóricas, para a tarefa. Minha atenção voltara-se inicialmente para a psicologia, concentrando-se depois no ocultismo como a chave real para a psicologia, devido à experiência pessoal de um ataque psíquico que me deixou com a saúde arruinada por um período considerável. Conheço por mim mesma o horror peculiar de tal experiência, sua insídia, sua potência e seus desastrosos efeitos sobre a mente e o corpo.

Não é fácil conseguir que as pessoas se apresentem e testemunhem os ataques psíquicos. Em primeiro lugar, porque elas sabem que há pouquíssima probabilidade de que acreditem nelas e que é mais provável receberem a pecha de desequilíbrio mental. Em segundo lugar, porque qualquer intromissão nas bases da personalidade é uma experiência horrorosa de tal modo peculiar e singular que a mente procura evitá-la e o indivíduo não consegue falar sobre o assunto.

Sou da opinião de que os ataques psíquicos são mais comuns do que geralmente acreditamos, e mesmo os ocultistas não avaliam a sua extensão. O público em geral não imagina absolutamente as coisas que são feitas pelas pessoas que têm um conhecimento dos poderes da mente humana, e que se dão ao trabalho de explorá-los. Os estudantes do ocultismo sempre tiveram o conhecimento desses poderes, mas atualmente eles são conhecidos e utilizados por pessoas que ficariam sobremodo surpresas ao descobrirem quem são os seus colegas de prática. A Sra. Eddy, fundadora da Ciência Cristã, topou com esses métodos empiricamente, sem jamais ter adquirido qualquer conhecimento racional de seu modus operandi. Ela procurou ensiná-los de tal modo que eles pudessem ser utilizados apenas para o bem, e que seus poderes para o mal não viessem à tona; mas que ela própria teve conhecimento de suas possibilidades malignas, testemunha-o o terror por aquilo que ela chamava de “Magnetismo Animal Malévolo” e que ensombreceu toda a sua vida.

Os métodos da Ciência Cristã, sem a sua disciplina estrita e a sua cuidadosa organização, foram desenvolvidos e explorados pelas inúmeras escolas e seitas do Movimento do Novo Pensamento. Em muitos desses desdobramentos, o aspecto religioso foi esquecido e os métodos se tornaram simplesmente uma coleção de regras de manipulação mental para fins pessoais, embora não para fins deliberadamente malignos. Seus representantes informaram que poderiam ensinar a arte de vender, de tornar o indivíduo popular e influente na sociedade, de atrair o sexo oposto, de obter dinheiro e sucesso. O número surpreendente desses cursos anunciados mostra a sua popularidade; numa publicação recente de uma revista americana, contei anúncios de sessenta e três diferentes cursos de treinamento em várias formas de poder mental. Eles não seriam tão populares se não obtivessem nenhum resultado. Consideremos alguns desses anúncios e vejamos o que eles indicam, lendo nas entrelinhas e tirando as nossas próprias conclusões.

“Transmita seus pensamentos aos outros. Peça folheto grátis. Telepatia ou Rádio Mental”

“Problemas com saúde, amor, dinheiro? Deixe-me ajudá-lo. Não haverá falhas, se você seguir as instruções. Estritamente pessoal e profissional. Cuidadoso como o médico da família. Remeta cinco dólares ao fazer o pedido. Devolveremos o dinheiro se você não ficar satisfeito.’’

“O que você deseja? Seja o que for, podemos ajudá-lo a conseguir. Dê-nos a chance de ajudá-lo escrevendo para ‘Nuvens Limpas’. Absolutamente grátis. Você ficará encantado.”

“HIPNOTISMO. Não possuirá você esse estranho e misterioso poder que encanta e fascina homens e mulheres, influencia seus pensamentos e controla seus desejos, e que o torna mestre supremo de todas as situações? A vida está repleta de possibilidades sedutoras para aqueles que dominam os segredos da influência hipnótica e para aqueles que desenvolvem seus poderes magnéticos. Você pode aprender em casa a curar doenças e maus hábitos sem drogas, a conquistar a amizade e o amor, a aumentar seus rendimentos, a realizar seus desejos, a afastar os aborrecimentos e as preocupações de sua mente, a aperfeiçoar sua memória, a superar as dificuldades domésticas, a dar o mais emocionante entretenimento jamais testemunhado e a desenvolver uma força de vontade prodigiosamente magnética, que lhe permitirá superar todos os obstáculos ao seu sucesso.

“Você pode hipnotizar as pessoas instantaneamente — tão rápido quanto um relâmpago — pode conseguir que você mesmo ou qualquer outra pessoa durma

em qualquer hora do dia ou da noite, ou acabar com a dor e o sofrimento. Nosso livro grátis conta para você os segredos dessa ciência maravilhosa. Ele explica exatamente como você pode utilizar esse poder para melhorar suas condições de vida. Nosso livro foi entusiasticamente aprovado por ministros evangélicos, doutores, executivos e mulheres da sociedade. Ele traz benefícios a todos. E não custa nada. Nós o distribuímos para informar sobre a nossa instituição."

Tais são alguns poucos exemplos escolhidos dentre os sessenta e três anúncios incluídos nessa única publicação de uma popular revista semanal. Eles foram reproduzidos in extenso, e sem alterações, exceto pela omissão dos endereços.

Consideremos agora o que anúncios como esses significam do ponto de vista das pessoas a quem não são dirigidos, as pessoas sobre quem se presume que o leitor procura adquirir poder. Qual será a sua posição se este quebrar o décimo mandamento e cobiçar a mulher alheia, ou seu gado, ou seu asno, ou qualquer outro de seus valores? Suponhamos que o estudante diligente desses métodos deseje algo que não deveria ter. Suponha-mos que ele esteja do outro lado da lei. Ou que sofreu uma injúria e deseja vingar-se. Ou que apenas gosta do poder para seu próprio benefício. Qual será o destino da bucha de canhão que fornece ao estudante da força mental a munição para as suas experiências? Qual a sensação de ser dominado por esses métodos, e quais os resultados que podem ser finalmente obtidos por um experimentador experiente?

Deixem-me contar-lhes a minha própria experiência, por mais penosa que ela seja, pois alguém deve apresentar-se pela primeira vez e revelar os abusos que podem florescer quando não se compreende o significado desses poderes.

Quando eu era uma jovem de vinte anos, entrei para o serviço de uma mulher que, hoje sei, devia possuir um considerável conhecimento de ocultismo, obtido durante uma longa estada na Índia, e a respeito do qual ela costumava dar indiretas que eu não podia entender naquela época, mas que, à luz dos conhecimentos posteriores, eu viria a compreender muito bem. Ela costumava controlar os empregados por meio de seu conhecimento do poder mental, e as pessoas que trabalhavam para ela apresentavam uma constante sucessão de colapsos muito peculiares.

Eu não estava empregada há muito quando ela precisou de mim para testemunhar numa ação judicial. Ela era uma mulher de temperamento violento e havia demitido um empregado sem aviso prévio, sem pagar-lhe o que devia, e ele a estava acionando para receber o dinheiro a que tinha direito. Ela precisava de mim para dizer que o comportamento desse homem havia sido de tal ordem que ela tinha justificativas para demiti-lo daquela maneira. Seu método para obter meu testemunho foi fixar os meus olhos com um olhar fixo e concentrado

e dizer tais e tais coisas aconteceram”. Felizmente para todos os envolvidos, eu mantinha um diário e havia registrado diariamente todos os incidentes. Se não fosse por isso, não sei o que me teria acontecido. Ao fim da entrevista, eu estava atordoada e exausta, e sem me despir caí em minha cama e dormi o sono da exaustão absoluta até a manhã seguinte. Acredito que tenha dormido por cerca de quinze horas.

Pouco depois disso, ela precisou novamente de meu testemunho. Ela desejava livrar-se de meu superior imediato, e precisava encontrar provas suficientes para justificar a sua ação. Ela repetiu as manobras anteriores, mas dessa vez eu não tinha um registro diário a que recorrer, e para minha inteira surpresa me vi concordando com ela numa série de acusações inteiramente infundadas contra o caráter de um homem que eu não tinha razão alguma para acreditar que não fosse absolutamente honesto. A mesma exaustão e o mesmo sono de morte me assaltaram imediatamente depois dessa entrevista, como na vez anterior, mas um novo sintoma então se manifestou. Quando saí da sala ao término da entrevista, experimentei a curiosa sensação de que meus pés não estavam no lugar em que eu esperava que estivessem. Todo aquele que andou sobre um tapete que apresenta calombos devido aos tacos soltos compreenderá o que eu quero dizer. Os ocultistas reconhecerão um caso de extrusão do duplo etéreo.

O incidente seguinte nesse curioso ménage não envolveu a mim, mas a outra moça, uma órfã de meios consideráveis. Minha empregadora estava sempre em sua companhia e finalmente a persuadiu a confiar-lhe todo o seu capital. Entretanto, os curadores ficaram encolerizados, forçaram a minha empregadora a restituir os bens, e levaram imediatamente a moça consigo, deixando todos os seus pertences para serem empacotados e enviados ao novo endereço.

Um outro incidente ocorreu logo a seguir. Havia no estabelecimento uma mulher idosa que era um tanto quanto rebaixada mentalmente. Uma boa velhinha, mas infantil e excêntrica. Minha empregadora voltou a sua atenção para ela, e assistimos ao início do mesmo processo de domínio. Nesse caso não havia curadores para interferir, e a pobre e velha senhora foi persuadida a retirar seus negócios das mãos do irmão, que até então os administrava, e a confiá-los às boas graças de minha empregadora. Minhas suspeitas se confirmaram então completamente. Como não podia suportar a idéia de ver a velha “Tia” trapaceada, meti minha colher no assunto, coloquei a “Tia” a par da situação, coloquei seus pertences numa caixa, e a enviei aos seus parentes, numa ocasião em que a minha empregadora não estava presente.

Eu esperava que a minha cumplicidade no negócio não fosse descoberta, mas logo perdi as esperanças. A secretária de minha empregadora veio uma noite ao meu quarto, depois de apagadas as luzes, e avisou-me que a diretora, que é

como a chamávamos, havia descoberto quem engendrara a fuga da ‘Tia”, e que eu deveria esperar pelo pior. Sabendo da sua natureza extremamente vingativa, compreendi que a minha única saída era fugir, mas uma fuga não era algo inteiramente fácil de realizar. A instituição em que eu estava era de natureza educacional, e cumpria formalizar o aviso prévio antes de sair. No entanto, eu não desejava de modo algum trabalhar durante esse prazo sob a tutela sem controle de uma mulher rancorosa. De modo que esperei uma oportunidade que justificasse a minha saída. Com o temperamento irascível de minha empregadora, eu não precisaria esperar muito tempo. Na noite seguinte, estando eu empenhada até tarde em preparar os meus pacotes na perspectiva de minha fuga, outro membro do grupo veio ao meu quarto — uma moça que falava raramente, não tinha amigas e fazia seu trabalho como um autômato. Eu jamais me relacionara com ela, e estava muito surpresa com a sua visita.

Contudo, ela logo se explicou.

“Você pretende sair?”, perguntou-me.

Admiti que de fato pretendia.

“Então vá sem ver a Diretora. Você não sairá se o fizer. Eu tentei por várias vezes, e não pude sair.”

No entanto, eu era jovem e confiava em minha força juvenil e não tinha meios de avaliar os poderes dispostos contra mim, e na manhã seguinte, em roupas de viagem, valise nas mãos, desci e enfrentei a minha formidável empregadora em sua toca, determinada a dizer-lhe o que ou pensava dela e de seus métodos, sem suspeitar de maneira alguma que outra coisa além de patifaria e intimidação estava preparada.

Não pude, no entanto, iniciar o meu discurso cuidadosamente preparado. Assim que ela soube que eu pretendia sair, disse-me:

“Pois bem, se quer ir, você irá. Mas antes que saia deve admitir que é incompetente e que não tem nenhuma autoconfiança.”

Estando disposta a lutar, perguntei-lhe por que não me demitia, já que eu era incompetente, e, de mais a mais, eu era apenas o produto de sua própria escola de treinamento. Este comentário naturalmente não melhorou a situação.

Iniciou-se então uma extraordinária litania. Ela recorreu ao seu velho truque de fixar-me com um olhar atento e disse:

“Você é incompetente e sabe disso. Você não tem nenhuma auto-confiança e tem que admiti-lo.”

“Isso não é verdade. Eu conheço meu trabalho, e a senhora sabe que eu sei”, respondi.

Ora, não havia dúvida de que muito poderia ser dito a respeito da minha competência em meu primeiro emprego na idade de vinte anos, tendo inúmeras responsabilidades sobre os ombros e às voltas com um departamento desorganizado; mas nada podia ser- dito contra a minha autoconfiança, exceto que eu a tinha em excesso.

Minha empregadora não fez objeções nem me ofendeu. Ela continuou a pronunciar as duas frases, repetindo-as como as respostas de uma litania. Eu entrara em sua sala às dez horas e a deixei às duas horas da tarde. Ela deve ter repetido as duas frases várias centenas de vezes. Quando entrei, eu era uma moça forte e saudável, mas sai arrasada e fiquei doente por três anos.

Algum instinto me advertiu que, caso admitisse que eu era incompetente e que não tinha nenhuma autoconfiança, as minhas forças se quebrariam e eu jamais poderia me recuperar depois, e reconheci que essa manobra peculiar de minha empregadora era um ato de vingança. Por que eu não segui o remédio óbvio de fugir, eu não sei, mas na hora em que percebemos que um fato anormal está para acontecer somos mais ou menos atraídos para ele, e assim como o pássaro diante da serpente não pode utilizar suas asas, não podemos do mesmo modo nos mover ou fugir.

Aos poucos, tudo começou a parecer irreal. Tudo que eu sabia era que precisava manter a todo custo a integridade de minha alma. Uma vez que eu concordasse com as suas sugestões, eu estaria liquidada. De modo que continuamos com a nossa litania.

Mas eu estava chegando perto do fim de minhas forças. Eu tinha a curiosa sensação de que o meu campo de visão estava se estreitando. Esse fenômeno é, como acredito, característico da histeria. Pelo canto dos olhos, eu podia ver dois muros de trevas avançando atrás de mim em ambos os lados, como se eu estivesse de costas para um biombo e este se fosse lentamente fechando sobre mim. Eu sabia que quando aqueles dois muros de trevas se encontrassem eu estaria perdida.

Aconteceu então uma coisa curiosa. Eu ouvi claramente uma voz interior dizer-me:

“Finja que está derrotada antes de o estar realmente. Ela cessará então o ataque e você poderá sair”. O que era essa voz, eu jamais o soube.

Segui imediatamente seu conselho. Mentindo, pedi desculpas à minha empregadora por tudo que havia feito ou que ainda faria. Prometi permanecer em meu posto e andar às direitas por todos os dias de minha vida. Lembro-me que cai de joelhos diante dela, e ela ronronou complacentemente para mim, satisfeitíssima com o trabalho da manhã, e ela bem tinha razão para assim estar.

Minha empregadora deixou-me sair, e eu entrei em meu quarto e me deitei na cama. Mas não pude descansar até escrever-lhe uma carta.

O que continha essa carta eu não sei. Assim que a escrevi e a coloquei num local em que ela a encontraria, senti uma espécie de estupor, e permaneci nesse estado com a minha mente em estado de absoluta suspensão até a tarde seguinte. Ou seja, das duas da tarde até por volta das vinte horas do dia seguinte — trinta horas. Era um frio dia de primavera e ainda caia neve. Uma janela junto à cabeceira da cama estava completamente aberta e o quarto não havia sido aquecido. Eu estava descoberta, mas não sentia nem frio nem fome, e todos os processos do corpo estavam em suspensão. Eu não me movia. As batidas do coração e a respiração eram muito lentas, e continuaram assim por muitos dias.

Fui encontrada por acaso pela governanta, que me reviveu com a simples aplicação de uma boa sacudida e uma esponja fria. Eu estava tonta e sem vontade de me mover ou mesmo de comer. Fiquei deitada na cama e meu trabalho ficou entregue a si mesmo, e a governanta vinha me ver de tempos em tempos, mas não fez nenhum comentário sobre o meu estado. Minha empregadora jamais apareceu.

Cerca de três dias depois, minha estranha amiga, que pensava que eu havia deixado a casa, soube que eu ainda lá me encontrava, e veio me ver; eis um ato que exigia alguma coragem, pois a nossa empregadora mútua era um adversário formidável. Ela me perguntou o que havia ocorrido em minha entrevista com a Diretora, mas eu não pude contar-lhe. Minha mente era um espaço em branco e toda a lembrança dessa entrevista havia desaparecido como quando passamos o apagador sobre uma lousa. Tudo que eu sabia era que das profundezas de minha mente provinha um pânico terrível que me obsediava. Não medo de qualquer coisa ou pessoa. Um medo simples sem um objeto definido, mas não há nada mais terrível do que isso. Fiquei na cama com todos os sintomas físicos que experimentamos sob medo intenso. Boca seca, mãos transpirando, coração palpitante e respiração superficial e acelerada. Meu coração batia tão forte que a cada batida uma maçaneta de bronze caída sobre a armação da cama chocalhava. Felizmente para mim, minha amiga viu que algo estava seriamente

errado e avisou a minha família, que veio buscar-me. Eles ficaram naturalmente muito desconfiados. A Diretora estava embaraçadíssima, mas ninguém podia provar coisa alguma, de modo que nada foi dito. Minha mente era um espaço vazio. Eu estava completamente assustada e muito exausta, e meu único desejo era ir embora.

Eu não me recuperei, contudo, como era de se esperar. A intensidade dos sintomas diminuiu gradualmente, mas eu continuava a me cansar com muita facilidade, como se toda a minha vitalidade tivesse sido drenada. Eu sabia que, em algum lugar no fundo de minha mente, estava oculta a lembrança de uma terrível experiência, e eu não me atrevia a pensar nela, porque, se o fizesse, o choque e o esforço seriam tão severos que minha mente ficaria completamente arrasada. Minha consolação principal era um velho livro escolar de aritmética, e eu costumava passar horas e horas fazendo contas simples para evitar que a minha mente se fragmentasse perguntando o que me haviam feito e esgueirando-se em direção à memória, e dessa maneira eu me afastava da lembrança como um cavalo assustado. Por fim, ganhei um pouco de paz chegando à conclusão de que eu tinha simplesmente um esgotamento por excesso de trabalho, e que todo o estranho ocorrido era fruto de minha imaginação. E no entanto restava a sensação de que tudo era real e de que essa sensação não me deixaria descansar.

Cerca de um ano depois desse incidente, como minha saúde ainda estivesse precária, eu fui ao campo me recuperar, e lá entrei em contato com uma amiga que estivera em dificuldades exatamente por ocasião do meu colapso. Isso nos dava evidentemente bons assuntos para a conversa, e eu encontrara alguém que não procurava explicar minha experiência, mas, ao contrário, fazia perguntas pertinentes. Outra amiga interessou-se por meu caso e arrastou-me ao médico da família, que rudemente diagnosticou que eu havia sido hipnotizada. Esse incidente ocorreu antes dos dias da psicoterapia, e para auxiliar uma mente doente ele se limitou a administrar-me algumas palmadas nas costas e a receitar-me um tônico e brometo. O tônico foi útil, mas o brometo não, pois baixou meus poderes de resistência, e eu rapidamente o pus de lado, preferindo suportar o meu desconforto a ficar inerme. Durante todo o tempo, eu estava obsediada pelo medo de que essa estranha força que fora aplicada sobre mim de modo tão efetivo novamente me atacasse. Mas embora eu temesse esse misterioso poder, que estava bem mais difundido pelo mundo do que eu imaginara, não posso dizer que alívio foi para mim descobrir que todo o ocorrido não era uma alucinação, mas um fato real que podia ser discutido e enfrentado.

Obtive minha libertação desse medo encarando toda a situação e determinada a descobrir exatamente o que me havia acontecido e como eu podia me proteger

contra a repetição da experiência. Foi um processo extremamente desagradável, pois a reação causada por recuperar as lembranças foi um pouco menos violenta do que a original; mas eu finalmente consegui libertar-me de minha atormentada condição de medo, embora tenha decorrido um longo tempo antes de minha saúde física tornar-se normal. Meu corpo era como uma bateria que tivesse sido completamente descarregada. Levava muito tempo para carregá-la novamente, e toda vez que ela era utilizada antes de a recarga estar completa, a carga se perdia rapidamente. Por um longo tempo, fiquei sem reservas de energia, e depois do menor esforço eu caía num sono de morte a qualquer hora do dia. Na linguagem do ocultismo, o duplo etéreo se danificara e o prana havia vazado. Ele só voltou ao normal depois que recebi a iniciação numa ordem oculta na qual treinei posteriormente. Num certo momento da cerimônia, senti uma mudança, e é apenas em raras ocasiões, desde então, após alguma injúria psíquica, que sofro temporariamente daqueles ataques esgotantes de exaustão.

Narrei essa história em detalhes porque ela fornece uma boa ilustração da maneira pela qual os poderes pouco conhecidos da mente podem ser utilizados por uma pessoa inescrupulosa. A experiência de primeira mão tem muito mais valor do que qualquer coletânea de exemplos extraídos das páginas da história, ainda que bem autenticados.

Se o incidente acima descrito tivesse ocorrido durante a Idade Média, o padre da paróquia teria organizado uma caça às bruxas. Á luz de minhas próprias experiências, não me surpreendo que as pessoas que adquiriram a fama de praticar a bruxaria tenham sido linchadas, pois os métodos são terríveis e intangíveis. Podemos pensar que os relatos dos julgamentos de bruxas são ridículos, com as suas histórias de imagens de cera que se derretiam a fogo lento, ou a crucificação de sapos batizados, ou a recitação de pequenos refrões, tais como "Horse, hattock, ia ride, ia ride ".Mas se compreendemos a utilização dos poderes da mente, podemos perceber que esses meios eram utilizados para auxiliar a concentração. Não há diferença essencial entre espetar agulhas numa imagem de cera de uni inimigo e acender velas diante de uma imagem de cera da Virgem Maria. Podemos pensar que ambas as práticas não passam de superstição grosseira, mas não podemos pensar que uma é real e potente e negar a realidade e o poder da outra. "As armas de nossa guerra não são carnais", poderiam muito bem dizer os praticantes tanto da Magia Negra quanto da Igreja.

Meu próprio caso pertence mais ao reino da psicologia do que ao do ocultismo, pois o método empregado consistiu na aplicação do poder hipnótico para fins impróprios; eu o narrei, contudo, porque estou convencida de que os métodos hipnóticos são largamente utilizados na Magia Negra, e de que a sugestão telepática é a chave para um grande número de seus fenômenos. Cito meu

próprio caso, penoso como é para mim fazê-lo, porque uma grama de experiência vale mais do que um quilo de teorias.

Foi essa experiência que me levou a enfrentar o estudo da psicologia analítica, e posteriormente o ocultismo.

Assim que abordei os aspectos mais profundos da psicologia prática e observei a dissecação da mente efetuada pela psicanálise, compreendi que havia muito mais na mente do que era relatado pelas teorias psicológicas em voga. Percebi que permanecíamos no centro de um pequeno circulo de luz projetado pelo conhecimento científico, mas que ao redor de nós havia uma enorme e envolvente esfera de trevas, e que nessas trevas se moviam figuras imprecisas. Foi para compreender esses aspectos ocultos da mente que me dediquei ao estudo do ocultismo.

Vivi muitas aventuras no Caminho; conheci homens e mulheres que podiam ser indubitavelmente alinhados entre os adeptos; vi fenômenos que nenhuma sala de sessões jamais conheceu, e desempenhei minha parte neles; participei de contendas psíquicas, e pus minha atenção na lista da força policial oculta que, sob a direção dos Mestres da Grande Loja Branca, vigia as nações, cada uma de acordo com a sua própria raça; mantive a vigília oculta, quando não se ousa dormir enquanto o sol está abaixo do horizonte; e aguardei desesperadamente, contrapondo meu poder de resistência ao ataque, que as marés lunares mudassem e a força da violenta investida se dissipasse.

E por todas essas experiências, aprendi a interpretar o ocultismo à luz da psicologia, e a psicologia à luz do ocultismo, de modo que uma contraprovasse e explicasse a outra.

Devido ao meu conhecimento especializado, as pessoas me procuravam quando se suspeitava de um ataque oculto, e suas experiências reforçaram e complementaram a minha. Além disso, há uma considerável literatura sobre o assunto nos lugares mais inesperados — nos relatos do folclore e da etnologia, nos anais públicos dos julgamentos de bruxas, e mesmo nos textos supostamente ficcionais. Esses relatos independentes, escritos por pessoas de maneira alguma interessadas nos fenômenos psíquicos, confirmam as exposições feitas por aqueles que experimentaram os ataques ocultos.

Por outro lado, devemos distinguir com muito cuidado a experiência psíquica da alucinação subjetiva; precisamos estar seguros de que a pessoa que se queixa de um assalto psíquico não está ouvindo a reverberação de seus próprios complexos dissociados. Efetuar a diagnose diferencial da histeria, da insanidade e do ataque psíquico é uma operação extremamente delicada e difícil, pois com

freqüência os casos não têm contornos definidos, e mais de um elemento pode estar presente; um agudo ataque psíquico provoca um colapso mental, e um colapso mental deixa a sua vítima aberta à invasão do Invisível. Todos esses fatores devem ser considerados quando se investiga um pretenso ataque oculto, e será minha tarefa nestas páginas não apenas indicar os métodos da defesa oculta, mas também mostrar os métodos da diagnose diferencial.

É de fato necessário que as pessoas identifiquem, com todos os conhecimentos possíveis, um ataque oculto quando o vêem. Essas coisas são muito mais comuns do que pensamos. A recente tragédia de lona corrobora essa afirmação. Nenhum ocultista tem qualquer ilusão de que aquela morte deriva de causas naturais. Em minha própria experiência, tive conhecimento de mortes similares. Em meu romance The Secrets of Dr. Taverner, apresentei, à guisa de ficção, inúmeros casos que ilustram as hipóteses da ciência oculta. Algumas dessas histórias foram ideadas para mostrar a operação das forças invisíveis; outras foram extraídas de casos reais; e outras ainda foram antes anotadas do que redigidas a fim de torná-las acessíveis ao público em geral.

Essas experiências de primeira mão, confirmadas por testemunhos independentes, não deveriam ser menosprezadas, especialmente porque é difícil encontrar explicações racionais para elas, a não ser nos termos das hipóteses ocultas. Seria possível explicar cada caso individual mencionado nestas páginas alegando alucinação, fraude, histeria ou fingimento, mas não é possível explicar a totalidade deles dessa maneira. Não pode haver tanta fumaça sem algum fogo. Não é possível que o prestígio do mágico na antiguidade e o horror das bruxas da Idade Média se tenham originado sem alguma base na experiência. As basófias das bruxas seriam levadas tão a sério quanto as do camponês idiota, se nunca fossem acompanhadas de conseqüências maléficas. O medo foi o motivo das perseguições, e o medo baseou-se na experiência amarga; pois não foi o mundo oficial que incitou as queimas de bruxas, e sim as regiões rurais que provocaram os linchamentos. O horror universal das bruxas deve ter alguma causa atrás de si.

Os meandros labirínticos do Caminho da Mão Esquerda são tão extensos quanto tortuosos; mas embora expondo um pouco de seu horror, sustento, contudo, que o Caminho da Mão Direita da iniciação e do conhecimento oculto é uma trilha para as experiências místicas mais sublimes e um meio de amenizar o fardo do sofrimento humano. Nem todos os estudantes desse conhecimento fizeram necessariamente mau uso dele; muitos, ou quase todos, dele se ocupam desinteressadamente em benefício da humanidade, utilizando-o para curar e abençoar, e redimindo dessa maneira aquele que se perdeu. Poder-se-ia muito bem perguntar: Se esse conhecimento pode ser tão desastrosamente utilizado, qual a razão então de levantar-lhe o véu? A resposta a ser dada a essa questão é

um caso de temperamento. Alguns afirmarão que todo conhecimento, seja qual for, é valioso. Outros poderão dizer que faríamos melhor em não mexer em casa de marimbondos. O problema contudo reside no fato de que os marimbondos têm a infeliz habilidade de se irritarem espontaneamente. Tanto conhecimento oculto está difundido pelo mundo e tantas coisas semelhantes às descritas nestas páginas passam despercebidas e insuspeitas em nosso meio, que é desejável que os homens de boa vontade investiguem as forças que os homens de má vontade perverteram para seus próprios fins. Essas coisas são as patologias da vida mística, e se elas fossem mais bem compreendidas, muitas tragédias poderiam ser evitadas.

Por outro lado, não é conveniente que todo mundo se compraza no estudo de manuais de patologia. Uma vivida imaginação e uma cabeça vazia fazem uma combinação desastrosa. Os leitores do antigo best-seller Three Men in Boat devem lembrar-se do destino do homem que passou uma tarde chuvosa de domingo lendo um manual médico. Ao final da leitura, ele estava firmemente convencido de que tinha todas as doenças nele descritas, com a única exceção da inflamação dos joelhos.

Este livro não foi escrito para simplesmente provocar arrepios, mas pretende oferecer uma séria contribuição para um aspecto pouco compreendido da psicologia anormal, desvirtuado, em alguns casos, para fins criminosos. Destina-se ele aos estudantes sérios e àqueles que se viram envolvidos com os problemas descritos, e que estão procurando compreendê-los e descobrir uma saída. Meu objetivo principal ao falar tão francamente é abrir os olhos de homens e mulheres para a natureza das forças que operam sob a superfície da vida cotidiana. Pode ocorrer a qualquer um de nós abrir caminho pela fina casca da normalidade e encontrar-se face a face com essas forças. Lendo os casos citados neste livro, podemos de fato dizer que, exceto pela graça de Deus, essa possibilidade poderia ocorrer a qualquer um de nós. Se puder transmitir nestas páginas o conhecimento protetor, terei realizado meu objetivo.

PARTE II
DIAGNOSE DIFERENCIAL

CAPÍTULO IX

DISTINÇÃO ENTRE ATAQUE PSÍQUICO OBJETIVO E DISTÚRBIO PSÍQUICO SUBJETIVO

Psiquismo, uma causa freqüente de auto-ilusão / O desenvolvimento inesperadamente rápido dos estudantes conduz às vezes ao distúrbio emocional / Recuperação das lembranças angustiadas de uma encarnação anterior / As descobertas de sensitivos inexperientes devem ser aceitas com cautela / A "insanidade das velhas criadas" / Reações às fixações / O magnetismo de um adepto potente demais para muitas pessoas / O fraudulento / O insano / O ciclo do sexo em relação ao desequilíbrio mental / Um caso de insanidade cíclica / O melhor teste para a autenticidade é o exame dos motivos / O caso da perseguição ilusória / Exemplos de genuínos ataques psíquicos para comparação com os espúrios / A necessidade de cautela em fazer uma diagnose.

O psiquismo, ainda que genuíno, é uma causa freqüente de auto-ilusão. Um sensitivo é invariavelmente muito sensível e sugestionável. Essa é a base de seus dons. Não sendo o psiquismo um desenvolvimento normal, entre os europeus pelo menos, o sensitivo é, na linguagem dos engenheiros navais, "superimpulsionado por sua quilha". Ele é por isso instável, propenso a violentas reações emocionais, e em geral exibe aquelas aberrações de conduta que estamos acostumados a associar aos gênios artísticos. A não ser que um sensitivo seja treinado, disciplinado, protegido e dirigido por aqueles que lhe compreendem a constituição, o seu psiquismo não é digno de confiança, pois o sensitivo é arrastado para onde sopram os ventos. O sensitivo e o neurótico são muito semelhantes em suas reações à vida, mas o neurótico difere do sensitivo porque, ao invés de ser superimpulsionado por sua quilha, ele é subimpulsionado pelas máquinas. O resultado, contudo, é o mesmo — uma discrepância entre a força e a forma com a conseqüente inabilidade para manter um controle central, ponderado e diretivo. A técnica da disciplina oculta visa em grande parte a controlar as forças disparatadas, compensando a sensibilidade do sensitivo e protegendo-o das impressões indesejadas. Não é bom saber como se abre a porta do Invisível sem ao mesmo tempo aprender a fechá-la e trancá-la.

Como se observou na Introdução, é relativamente raro que o Invisível venha em busca de seres humanos. Como disse a Lagarta a Alice a propósito do Cãozinho, "Deixe-o em paz, e ele a deixará em paz". Mas se começamos a estudar o ocultismo ou mesmo a trabalhar com ele, mais cedo ou mais tarde começaremos a obter resultados, desde que, naturalmente, os sistemas que estamos utilizando contenham os germes da eficácia.

No caso de uma pessoa que está trilhando o Caminho pela primeira vez, o progresso é necessariamente lento e trabalhoso, mas uma alma que recebeu a

iniciação em encarnações anteriores pode reabrir as faculdades psíquicas com tal rapidez que o problema de manter a coordenação harmónica da personalidade se torna sério. Ë muito comum uma pessoa que está fazendo seu primeiro contato com o movimento ocultista sofrer um distúrbio psíquico. Essa perturbação é às vezes atribuídas às más influências, e às vezes às entidades malignas. Nenhuma dessas inferências deve ser correta. Há uma terceira possibilidade, que é responsável pelo maior número de vítimas — o fato de que a consciência está sendo perturbada por uma força diferente. ~ muito comum uma criança ficar febril e agitada nos primeiros dias das férias no mar. Ela não está de fato doente. Mas o ar pesado e a comida diferente e a excitação de seu novo ambiente perturbam o seu sensível equilíbrio físico. Ocorre o mesmo quando o neófito sofre um distúrbio no início de sua carreira oculta. As vibrações incomuns o agitam, e ele tem então um ataque de indigestão oculta. Em ambos os casos, o tratamento é o mesmo — restrição temporária da dieta que causou a perturbação.

Uma outra causa do distúrbio psíquico é a recuperação parcial da memória das encarnações passadas, se essas incluem episódios dolorosos, especialmente aqueles que se relacionam com os estudos esotéricos. A entrada de conceitos ocultistas na mente consciente tende a despertar a memória subconsciente de experiências similares nas vidas passadas. A emoção que cerca uma lembrança é invariavelmente recuperada antes da imagem real do acidente. (Esse é um dos melhores testes para a exatidão das memórias das vidas passadas.) Essa emoção prefiguradora pode permanecer por um longo tempo no limiar da consciência antes que as imagens se esclareçam o bastante para se tornarem tangíveis. Se a emoção que está vindo à tona é de natureza dolorosa, ela pode causar uma considerável perturbação, e, na ausência de um orientador experiente, pode ser atribuída a um ataque oculto, ou à percepção psíquica de influências malignas no grupo oculto ao qual o neófito está filiado. Cumpre ter muita cautela na análise das impressões psíquicas de um estudante inexperiente, que pode estar tão cheio de receios como um puro-sangue de dois anos.

Por outro lado, as reações instintivas de uma alma pura e sensível não devem ser ignoradas. As Lojas Negras e as entidades malignas existem. Não devemos permitir que o grito de “Lobo! Lobo!” nos torne indiferentes ou descuidados. Seja como for, a vítima está sofrendo de um desconforto que pode ser suavizado.

É muito difícil determinar psiquicamente se o queixoso tem motivos razoáveis para lamentar-se, pois sua própria imaginação terá preenchido a sua atmosfera com formas mentais ameaçadoras. Não é coisa simples decidir se essas formas mentais são subjetivas ou objetivas. O caminho mais sábio é acreditar que tal prova é suscetível de um exame objetivo e examinar o registro do grupo

particular ou do ocultista contra quem os ataques estão sendo dirigidos. Mas é igualmente necessário examinar o registro da pessoa que está sofrendo os ataques. Que essa pessoa está imbuída dos ideais mais sublimes não é prova de que ela tem uma boa cabeça, um julgamento claro e imparcial, ou uma boa avaliação da natureza das evidências. Uma pessoa não precisa ser necessariamente um mentiroso contumaz para fazer afirmações que estão muito longe da verdade.

Outro fator que se deve levar em conta são as extravagâncias do instinto sexual numa pessoa em quem esse instinto é reprimido. Consideremos o caso de uma mulher, talvez já madura, cujas circunstâncias lhe permitiram pela primeira vez seguir suas próprias inclinações; um caso muito comum em donas-de-casa que precisam esperar pela herança dos falecidos antes de iniciarem a jornada da vida. Ela escolhe o ocultismo, pelo qual pode sempre ter tido uma inclinação, e junta-se a algum círculo para estudar e para possivelmente obter iniciação ritual. O dirigente desse círculo será provavelmente uma pessoa de forte personalidade. A recém--chegada, inexperiente e faminta de amor, está encantada. O ritual é uma coisa muito estimulante, como o clero anglo-católico descobriu por sua própria conta. A mulher, que possivelmente ignora os fatos da vida, sente-se estranhamente agitada. Ela está aterrorizada, sente que algo do Reino de Pã está se aproximando. Seus instintos a farão descobrir a fonte de que procede a influência perturbadora. Ela apontará um dedo infalível para o macho magnético. E raramente levará em consideração as reações da mulher na presença do homem.

Se ela é uma mulher que ignora os fatos da vida, a acusação que ela faz tomará normalmente a forma de uma acusação de influência hipnótica. Ela não compreende que é a natureza que a está hipnotizando. Se ela é uma mulher que conhece algo a respeito do mundo, a acusação pode ser de propostas amorosas impróprias. No mais das vezes, basta apenas olhar para a mulher para descobrir se há de fato qualquer fundamento nessa acusação. ~ raro uma jovem simpática, que poderia com razão estar apreensiva, contar tais histórias. Parece que nunca ocorre às queixosas a idéia de fugir ou de pôr o assunto nas mãos de um promotor. Se, ao fim de uma longa história, cheia de insinuações tenebrosas e sugestões execráveis, fazemos a pergunta "Mas o que ele fez, exatamente? ", a resposta será, quase sempre, "Ele olhou-me de modo significativo".

Quando ouvimos uma dessas histórias, deveríamos dar mais atenção à postura da pessoa que a está narrando do que aos fatos alegados. Isso fornecerá amiúde a informação mais valiosa. É a coisa mais difícil do mundo conseguir que uma vítima genuína fale. A mulher que está contando a história de sua própria vergonha é normalmente uma mulher desprezada, e a fidedignidade de seu testemunho no assunto está na razão inversa de sua loquacidade. Não

esqueçamos que, como nas brigas, é necessário ter duas pessoas para que um escândalo ocorra, e a pessoa que admite um erro e pede ajuda para voltar atrás nos passos errados é muito mais digna de auxilio do que aquela que pretende ser como os anjos do céu, onde não há casamentos ou noivados.

Tão grande é a necessidade de cautela para avaliar os fatos numa acusação de imoralidade que as cortes legais não aceitarão o testemunho da vítima, mesmo sob juramento e sob interrogatório, a menos que ele seja corroborado por testemunho adicional. O médico deve conhecer o mesmo tipo de mentalidade, e uma forma comum de distúrbio mental recebe o nome, até mesmo nos manuais, de Insanidade da Velha Criada.

Eu poderia citar dezenas de casos que exemplificam as afirmações precedentes, mas eles não têm suficiente interesse oculto para justificar a sua inclusão nestas páginas.

Se quem comanda o grupo é uma mulher, um ramo diferente de reações entra em jogo, embora as mesmas causas estejam em ação. Não se compreende geralmente que a fixação, ou a paixão de uma mulher por outra, é na verdade um caso de amor substitutivo, como o prova o fato de que a jovem que tem muitos admiradores, ou a mulher que é feliz no casamento nunca se entregam a ela. Nesse caso, assim como na atração heterossexual normal, “o inferno não conhece nenhuma fúria como a da mulher desprezada”; não é possível, por razões óbvias, receber acusações de comportamento impróprio. (Embora em uma acusação isso tenha sido alegado contra mim, tendo eu sido acusada de ser um homem disfarçado e de tentar seduzir a queixosa, e houve quem acreditasse nisso.) A acusação feita em tais casos toma normalmente uma de duas formas, sendo o seu mecanismo ou “Você não me ama, portanto você é cruel. Eu fui tratada cruelmente”; e os exemplos mais afetados se alinham de acordo com essa acusação. Ou “Você não me asna, portanto eu o odeio. A atração que você tem por mim é hipnótica”.

Deve-se ter em mente, ao se avaliar essas acusações, que um ocultista treinado, especialmente de um alto grau, tem uma personalidade extremamente magnética, e isso pode perturbar aqueles que não estão acostumados com forças psíquicas de alta tensão. Pois ao passo que uma pessoa que está madura para o desenvolvimento desabrocha rapidamente uma consciência superior na atmosfera de um iniciado de alto grau, a pessoa que não está pronta pode descobrir que essas influências são profundamente perturbadoras. Um adepto que permite que pessoas inadequadas penetrem o seu campo magnético é digno de reprovação por sua falta de senso e discrição, mas ele não pode ser justamente acusado de abusos de poderes ocultos. Ele emana força involuntariamente e não pode ajudar a si próprio. Os maiores adeptos sempre

vivem em reclusão, não só porque precisam de solidão para o seu trabalho, mas também porque a sua influência sobre almas despreparadas produz uma reação muito violenta, e isso termina na Cruz ou na taça de cicuta.

Não devemos negligenciar o fato de que a pessoa que nos chega com uma longa história de ataque oculto e pede auxilio, especialmente ajuda financeira, pode estar simplesmente inventando uma lorota, e deveríamos utilizar a mesma discriminação que empregamos ao ouvir as calamidades de uma outra, tentando diferenciar entre o falso e o verdadeiro. Conheci um homem que permitiu que um pretenso adepto que estava sofrendo de um pretenso ataque oculto se refugiasse em seu estúdio, e ao retornar de uma breve ausência descobriu que o pretenso adepto havia vendido a mobília para comprar bebida; e ele teve toda a razão para acreditar que os únicos espíritos que estavam de alguma maneira envolvidos nos problemas do falso adepto haviam penetrado o estúdio dentro de garrafas.

Ás vezes o ataque oculto provém simplesmente das fantasias de um demente, e isso não invalida necessariamente o fato de que se pode encontrar uma segunda pessoa que traz evidências corroborativas. Os alienistas conhecem uma curiosa forma de insanidade chamada folie de deux, na qual duas pessoas intimamente associadas partilham juntas das mesmas ilusões. Descobre-se comumente em tais casos que uma é claramente insana, e que a outra é de um tipo histérico e imbuiu-se das ilusões de sua companheira por meio da sugestão. Utilizo o feminino porque essa forma de insanidade é rara nos homens. Ela ocorre com freqüência com duas irmãs ou com duas mulheres que vivem juntas.

Há outra armadilha que o ocultista experiente deveria observar em suas relações com a pessoa que se queixa de um ataque oculto. A insanidade pode ser periódica em suas manifestações, com ataques de mania aguda alternando com períodos de completa sanidade. Esse caráter periódico deveria ser sempre observado no caso das mulheres, nas quais qualquer instabilidade temperamental é grandemente exagerada durante as épocas das regras, na mudança de vida, durante a gravidez e, de fato, em qualquer período em que a vida sexual é estimulada à atividade, seja emocionalmente ou fisicamente. Deve-se também ter em mente que nos casos patológicos a periodicidade das funções femininas pode ser grandemente perturbada.

Eu tive certa vez uma boa lição a esse respeito, que exemplifica a necessidade de cautela. Na apresentação de um de nossos membros, nós tínhamos recebido em uma de nossas casas comunitárias uma mulher cujo marido, um homem bastante conhecido na vida pública, se recusava a viver com ela, como fui informada, e fizera diversas tentativas para livrar-se dela, ameaçando interditá-la por insânia se ela de alguma maneira lhe resistisse. Esses fatos foram

testemunhados por um círculo de amigos que conheciam tanto o homem como a mulher. Eu mantive essa mulher sob observação durante um mês, para verificar se havia algo que justificasse a acusação de insanidade e, nada constatando, assumir o caso. Na sétima semana, contudo, a perturbação se manifestou. Ela entrou num grande estado de excitação, declarou que estava morrendo de fome e sendo maltratada pela pessoa que, em minha ausência, era responsável pela casa. Sete semanas mais tarde tivemos outro ataque, durante o qual ela disse que as más influências provinham de um certo armário em seu quarto, vagueou pela casa em trajes extremamente inadequados e perdeu todo o autocontrole. Esse ataque teve também curta duração. Descobrimos, por fim, que ela sofria de uma apendicite crônica que envolvia o ovário direito e que, quando a sua menstruação extremamente irregular ocorria, ela perdia a cabeça por alguns dias. O caso era ainda agravado pelo fato de que durante os intervalos ela era em todos os aspectos perfeitamente sã. Após ter deixado a nossa casa comunitária, ela contou sobre nós exatamente as mesmas histórias que havia contado anteriormente sobre o marido. O lunático incurável é um problema muito menos sério para a sociedade do que esses casos limítrofes. É preciso tratá-los com extrema cautela, pois eles podem causar uma imensa confusão.

Quando uma insanidade atingiu um estágio avançado, todo aquele que teve alguma experiência com os lunáticos tem pouca dificuldade para reconhecê-la. Cada tipo de insanidade tem a sua expressão facial característica e mesmo seu modo de andar. Mas não é tão simples, mesmo para o especialista, reconhecer uma insanidade em seus estágios iniciais. Os lunáticos são extremamente convincentes, e se assimilaram um pouco do jargão ocultista e do espiritualista, podem apresentar adequadamente as suas razões. Mesmo o alienista experiente tem amiúde de manter um caso sob observação para certificar-se de que se trata ou não de uma insanidade real.

Num campo cm que os especialistas estão freqüentemente em dúvida, o que deve fazer o leigo diante de um caso que desperta as suas suspeitas? Ele não pode reconhecer uma insanidade quando a vê, mas seu próprio senso comum poderia guiá-lo. Em outras palavras, que ele suspenda o julgamento sobre os fatos alegados e se concentre na questão dos motivos. É aqui que ele encontrará a sua melhor indicação. Se uma pessoa não pode oferecer nenhuma explicação válida para as razões de um ataque que a está atingindo, nem para a sua causa ou origem, podemos estar quase certos de que esse ataque tem origem em sua própria imaginação.

Num caso que me veio às mãos em busca de auxilio, a vítima do ataque, um homem, declarou que estava sendo perseguido por sugestão telepática. Indaguei sobre a origem de sua perseguição, e ele disse que algumas pessoas que viviam no apartamento vizinho costumavam sentar-se num círculo e concentrar-se

sobre ele. Perguntei-lhe por que elas agiam daquela maneira, e ele não pôde dizer-me. Ele simplesmente reiterou que elas o faziam, embora admitisse que nunca estivera no apartamento delas, nem, de fato, jamais lhes falara exceto para trocar um bom-dia nas escadas. Era evidente que não havia nenhum motivo razoável para essas pessoas se darem ao trabalho de persegui-lo. Se alguém já fez experiências com sugestão telepática conhecerá a intensa concentração que ela requer e o duro trabalho que é executá-la, e não se pode imaginar alguém dando-se ao trabalho de fazê-la por longos períodos de tempo sem um motivo bem definido. Ouvi falar, contudo, de um caso bem autenticado de uma mulher que teve uma ligação com um homem casado que atacava a esposa dessa maneira. Eu mesma conheci dois casos em que um certo indivíduo, que tinha bastante influência nos círculos transcendentais, que os jornais chamavam impolidamente de sua “Loja de Louvor”, e que era igualmente conhecido no centro financeiro de Londres por seus esforços para obter ouro da água do mar, utilizava sugestão telepática para induzir a assinatura de cheques e documentos. Em face de alguém que esperava por uma entrevista, esse homem sentava-se e concentrava-se sobre seu interlocutor. Tão forte era a influência assim exercida que um homem de minhas relações renunciou a um posto importante por causa da influência mental indevida que sentia sobre si, e outro renunciou ao conselho de uma de suas companhias pela mesma razão.

Em ambos os casos não é difícil procurar um motivo adequado para o ataque mental. Comparem esses dois casos com o exemplo anterior, e a diferença pode ser facilmente percebida. Deveríamos, contudo, ser tão cautelosos em decidir se não há nada errado quanto em aceitar por seu valor aparente as afirmações que nos possam ser feitas. Além disso, deveríamos ter sempre em mente, quando tratarmos com uma pessoa que está obviamente perturbada e que alega um ataque psíquico, que o desequilíbrio mental pode ter sido induzido pelo ataque psíquico. A vida é, na melhor das hipoteses, uma coisa estranha, e muitas coisas que são mais estranhas do que o normal podem acontecer àqueles que se movem nos círculos ocultos.

CAPÍTULO X
OS PERIGOS NÃO-OCULTOS DA LOJA NEGRA

As Lojas Negras e o submundo / Tipos de crime comumente associados às Lojas Negras / Precauções necessárias / Caráter e lembrança de mestres ocultos / O periódico Truth / Extorsão / As más influências / Drogas e Imoralidade / Perigo para os rapazes / Sacrifício humano / Políticas revolucionárias / Sinais de uma Loja Negra.

Os fatos considerados no capítulo anterior, embora nos possam tornar cautelosos quanto ao exame das provas, não nos devem cegar quanto ao fato de que há ovelhas negras em todos os rebanhos e de que uma fraternidade que começou com as melhores intenções pode inadvertidamente, pela ignorância ou imperfeição de seus dirigentes, desviar-se para o Caminho da Mão Esquerda. Pessoas perfeitamente inocentes podem associar-se a ela numa fase de degradação não confessadamente negra, e essas pessoas podem ver-se em águas que são desagradavelmente turvas, se não realmente perigosas.

Os perigos esotéricos serão estudados em detalhe no próximo capítulo e consideraremos aqui os perigos exotéricos que podem ocorrer atrás do Véu do Templo, pois a natureza humana é sempre a mesma onde quer que a encontremos, e mostra pouca originalidade em escolher seu caminho para o Abismo. Poder-se-ia pensar que num livro como este não é necessário abordar tais assuntos, mas se este livro deve servir ao propósito para o qual foi escrito, é necessário fazê-lo por três razões; em primeiro lugar, porque a maior parte dos estudantes de esoterismo são mulheres, e mesmo em nossos dias esclarecidos elas geralmente ignoram a vida do submundo, e uma Loja Negra conduz por um caminho direto e estreito para a terra de apaches e mundanas, lado a lado com as suas outras inconveniências. Em segundo lugar, porque o conhecimento desses fatos é essencial para a diagnose diferencial. E, em terceiro lugar, porque os poderes ocultos não são incomumente utilizados para a obtenção de fins puramente mundanos e, por conseguinte, quando a questão da criminalidade comum está associada a uma organização oculta, os resultados podem ser complicados por uma mistura de métodos que pertencem a outro plano.

Devemos sempre lembrar que uma loja não precisa necessariamente ter sido formada com o propósito expresso de burlar a lei; ela pode ter-se iniciado com um fim perfeitamente legítimo, e ter sido explorada por pessoas malévolas para seus próprios objetivos, pois, devido à natureza secreta de seus procedimentos, a forma de organização da fraternidade se presta a várias formas de transgressão da lei.

Sabe-se muito bem que uma organização oculta se envolveu com o tráfico de drogas, e que outra estava metida com o vício antinatural. Uma terceira degenerou num estabelecimento pouco melhor do que uma casa de má fama, e seu chefe era um experiente aborteiro. Outras se envolveram com políticas subversivas. Aqueles que se juntam às fraternidades sem investigá-las — a elas e às credenciais dos dirigentes — criteriosamente, podem ver-se envolvidos em uma ou em todas essas coisas.

Atrás do véu do segredo, guardado por impressionantes juramentos, muitas coisas podem acontecer, e é, portanto, essencial tomar cuidadosas informações a

respeito do caráter, das credenciais e da folha-corrida dos líderes de uma organização.

Se esses dados não são acessíveis, algo está errado. O Estranho Misterioso, que acabou de chegar do Oriente ou do continente com referências vagas, é provavelmente uma fraude.

Se encontramos alguma dificuldade para descobrir os antecedentes de um pretenso adepto, podemos consultar o conhecido periódico Truth, da Carteret Street, S. W. I. Truth foi originalmente fundado para denunciar os abusos na vida econômica e pública, e para esse fim ele mantém uma “Lista Negra” de indivíduos que devem ser evitados. Esse periódico é leal e destemido em seus métodos, não um perseguidor nem um encomiasta de pessoas. Ele mantém um olho vigilante sobre o campo do ocultismo e expõe ao ridículo os charlatães, uma tarefa para a qual ele deveria contar com a gratidão e o apoio de todos os que têm a causa da Religião da Sabedoria no coração.

O perigo mais comum a que uma pessoa que entra na companhia de indivíduos indesejáveis está exposta é o de ser induzida a entregar mais dinheiro do que é conveniente pelos expedientes tradicionais da trapaça e da chantagem, sendo esta de longe a forma mais comum de aborrecimento nas Lojas Negras. O único remédio em todos os casos é colocar o assunto nas mãos da polícia. Em primeiro lugar, é seu dever como cidadão para que outros não sejam envolvidos como você. Em segundo lugar, se você não o faz, os perseguidores não o deixarão até que o tenham sugado por completo, e não o deixarão se descobrirem que você é útil como joguete. Jamais nos livramos de um chantagista dando-lhe dinheiro. Isso é apenas um convite para que ele o faça novamente. Aja rápida e firmemente no início e você logo estará no fim de seus aborrecimentos.

Conseguir dinheiro com ameaças é chantagem, e obrigar alguém a fazer certas ações por ameaça também é um crime. Acordos fechados ou documentos assinados em conseqüência de ameaças não têm validade. As ameaças não precisam ser necessariamente grosseiras e abertas, como as que são feitas com um revólver; tudo aquilo que o coaja contra suas inclinações pode ser interpretado como uma ameaça. Por exemplo, suponha que lhe informaram, ainda que com tato, que se você não subscrever os fundos de uma organização, seu interesse pelo ocultismo estará sujeito a ser alvo de comentários, e poderá envolvê-lo em aborrecimentos com seus parentes ou empregados. Isso, aos olhos da lei, é chantagem. Qualquer coisa, de fato, que tira vantagem do medo de uma pessoa é uma chantagem.

Consideremos agora qual é a melhor coisa a fazer se você está sendo chantageado. Dificilmente será sensato responder à chantagem com chantagem. A melhor coisa a fazer é responder que você pensará no assunto e verá o que pode ser feito, e então ir direto ao posto policial mais próximo e contar toda a história. Você pode estar certo de que será atendido com a máxima gentileza e atenção, e que todo esforço será feito para ajudá-lo, mesmo que você tenha que admitir que sua conduta não foi irrepreensível. Indo à polícia e contando francamente o estado de seus negócios, você estará depondo contra o réu, e as autoridades têm todo interesse em proteger as pessoas que fazem isso.

Não se desencorage pelo fato de que não pode apresentar nenhum testemunho adicional em apoio de sua afirmação. A polícia poderá dizer-lhe que não há prova evidente para solicitar um mandado de prisão; entretanto, eles farão investigações, e o próprio fato de a polícia estar investigando é suficiente para tirar o sossego dos chantagistas e provavelmente para espantá-los do país, e eles normalmente não farão revelações inconvenientes en route, preferindo antes fugir enquanto é possível. Além disso, a sua queixa irá para os registros da polícia, e a vigilância será mantida; no devido tempo, outra queixa pode ser feita, ou, pelo que você sabe, já pode ter sido feita, e então a rede começa a se fechar.

Lembre-se sempre de que uni chantagista tem mais medo de expor-se do que você; por qualquer aborrecimento que possa estar reservado para você, ele tem à frente um longo período de reclusão. Uma oportuna lembrança desse fato faz maravilhas com os presumíveis chantagistas.

O medo de expor as suas próprias falhas não deve detê-lo. A natureza das acusações feitas contra você pelo chantagista jamais será mencionada. Não é você quem está sendo julgado. E sua identidade não será revelada. Você será designado como Sr. A. ou Sra. B. Longe de ser tratado como uni criminoso ou de ter um dedo acusador apontado contra você, descobrirá que é visto como uma pessoa que está prestando um serviço público e todo esforço será feito pelas autoridades para desembaraçar seu caminho. Um esforço deliberado está sendo feito no presente para extinguir esse crime abominável, e os juizes têm aplicado sentenças exemplares e procurado proteger os demandantes de todas as maneira, no propósito de encorajá-los a apresentarem-se.

Mas além de qualquer forma de coerção, pessoas incautas, cheias de entusiasmo ou encantadas pela nova revelação, podem despender muito mais dinheiro do que seria razoável; elas podem mesmo despender tudo que têm, e, depois, desiludidas pelos eventos posteriores, lamentar grandemente o tê-lo feito. Em muitos casos, um procurador competente pode conseguir a devolução dos bens.

Os tribunais não vêem com bons olhos as contribuições excessivas aos "movimentos".

Não é preciso dizer que nenhuma organização conduzida corretamente consentiria em aumentar seus fundos às expensas da ruína de um de seus membros. Cumpre também, naturalmente, proteger-se contra a extravagância e a malevolência e as maquinações do indivíduo que tenta comprar prestígio por intermédio das subscrições. Sempre foi nosso costume, na Fraternidade da Luz Interior, insistir em que qualquer mulher que se propõe a dar uma grande doação deveria consultar seu conselheiro de finanças antes de fazê-lo. Por uma razão ou outra, recusamos mais de vinte e cinco mil libras durante os últimos sete anos. E não temos qualquer razão para lamentar tê-lo feito. A força de uma organização oculta não está no plano físico.

Ë bem sabido que há várias drogas que podem ser utilizadas para exaltar a consciência e induzir um psiquismo temporário. Mas talvez não se saiba que muitas dessas substâncias estão sujeitas ao controle das autoridades e que obtê-las de fontes irregulares, ou mesmo ter a posse delas para fins ilegítimos, constitui crime sujeito a prisão, e nesse caso também as autoridades estão alertas e os magistrados costumam ser extremamente drásticos.

Todos os iniciados do Caminho da Mão Direita concordam em que exaltar a consciência por meio de drogas é um procedimento perigoso e indesejável. Existem pesquisadores que por razões legítimas desejam empreender uma experiência, mas não posso conceber qualquer razão legítima para introduzir um neófito no hábito das drogas. Em todo caso, se tais experiências são tentadas, elas deveriam ser conduzidas sob a supervisão de um médico qualificado, que estaria em condições de prevenir a catástrofe ou de lidar com ela no caso de sua ocorrência. As drogas que alteram a consciência afetam também o coração, e o coração nem sempre é como deveria ser. Além disso, a composição das drogas raras não está padronizada e varia bastante; elas podem conter várias impurezas, e as amostras podem tornar-se anormalmente tóxicas. O aborrecimento de termos sob as mãos um cadáver inesperado e inexplicável só é superado pelo desgosto de tornarmo-nos nós mesmos o cadáver, e uma dessas eventualidades pode ocorrer quando as pessoas começam a fazer experiências com drogas que "afrouxam os laços da mente".

A moral da humanidade em geral deixa muito a desejar, do ponto de vista do puritano, e as organizações ocultas que ocupam as costas marítimas da Boêmia, mais ainda. As poucas organizações que afirmam que o ocultismo é essencialmente uma religião mantêm um padrão elevado; as demais são abençoadas com uma coleção calidoscópica de amantes. Isso não nos diz respeito. Se as pessoas preferem pular a cerca, elas é que sabem. Não

consideraremos por enquanto os abusos ocultos da força do sexo, pois esse tema será estudado em detalhes no lugar adequado. Analisaremos neste capítulo a forma absolutamente normal com que a imoralidade é camuflada sob a capa do ocultismo. A esse respeito, inúmeros casos chegaram ao meu conhecimento. O chefe de um grupo seduzia sistematicamente as suas pupilas sob o pretexto de que isso era parte de sua iniciação, e o grupo aceitava a situação num espírito do mais puro auto-sacrifício. Muitas outras lutavam desagradavelmente contra a maré, com o resultado de que as “paixonites” e os posteriores colapsos nervosos eram muito freqüentes. Não é preciso dizer que tais métodos não fazem parte do Caminho da Mão Direita.

Ë surpreendente o número de mulheres de ideais elevados, de boa família e de ampla cultura que podem ser induzidas a aceitar tais teorias e tais práticas. O perigo que aguarda as jovens ou as mulheres inexperientes que se associam a esses grupos pode ser facilmente imaginado.

Eu fui várias vezes acusada de ter uma mente estreita em minha atitude para com os grupos em que tais acontecimentos eram permitidos, mas o custo em sofrimento humano é tão grande e a desmoralização geral tão sórdida que a tolerância chega perigosamente perto do cinismo. Talvez não se saiba, mas os meninos e os jovens correm tanto o perigo da corrupção numa Loja Negra quanto, as mulheres. Já houve casos tão flagrantes não só aqui como no exterior, que a policia foi obrigada a intervir.

Nos tempos antigos, e entre pessoas primitivas, o sacrifício humano era um acontecimento comum relacionado com as práticas ocultas. A Europa oriental conhece esse rito ainda nos dias de hoje. A história do Barba-Azul tem a sua origem nas práticas do infame Gilles de Rais, marechal de França e companheiro de Joana d’Arc, que massacrou inúmeras crianças e jovens em função de suas experiências mágicas. Eu jamais ouvi falar de um desses casos na Inglaterra, mas dos Estados Unidos nos têm chegado em diferentes ocasiões os relatos de curiosos assassínios que se assemelham a assassínios rituais; porém, na ausência de informação adequada, é impossível chegar a uma conclusão final a esse respeito. Não obstante, chegou-me recentemente às mãos um livro sobre magia publicado para circulação restrita, no qual se faz a afirmação de que o sacrifício de sangue ideal é o de uma criança do sexo masculino.

O movimento ocultista é com freqüência acusado de entregar-se a atividades revolucionárias. Há certos aspectos, no entanto, que devem ser considerados quando se avalia a verdade dessa acusação. Em primeiro lugar, o movimento ocultista não é um todo homogêneo. Ele está totalmente desorganizado e pode ser comparado à situação política da Inglaterra antes da Conquista normanda. A

constituição dos vários grupos e associações varia enormemente, e o que é verdade para um pode não ser verdade para outro. Não há dúvida de que várias organizações em várias épocas estiveram implicadas com a política, como o demonstra a associação da Sociedade Teosófica com os movimentos políticos indianos, mas devemos ter em mente que os revolucionários de uma geração são os reacionários da próxima geração. Afinal, a política é uma questão de opinião, e mesmo as pessoas de quem discordamos podem estar, afinal, certas. Eu, pessoa]mente, acredito que uma fraternidade oculta nunca deve ocupar-se de política, por razões que apresentei em outro de meus livros, Sane Occultism, e que não discutirei aqui, por serem irrelevantes nestas páginas. Mas, visto que as pessoas se têm reunido desde tempos imemoriais visando à ação política, não podemos fazer objeção a algo que a lei permite. As pessoas que se vinculam a uma organização fundada para a ação política vinculam-se com os olhos abertos e presumivelmente para os fins para os quais ela foi fundada. Há razões para objeção, contudo, quando uma organização é fundada para atividades não-políticas e posteriormente os seus dirigentes, sem consultar, ou sequer informar os seus seguidores empreendem atividades políticas por sua própria conta, utilizando a organização para esse propósito e envolvendo, assim, os seus seguidores, sem seu consentimento, nas complicações que podem surgir, e empregando o dinheiro das contribuições para um fim específico em finalidades que os doadores não tinham em vista. Poder-se-ia perguntar que uso, na atualidade, os revolucionários poderiam fazer das organizações ocultas. Quanto ao que sei, eles utilizaram ou tentaram utilizá-las para enviar as cartas de pessoas cuja correspondência estava sendo vigiada, e eu mesma recebi certa feita um pedido para permitir que uma pessoa que havia sido deportada retornasse ao país sob um nome falso e demorasse em uma de nossas casas comunitárias como um membro regular, e algumas centenas de libras foram oferecidas para que o fizéssemos. Não é preciso dizer que a correspondência foi envia da imediatamente às autoridades. Os problemas que examinamos neste capítulo não são peculiares às fraternidades ocultistas, mas são comuns a qualquer organização que não discrimina os seus membros. As organizações que fazem publicidade devem forçosamente aceitar todos os que se apresentam e dar-lhes um destino à luz da experiência posterior, e algumas dessas experiências podem ser muito bizarras. Não se pode censurar uma organização que aceita uma ocasional ovelha negra, a não ser que ela mantenha todo um rebanho com essa cor.

Uma loja de duvidosa pureza pode ser facilmente reconhecida pelas pessoas que a freqüentam e que podem muito bem ser comparadas ao aventureiro decadente com fumos de requinte, que gosta de emoções fortes. As verdadeiras Lojas Negras são guardadas tão cuidadosamente quanto as Lojas Brancas de grau elevado, e nenhum estranho tem acesso a elas. O estudante sério de Ocultismo Negro visa ao conhecimento e à experiência mágica e não vai perder o seu

tempo com um aprendiz. Aqueles que preferem graduar-se numa Loja Negra, depois de cumprirem seu aprendizado na Corte Exterior de uma Loja Branca, fazem a escolha de olhos abertos, e a experiência deve ser seu mestre. Não devemos lastimá-los se a experiência é penosa. A pessoa que estou disposta a auxiliar é a pessoa que é uma vítima, não aquela cujo tiro saiu pela culatra. O homem ou a mulher que, rejeitando os passos graduais do Caminho da Iniciação, escolhe subir com um foguete, terá depois que descer apoiado numa bengala.

Qualquer solicitação de uma grande soma de dinheiro deveria ser sempre encarada como um sinal de perigo. É uma das condições mais estritas da iniciação que o conhecimento oculto jamais pode- ser vendido ou utilizado para ganho. Sei de um ocultista que cobra trezentas libras por uma das iniciações que concede; e ele a dará a quem quer que tenha trezentas libras. Em minha opinião, a pessoa que paga trezentas libras por tal objetivo faz jus à espécie de iniciação que vai obter.

É também um mau sinal quando um ocultista utiliza livremente os prodígios diante dos não-iniciados. Nenhum adepto genuíno jamais fará isso. A pessoa que revira os olhos, lê nossas encarnações passadas, descreve nossa aura, contorce-se e nos dá uma mensagem de seu Mestre assim que lhe somos apresentados, eis alguém que devemos evitar.

Quanto mais observo o movimento ocultista, mais me surpreendo com as coisas que as pessoas podem dizer e fazer sem serem punidas. A pessoa comum não está no seu normal quando lida com assuntos psíquicos. Ela passa normalmente por três fases. Em primeiro lugar, pensa que tudo é superstição e fraude. Em segundo lugar, quando o seu ceticismo se rompe, ela acredita em qualquer coisa. Em terceiro lugar, se consegue chegar ao terceiro lugar, ela aprende a discrição e distingue as Fraternidades Negras e as Fraternidades Brancas das Fraternidades Tolas.

CAPÍTULO XI
O ELEMENTO PSIQUICO NO DISTÚRBIO MENTAL

Personalidade, individualidade e reencarnação / Os três grandes instintos / Histeria / O neurótico / Insanidades orgânicas / As glândulas endócrinas / O sangue / Contatos com o Invisível / A concepção cabalística dos Remos Invisíveis / O Qlippoth em relação à insanidade / A consciência em relação às Esferas / O psiquismo do psicopata e Base comum da psicologia e do ocultismo / Métodos ocultistas para lidar com a insanidade e Obsessão.

Vimos num capítulo anterior que os distúrbios nervosos e mentais podem estimular um ataque psíquico, especialmente se o sujeito está familiarizado com a terminologia do ocultismo. Devemos considerar também o papel desempenhado pelo ataque psíquico nas desordens nervosas e mentais. Mas antes de iniciarmos esta seção de nosso estudo, devemos dar uma breve explicação sobre a natureza das perturbações nervosas e mentais e sobre a distinção entre ambas. Não entraremos em considerações acadêmicas, pois estas páginas não foram escritas para o psicólogo profissional ortodoxo — que tem inúmeros manuais à sua disposição —, mas para a pessoa cujo interesse está em primeiro lugar nos temas ocultistas, e que enfrenta o estudo do assunto desprovida dos tecnicismos da psicologia e da psicofisiologia, duas ciências de que precisamos ter pelo menos um conhecimento prático para enfrentarmos os trabalhos ocultos.

No curso de uma encarnação, a mente está assentada sobre as funções das características do Eu Superior, ou Individualidade, que é a alma imortal que se desenvolve no curso de uma evolução. A mente, por conseguinte, é parte da personalidade — a unidade da encarnação — que começa no nascimento e se dissolve na morte, sendo a sua essência absorvida pela personalidade, que assim se desenvolve.

A mente é essencialmente o órgão de adaptação ao meio ambiente, e é quando essa adaptação falha que as perturbações neuróticas e histéricas começam. Toda criatura viva é um canal por onde flui a corrente de força vital que procede do Logos, o Criador deste universo. Essa corrente divide-se nos três canais principais, que para nós correspondem aos três grandes instintos naturais, a Autopreservação, a Reprodução e o Instinto Social. Essas são as três molas principais de nossas vidas. A própria pressão da vida está atrás desses canais, e se eles são bloqueados além de seu poder de compensação (por mais considerável que este seja), eles agem como as correntes cujos canais estão bloqueados e que, em conseqüência, transbordam e encharcam as terras adjacentes.

A emoção é o aspecto subjetivo de um instinto. Ou seja, quando um instinto está operando, nós sentimos emoção. Toda emoção que sentimos pode ser referida a um ou outro dos instintos. Nosso ressentimento pela crítica à nossa dignidade tem suas raízes no instinto da Autopreservação. Nosso amor à arte tem seu elevado aspecto espiritual e seu aspecto físico elemental, e a transmutação de um plano ao outro ocorre livremente, de modo que, a não ser que compreendamos o significado dessas manifestações, poderemos incorrer em erro. Na compreensão desse ponto está a chave da ciência da vida.

Se um desses grandes instintos é tão frustrado que todas as tentativas de compensação sucumbem; ou se o temperamento é tão inelástico e inflexível que não modificará suas exigências, o ego faz uma desesperada tentativa final de ajustamento que ultrapassa os limites em que as relações harmoniosas com o meio ambiente podem ser mantidas. As relações com o meio ambiente se rompem, e a mente abandona, pelo menos em parte, a esfera. da realidade, ingressando na esfera da imaginação. A sensação de valores fixos se perdeu, e as coisas assumem uma importância simbólica. Esse rompimento pode ser parcial, restringindo-se a certos aspectos da vida, ou pode ser total.

Na histeria, as forças odiosas da vida permanecem no canal, mas jorram com força concentrada por qualquer comporta que possa estar aberta para elas. Conseqüentemente, ao invés de o rio sob obstrução ser um corpo de água que flui suavemente, ele desce em rápidos e sorvedouros difíceis e perigosos para navegar, de modo que o barco da vida neles naufraga. O país circunvizinho é também reduzido a um lamaçal, nem terra nem água. Em outras palavras, o temperamento torna-se tempestuoso e indevidamente emocional, e os fatores não-emocionais da mente, como o julgamento e o autocontrole, se descoordenam. Esse temperamento está perpetuamente em dificuldades com a vida, e periodicamente as emoções reprimidas transbordam em acessos de gritos e movimentos musculares convulsivos, que agem como válvulas de segurança e aliviam temporariamente a pressão.

O neurótico difere do histérico por certas características marcantes que precisam ser cuidadosamente consideradas, pois são muito importantes do ponto de vista prático. As perturbações neuróticas começam da mesma maneira que os distúrbios histéricos, pois resultam da emoção reprimida e da falta de adaptação ao meio ambiente; mas nesse caso, as forças vitais agem para abrir novos canais que possam circundar o obstáculo que lhe bloqueia o caminho. Temos, conseqüentemente, o que os psicólogos chamam de deslocamento emocional. Um assunto relativamente pouco importante torna-se objeto de uma efusão que não condiz em absoluto com a realidade, pois esse objeto foi substituído por outra coisa. É esse curioso trilhar subterrâneo da emoção na mente que causa tanta desordem, pois o sofredor não é insano e, no entanto, certas seções de seus valores e reações à vida estão pervertidas. Ele é uma pessoa extremamente difícil de lidar, porque é dado a amores e ódios e medos inesperados e absolutamente irracionais, e age de acordo com eles.

Condições semelhantes prevalecem nas insanidades orgânicas; as conseqüências psicológicas são as mesmas, mas, visto que a origem é física, e não mental, a psicoterapia pouco pode fazer por elas. Mesmo assim, algo pode ser feito para trazer-lhes alívio, embora não para curá-las por completo; consideremos então esse assunto dos pontos de vista psicofísico e ocultista.

O corpo é o veículo da mente. Se o veículo é falho, a mente não pode expressar-se corretamente; suas reações serão distorcidas. A ciência ortodoxa diz que o cérebro é o órgão da mente, mas a ciência esotérica diz que o cérebro é o órgão de percepção das impressões dos sentidos e de coordenação dos impulsos eferentes. É a estação telefônica do sistema nervoso. É apenas um dos pontos em que a mente toca o corpo, sendo os outros as glândulas do sistema endócrino, a pineal, a pituitária, a tireóide, as supra-renais, o timo e as gônadas; podemos acrescentar-lhes ainda o Plexo Solar e o Plexo Sacro. O estudioso da fisiologia tântrica terá naturalmente observado que os Chakras coincidem em sua localização com os órgãos endócrinos.

As glândulas endócrinas têm por tarefa manter a composição química do sangue, nele despejando suas secreções, chamadas hormônios, em certas proporções equilibradas. Se a balança está de alguma maneira desregulada, seja por um excesso de secreção, seja pela falta de outra, profundas alterações ocorrem no metabolismo. Todos os processos vitais são regulados pelas glândulas endócrinas, e elas podem ser apressadas ou retardadas em seus diferentes aspectos quando a balança das endócrinas se altera. Sabem os fisiologistas que essa balança endócrina está intimamente associada aos estados emocionais, e especialmente à vivacidade ou apatia do temperamento. Os psicólogos não avaliam suficientemente a importância dos recentes trabalhos sobre as glândulas endócrinas, mas os ocultistas conhecem tanto esse aspecto da psicofisiologia quanto os ensinamentos tradicionais. Os exercícios de respiração do sistema yoga baseiam-se nesse conhecimento, e são extremamente poderosos, como o são todas as práticas ocultistas que são trazidas corretamente para o plano físico. De fato, podemos dizer que nenhum processo ocultista é realmente potente, nem que fecha o seu circuito, se não tem pontos de contato com a matéria densa; eis um ponto que muitos ocultistas não levam em consideração. O ocultismo, embora basicamente um processo mental, não é simplesmente um processo mental. É simultaneamente espiritual e material.

Na grande maioria dos casos de insanidade, as alterações cerebrais orgânicas não podem ser demonstradas, mas os alienistas estão cada vez mais propensos a acreditar que podem detectar a sífilis de Hécate no sangue. Sua composição química pode desviar-se do normal, seja devido a uma alteração no equilíbrio hormonal ou aos subprodutos da enfermidade. Essa alteração na química do sangue é imediatamente seguida por uma alteração no tom emocional Este pode tornar-se superemocional ou deprimido, apático ou irritado. Os antigos descreviam admiravelmente esses estados como os quatro humores, o sanguíneo, o bilioso, o linfático e o colérico.

Os fisiólogos demonstraram abundantemente que os estados emocionais afetam a composição química do sangue. Estamos compreendendo gradualmente que essas alterações são produzidas pela mediação das glândulas endócrinas, que podem ser chamadas de cérebro emocional, assim como a matéria cinzenta no crânio pode ser chamada de cérebro sensorimotor. Segue-se, portanto, que se por alguma interferência em seu funcionamento as glândulas produzem uma composição química correspondente àquela que produzem quando um estado emocional particular dá seu estímulo especial, o indivíduo experimentará sensações físicas associadas ao seu estado emocional correspondente. Sua mente procurará ajustar-se a essas condições, explicando-as pela imaginação. Portanto, se houver um estado sanguíneo característico da condição de medo, imagens de medo se produzirão na mente. É com base nisso que as insanidades orgânicas produzem os seus estados mentais característicos.

Seja uma causa mental ou uma causa física a responsável pelo estado emocional, o resultado é o mesmo para o paciente. As insanidades orgânicas distinguem-se das insanidades funcionais apenas por sua origem. Uma insanidade orgânica tende a desviar-se mais do normal do que uma desordem nervosa funcional, pois nesta última intervém um grau considerável de compensação, visto que o paciente pode em grande medida readquirir o domínio de si e manter-se longe dos extremos desastrosos. Não é esse o caso de uma insanidade orgânica, que caminha para o seu fim lógico. É por essa razão que um neurótico, mesmo sofrendo seriamente, nunca tem um colapso total, a menos que esteja seguro das misérias da vida. O instinto de autoconservação o mantém sobre os pés.

Tendo considerado as bases físicas e subjetivas das perturbações mentais, estamos agora em posição de avaliar exatamente o papel desempenhado pelo Invisível. O que acontece quando um neurótico abraça o ocultismo? Podemos responder melhor a essa questão considerando o que acontece quando uma pessoa normal abraça o ocultismo. Ela aprende pela primeira vez que existem Mundos Invisíveis e começa a pensar neles. Ao fazê-lo, ela entra em contato com esses mundos. No início, ela pode não ser capaz de percebê-los conscientemente; entretanto, ela sente subconscientemente e eles a afetam. Um observador próximo pode reconhecer esse processo por milhares de maneiras.

Existem grandes forças que se movem como correntes no Invisível, e somos lançadas nelas de acordo com a nossa afinidade temperamental. A personalidade violenta é lançada nas Correntes de Marte; a emocional e sugestionável, na esfera de Luna. E as influências dessas esferas se exercem sobre as personalidades. O ocultista que trabalha por um sistema próprio, que sabe que haverá de encontrar essas forças mais cedo ou mais tarde, entra voluntariamente em contato com cada uma delas e, por intermédio de rituais

apropriados, sintetiza-as em sua própria natureza. Ele sabe que cada aspecto tem seu contrário. A Virgem Maria reflete-se na Lilith. Os credos antigos conheciam essa lei, mas o cristianismo popular, que não tem nenhuma raiz na tradição, a esqueceu. Durante a Reforma, o cristianismo protestante deitou fora o aspecto ocultista. Todos os panteões pagãos têm grosseiros aspectos de divindades, assim como aspectos etéreos. Precisamos procurar no monte de refugos da história as partes perdidas de nossa própria tradição, se desejamos aperfeiçoar a nossa fé, e a linha mais proveitosa de procura está na Cabala e na literatura gnóstica. A literatura dos gnósticos foi grandemente destruída pela perseguição sistemática, mas na Cabala ainda temos um sistema completo. Os judeus, por serem estritamente monoteístas, não falam de deuses, mas reconhecem uma hierarquia de anjos e arcanjos que é o equivalente dos panteões pagãos. É por intermédio desses mensageiros etéreos que o Pai de Tudo formou os mundos.

Consideremos mais uma vez a doutrina cabalista do Qlippoth, pois ela tem uma profunda influência sobre o problema da insanidade. A doutrina dos Dez Sephiroth Sagrados, dispostos em seu padrão correto para formar a Árvore da Vida, pode ajudar-nos a conceber o Invisível. A Primeira Sephira foi concentrada a partir do Imanifesto, o Ponto no Círculo. Ela emana a Segunda, que por sua vez emana a Terceira. Assim que uma emana a outra, ambas estão equilibradas; mas quando a emanação está em curso, há um período de desequilíbrio de forças. Isso, de certo modo, ocorre espontaneamente no Cosmo e estabelece uma esfera por sua própria conta, que não se relaciona com o sistema cósmico.

Conseqüentemente, cada esfera do Cosmo tem a sua contraparte no Caos, em miniatura, é verdade, mas potente e funcional.

Cada esfera, no curso de sua evolução, edifica uma Sobrealma, que é chamada por diferentes nomes em diferentes sistemas. No sistema cabalístico, chamam-se Arcanjos, os Espíritos diante do Trono. A esfera do Sol é representada por Rafael; a esfera da Lua, - por Gabriel. Os Sephiroth Inversos, ou Qlippoth, se constroem da mesma maneira. Nas Moradas do Inferno, ambos são conhecidos como Briguentos e Obscenos, e esses nomes indicam suficientemente o seu caráter. A esfera do Sol também é o ponto de manifestação do Messias, ou Salvador, sobre a Terra. O Príncipe da Paz tem Seu oposto nos Briguentos. Todo aquele que teve a Visão beatifica sabe a reação que lhe segue, e como a sabedoria, o autocontrole e a paciência são necessários para lidar com as forças que são libertadas não apenas na alua, mas no meio ambiente. É por essa razão que os períodos de purgação e disciplina precedem todas as revelações. Devemos manter a vigília antes de podermos participar do banquete.

A consciência, emanada da esfera da Terra, eleva-se diretamente para a esfera da Lua. Esta é a esfera psíquica, negativa, feminina e receptiva. Daí ela passa para a esfera do Sol. Esta é a esfera positiva, masculina, da consciência superior, a visão do profeta que se distingue da do sensitivo. O caminho é flanqueado em ambos os lados pelas esferas da Sabedoria Hermética e da Beleza Elemental.

Essas esferas, que dizem respeito aos graus da iniciação, não devem ocupar-nos aqui. Vamos nos ater às esferas da Lua, Luna, a Soberana do tique de Luna. Ora, Luna era representada pelos antigos sob diversas formas, como Diana, a casta caçadora, símbolo da sublimação, e Hécate, patrona da feitiçaria e dos partos. Já assinalamos que os Qlippoth da esfera de Luna chamavam-se Obscenos. É por essa razão que quando a alma instável avança pelo Caminho de Saturno, que transpõe o Astral e penetra a esfera de Luna, ela toca o seu aspecto de Hécate e vê-se en rapport com os Demônios, cujo chefe é Lilith, que propicia sonhos libidinosos. Não surpreende, portanto, que Freud tenha descoberto que os sonhos do neurótico estão repletos de imagens sexuais em suas formas mais pervertidas e depravadas. Os Rabinos conheciam tão bem a sua psicologia quanto Freud.

Como já se observou, o neurótico é amiúde um sensitivo, e o sensitivo é amiúde um neurótico. O que podemos esperar que aconteça à alma que recebeu iniciação numa vida passada, que reteve subconscientemente o desenvolvimento psíquico então concedido, e que se vê encarnada numa personalidade neurótica nesta vida? Ela estará sob o domínio tenebroso da Lua, e Lilith será sua soberana. As forças do Abismo ingressam pelas portas inadequadas do temperamento neurótico. Os complexos dissociados do Microcosmo são reforçados pelos complexos dissociados do Macrocosmo, pois é isso o que são exatamente os Qlippoth.

Os ocultistas e os seus admiradores ignorantes, os supersticiosos, sempre sustentaram que a insanidade está vinculada à possessão demoníaca. A medicina moderna objeta, e declara que as várias manifestações da mente enferma devem-se inteiramente a processos psicológicos subjetivos. Na atualidade, essas duas escolas de pensamento são como dois campos armados, dispostos para a batalha e brandindo suas armas um contra o outro. Cada um deles está seguro demais de suas próprias razões para dar ouvidos à outra. Acredito que um campo comum pode ser encontrado para o encontro desses dois pontos de vista opostos. A psicologia demonstra o mecanismo da mente e pode explicar o processo mental por cujo intermédio as idéias do perturbado assumem suas formas definitivas. Ela pode mostrar a conecção entre essas idéias e. os sonhos da mente normal. O que ela não pode explicar é a diferença fundamental entre esses estados subjetivos e a consciência desperta normal. É

aqui que o ocultista pode dizer algo que seja digno de atenção ao psicólogo, pois ele pode mostrar como essas visões podem ser produzidas experimentalmente e voluntariamente por meio da magia cerimonial. E o que é mais importante, o ocultista pode mostrar-lhe como essas visões podem ser dissolvidas e as faculdades psíquicas encerradas e seladas por completo.

Isso nos conduz à parte prática de nossas considerações. Até onde podem os métodos da magia ritual ser aplicados à cura do distúrbio mental? Eles são, indubitavelmente, paliativos, e não produzirão uma cura permanente, a não ser que a origem do estado mental perturbado seja descoberta e esclarecida. A não ser que isso se faça, assim que dispersarmos os fantasmas eles se formarão novamente, pois o estado mental do paciente os está invocando. Nestas circunstâncias, nenhum círculo mágico pode conservar-se intato. Assim que rompemos a ligação com o Abismo, o paciente a refaz.

Mas tais condições constituem um círculo vicioso. As forças qlippóticas com as quais se estabeleceu contato desenvolver-se-ão ativamente, e agarrar-se-ão à sua vítima quando se fizerem tentativas para desalojá-las. Nesta nossa época racionalista, estamos propensos a esquecer que existe um mal organizado e inteligente. Se as causas físicas dessa perturbação foram esclarecidas, o foco séptico extirpado, ou o tumor que pressionava a glândula endócrina removido, e a mente não volta ao normal, um exorcismo produzirá amiúde resultados imediatos e evidentes.

No caso do neurótico, cuja perturbação está inteiramente na esfera da mente, um exorcismo é de enorme valor como medida preliminar para o tratamento psicoterapêutico adequado, porque ele limpa o terreno e previne a reinfecção, dando ao paciente uma chance para começar de novo. É possível que os demônios qlippóticos tenham obtido uma influência hipnótica tão poderosa sobre a vítima, que esta fica sem forças para rompê-la por qualquer esforço de vontade própria, e o tipo ortodoxo de psicoterapia não consegue tocar a raiz da perturbação. O exorcismo pode ter que ser repetido duas ou três vezes no curso do tratamento, pois as ligações podem renovar-se depois de terem sido quebradas. Mas assim que os complexos do paciente forem esclarecidos, elas não mais retornarão. Em todo caso, um exorcismo produz evidente benefício temporário; durante a calmaria, o paciente tem uma chance para readquirir o domínio de si próprio e as influências malignas estão abaladas. Um paciente corajoso, que coopera inteligentemente, raramente precisará ser exorcizado mais do que três vezes, desde que as condições materiais sejam favoráveis. Eu vi casos que foram esclarecidos por um simples exorcismo, e os pacientes permaneceram em bom estado enquanto obedeceram às instruções e evitaram o contato com o Invisível, seja lendo livros sobre ocultismo ou associando-se a pessoas que se interessavam por tais assuntos; e eu também vi o Abismo

restabelecer a sua influência quando o paciente desobedeceu às instruções e reanimou as vibrações antigas.

Precisamos compreender que a consciência humana não é um vaso fechado, mas que, como o corpo, tem uma entrada e uma saída. As forças cósmicas circulam por ela durante todo o tempo, como a água do mar numa esponja viva. Qualquer estado emocional que pode penetrar-nos é reforçado do exterior. O eu subjetivo tem apenas o fósforo, o Cosmo fornece o combustível. Assim que o fogo se acende, as forças cósmicas do tipo adequado irão atiçá-lo. Assim como o católico devoto é inspirado pelas influências de seu santo padroeiro, invocado pela oração, o neurótico é aterrorizado por seu demônio obsessivo, invocado pelas locubrações mórbidas da subconsciência dissociada. O ocultista afirma que o princípio generalizado do mal tem seus canais inteligentes, assim como o Princípio organizado do Bem tem Seus espíritos auxiliares. Todo observador que considerar o fenômeno do distúrbio mental descobrirá muitas coisas para corroborar essa hipótese.

A questão da obsessão é extremamente importante. A palavra é empregada com muita liberdade nos círculos ocultistas, e significa a retirada de uma alma de seu corpo e a sua substituição por outra alua, mas tenho dúvidas quanto a se essa é a verdadeira representação do que acontece. Sempre me pareceu que na obsessão não temos a substituição real de uma alma por outra, mas o domínio completo de uma alma por outra. É um domínio hipnótico, e podemos explicá-lo nos termos da conhecida psicologia da hipnose, sendo o hipnotizador, no caso, uma entidade astral.

Existe uma operação na magia conhecida como “obtenção da forma divina”, na qual o operador se identifica imaginariamente com o deus e, assim, se torna um canal para o seu poder. Podemos encontrá-la numa das formas da magia egípcia em que o sacerdote portava uma máscara para significar a cabeça do animal simbolicamente atribuído ao deus que representava. Essa identificação imaginária é um método bem conhecido no ocultismo e é amiúde empregado como um exercício mental para penetrar na vida interior de uma planta ou de um cristal. Os efeitos desse processo são muito característicos e peculiares. Estou propensa a acreditar que é esse método, combinado com a hipnose, que é utilizado pela entidade obsediante, que se identifica em primeiro lugar com a sua vítima e depois impõe a sua própria personalidade sobre ela, obtendo, assim, um veículo de manifestação. Acredito também, no entanto, que é apenas em certos casos anormais — sejam induzidos pela enfermidade da mente ou do corpo, ou por uma das mais drásticas operações da magia negra — que essa imposição pode ocorrer.

PARTE III
A DIAGNOSE DE UM ATAQUE PSIQUICO

CAPÍTULO XII

MÉTODOS EMPREGADOS PARA EFETUAR UM ATAQUE PSIQUICO

Bruxaria, antiga e moderna / O conhecimento das drogas / Fatores envolvidos na realização de um ataque psíquico / Concentração mental / Invocação da força cósmica / Exemplo de uma invocação cerimonial / O mágico como canal da evocação / Métodos para pôr-se em contato com a vítima / Substituição / Talismãs / Objetos magnetizados / Motivos do ataque psíquico / O caso da cantora de concerto / O caso do adepto oriental / A violação mental

Quem quer que leia os antigos livros sobre bruxaria, compilados freqüentemente pelos caçadores profissionais de bruxas a partir das confissões, obtidas sob tortura, das pretensas bruxas, descobrirá que os fenômenos descritos caem em certas categorias gerais que são semelhantes em diferentes épocas e em diferentes partes do mundo, que ficamos com a impressão de que deve haver algum fogo sob tanta fumaça. Os registros públicos dos julgamentos de bruxas na Escócia, os relatórios de um padre encarregado de extirpar a feitiçaria no norte da Itália, os arquivos da Bretanha, as histórias da magia na literatura clássica e, finalmente, os relatos dos viajantes sobre as práticas dos povos primitivos em todo o mundo, todos se explicam mutuamente, concordando, no que se refere aos fenômenos descritos, com as explicações dadas pelas bruxas sobre seus métodos e com as divisões gerais em que caem os fenômenos.

Devemos analisar, em primeiro lugar, a utilização das drogas, de que a Fraternidade Negra em todas as épocas sempre possuiu um notável conhecimento. Poções, ungüentos e fumigações foram utilizados amplamente, e entre todos os ingredientes misteriosos e extraordinários de que eram compostos podemos redescobrir as substâncias que, como sabemos, têm amplos poderes medicinais. A papoula, que produz sono e sonhos, o cânhamo, que produz visões, a datura, que causa a perda da memória, grãos empestados, que produzem o aborto, insetos, que são poderosíssimos afrodisíacos, cascas de árvores, que são eficazes anafrodisíacos, e, no Novo Mundo, os brotos de certos cactos — tudo isso, e muito mais, desempenhou seu papel nas infusões das bruxas. Paracelso obteve renome por utilizar algumas tradicionais poções mágicas para fins medicinais. Os Bórgia obtiveram infâmia por empregá-las como venenos sutis que destruíam a mente sem necessariamente destruir o corpo. Conta-se que o filósofo romano Lucrécio perdeu a sanidade devido a

uma bebida mágica que sua mulher lhe deu para restaurar a sua afeição por ela. Existem antigas receitas de ungüentos de bruxas que contêm ópio e cantárida. Não é difícil imaginar que espécie de sonhos irromperiam no sono assim induzido. C. S. Ollivier, em seu recente livro Analysis of Magic and Witchcraft, opina que a assistência ao Sabbat era amiúde obtida através de sonhos induzidos por drogas.

Venenos sutis exercem também um papel na eficácia das maldições, sendo o método favorito fazer um talismã de bronze, cobre ou chumbo, e prendê-lo discretamente no fundo de um vaso de beber ou de uma panela. Que efeito tinha o talismã, eis um dado conjectural, mas não há dúvida pelo menos quanto ao efeito do chumbo, que se dissolve constantemente em pequenas quantidades, e do verdete nos alimentos.

Mas embora todas essas coisas fizessem parte, e parte considerável, do culto das bruxas, não podemos considerá-las estritamente como um método de ataque psíquico, e referimo-nos a elas nestas páginas apenas para que seus efeitos possam ser excluídos da diagnose.

Há três fatores num ataque psíquico, e qualquer um deles — ou todos —, pode ser empregado numa dada ocasião. O primeiro deles é a sugestão hipnótica telepática. O segundo é o reforço da sugestão pela invocação de certas forças invisíveis. O terceiro é o emprego de alguma substância física como um point d'appui, ponto de contato, ou vínculo magnético. A força empregada pode ser utilizada como uma corrente direta, transmitida pela concentração mental do operador, ou pode ser conservada numa espécie de acumulador psíquico, que pode ser um elemental artificial ou um talismã.

No Capítulo II, consideramos com alguma extensão a da sugestão, e não precisamos repetir o que já foi dito, exceto para lembrar ao leitor que a essência da telepatia consiste na indução simpática da vibração. Os psicólogos experimentais sempre suspeitaram que a emoção é muito semelhante à eletricidade; eles provaram conclusivamente que os estados emocionais alteram a condutividade elétrica do corpo. O ocultista acredita que a emoção é uma força de tipo elétrico, e que no caso do homem comum ela se irradia dele para todas as direções, formando um campo magnético; mas no caso do ocultista treinado ela pode ser concentrada num feixe e direcionada. Suponhamos que você seja capaz de concentrar toda a sua atenção sobre uma única emoção, inibindo tudo o mais, você terá alcançado um estado emocional puro, não-adulterado e não-diluído. Toda a força vital que se juntou à sua alma fluirá, por conseguinte, nessa simples subdivisão de um único canal, ao invés de espalhar-se pelas inúmeras ramificações dos três canais comuns anteriormente referidos. A concentração será tremenda, mas ela será obtida a um preço tremendo. ~ para

alcançar essa terrível concentração que os santos do Ocidente e os yogues do Oriente praticam um ascetismo torturante. Você precisa vender tudo que possui para adquirir essa pérola valiosíssima, e um eco do método persiste na tradição dos contos de fada em que a pessoa que descobre a pedra da sorte só pode ter um único desejo. Tal concentração é boa para um propósito, e apenas para um. Podemos nos concentrar sobre uma cura, ou sobre uma destruição, mas não podemos operar as duas simultaneamente; e não podemos também mudar facilmente de uma para outra. Não podemos combinar os incompatíveis nos limites de uma única vida. Ou seja, se nos concentramos num trabalho de maldição e morte para realizar um ato de vingança, e a nossa raiva é saciada, não podemos imediatamente virar a direção da alma e nos reconcentrar em trabalhos de sabedoria e redenção. Podemos comparar a alma que se move com a maré da. evolução a uma roda que gira no sentido dos ponteiros do relógio; e a alma que se move contra a maré da evolução a uma roda que gira em sentido anti-horário. A posição do eixo pode ser alterada de modo que a roda gire qualquer ângulo sem que a direção de sua revolução seja afetada, mas o volante deve parar antes que o engenho possa ser invertido, e um grande volante exige um grande esforço para ser detido. Além disso, para inverter o volante, temos que parar o mecanismo. O movimento normal da alma é no sentido horário, à frente da corrente da evolução. Precisamos pensar muito antes de tentar inverter essa direção, mesmo momentaneamente, a fim de realizar um trabalho de maldição e morte. O velho refrão “Vai haver o diabo!” diz bem a verdade. Além disso, é questionável se existe essa inversão momentânea da direção. O impulso deve ser refreado e iniciado novamente antes que a inversão da direção possa ocorrer.

Forças poderosas podem ser desenvolvidas por essa concentração subjetiva da própria mente, mas mesmo as forças mais poderosas podem ser utilizadas se aplicarmos o equivalente mecânico das marchas; se, em outras palavras, enquanto essa tremenda concentração está sendo mantida, captamos os contatos da força cósmica correspondente. Utilizamos os poderes da mente humana como um arranque automático, e, enquanto a menor roda propulsora está girando, engatamos a engrenagem do mecanismo principal. Há um breve período de luta enquanto a pequena peça força as alavancas relutantes da grande máquina, mas depois o vapor toma impulso e o mecanismo recomeça seu trabalho. Depois disso é apenas engatar a marcha e dirigir — se você for capaz! Ocorre o mesmo com a magia cerimonial.

Examinemos um caso concreto de alguém que deseja servir-se de uma força belicosa. Ele teria que recorrer a uma cerimônia do planeta Marte. Drapejaria seu altar com um tecido vermelho e ele próprio vestiria uma túnica escarlate. Todos os seus utensílios mágicos seriam de ferro e o seu bastão de força seria uma espada nua. Sobre seu altar ele colocaria cinco velas, pois cinco é o número de Marte. Sobre seu peito estaria o símbolo de Marte gravado num

pentágono de aço. Em sua mão estaria um anel de rubi. Ele queimaria enxofre e salitre em seu turíbulo. E então, de acordo com o trabalho em vista, invocaria o aspecto angélico ou demoníaco da Quinta Sephira, Geburah, a esfera de Marte. Invocaria o nome divino de Geburah, chamando o Deus das Batalhas para ouvi-lo, ou o arquidemônio da Quinta Morada Infernal. Tendo realizado essa poderosa invocação, ele se ofereceria então a si próprio no altar como o canal para a manifestação da força.

Há ainda muitas fórmulas que ensinam como fazer para que uma força seja captada sem a necessidade de o próprio mágico ser o canal. Em minha opinião, elas são absolutamente ineficazes; o único substituto possível para o mágico é um médium em transe. Ë por essa razão que a magia ritual não consegue realizá-la. Você não pode fazer uma omelete sem quebrar os ovos, e se você tenciona ser um mágico, você tem que ir até o fim. Quando se trata de captar o aspecto angélico de uma força, a questão é inteiramente diversa. Ser o canal de uma tal força constitui um grande privilégio e é uma iniciação em si. O operador precisa apenas eliminar de sua natureza todas as incompatibilidades e manter-se concentrado sem vacilações. O pior que pode acontecer é ele não obter resultado algum. Mas quando ele procura captar o aspecto demoníaco de uma esfera, o assunto muda de figura. Pouquíssimas pessoas desejam oferecer-se para a manifestação de uma força como Asmodeus. Eu não acredito que haja qualquer esquema para invocar os demônios sem ser obsediado por eles, a não ser o método de Abramelin, que envolve seis meses de preparação e só é operado após se ter alcançado o conhecimento e a familiaridade do Anjo Guardião Sagrado. A beira do Abismo está bem protegida. Não é possível atirar com o revólver e evitar o coice da arma.

Tendo invocado e concentrado sua força, o feiticeiro tem em seguida que considerar seu alvo. Ele precisa entrar em contato astral com a vítima. Para fazê-lo, ele deve produzir uma relação, o que não é tão fácil quanto se imagina. Em primeiro lugar, ele tem que encontrar sua vítima e estabelecer um ponto de contato em sua esfera, e em seguida, operando a partir dessa base, conseguir penetrar-lhe a aura. Uma força desfocada não é muito útil. Um foco deve ser obtido. O método comum é obter algum objeto que esteja impregnado com o magnetismo da vítima visada, uma mecha de cabelos, um cortador de unhas ou qualquer coisa que ela vista ou manuseie. Tal objeto está vinculado magneticamente ao seu possuidor, e o feiticeiro pode seguir a pista e assim penetrar na esfera de sua vítima e estabelecer uma ligação. Ele procede, então, como qualquer hipnotizador que conseguiu colocar sua vítima nos primeiros estágios de hipnose. Por meio do vínculo magnético, ele ganhou a atenção psíquica de sua vítima, que ouvirá as suas sugestões subconscientemente. Resta, então, observar se as sementes de pensamento assim plantadas lançarão raízes

ou se serão expulsas da mente. Em todo caso, a vítima ficou perturbada e inquieta.

Se um vínculo magnético não pode ser obtido, o praticante da magia negra precisa recorrer a outros estratagemas. Um dos mais comuns é o da Substituição. Um objeto é escolhido e por meio do cerimonial é identificado com a vítima visada. Por exemplo, um pequeno animal pode ser batizado com o nome da vítima, e depois imolado, normalmente por tortura, com o operador concentrando-se entrementes na personalidade do original. O velho estratagema de fazer uma imagem de cera e derretê-la diante do fogo, ou enfiar cravos numa estátua de madeira, batizada com o nome da vítima, é freqüentemente encontrado nos registros dos julgamentos de bruxas. Enfiar cravos não tem, de fato, nenhum efeito imaginável sobre a vítima, mas ajuda a concentração do operador.

O método do talismã é também empregado de várias maneiras. Um talismã é um símbolo que representa uma certa força, ou uma combinação de forças, gravado numa substância conveniente, e magnetizado pelo ritual Ele pode ser feito de qualquer coisa que retenha o magnetismo; metais, pedras preciosas ou pergaminho são empregados com freqüencia; o papel é menos eficaz, a não ser que seja encerrado num estojo de metal. A água e o óleo podem ser magnetizados eficazmente, mas logo perdem sua potência. Constrói-se um talismã evocando-se a força necessária, como já se descreveu, e então concentrando-a sobre o objeto preparado, que é colocado sobre o altar antes do início das evocações.

Um talismã assim preparado deve em seguida ser colocado na esfera magnética da vitima. Conta-se que a Sra. Burton, desejosa de converter seu marido livre-pensador, o famoso Sir Richard Burton, o grande explorador, costumava pedir ao seu padre para benzer pequenas estátuas de santos e colocava-as nos bolsos de suas roupas. Um estratagema semelhante é utilizado pelos operadores do ocultismo negro. Objetos magnetizados são colocados nos quartos habitualmente ocupados pela vítima, ou enterrados em seu caminho, de modo que ela deva passar sobre eles com freqüência. Esses talismãs malignos não apenas agem por seu próprio poder, mas também servem para o feiticeiro como ponto de concentração para suas meditações.

Efeitos nocivos são também produzidos por objetos que foram utilizados na magia negra e que se impregnaram com as forças em cuja geração foram empregados. As bugigangas do equipamento mágico aparecem em lugares muito estranhos. Eu estava presente a um leilão numa cidade rural quando os doze signos do zodíaco, caprichosamente pintados numa lousa, vieram à venda. Várias de minhas amigas haviam adquirido tesouros mágicos, tais como

lâmpadas de altar e queimadores de incenso que obviamente provinham de lojas rituais, mas a melhor peça da coleção era uma vara mágica que foi posta em leilão juntamente com um lote de pás e tenazes. Grandes globos de cristal são vistos com freqüência nos antiquários. Todos esses objetos devem ser cuidadosamente desmagnetizados antes de entrarem na esfera psíquica de alguém.

Eu estava participando certa vez de uma série de experiências psíquicas que seguiam seu curso normal, quando, por nenhuma razão aparente, as coisas começaram a sair errado e houve um verdadeiro cataclismo. Não soubemos senão depois que o proprietário do apartamento em que as coisas ocorriam havia adquirido um tapete que havia sido utilizado num ritual mágico por um ocultista de quem somente a extrema brandura poderia ser considerada duvidosa.

O elemental artificial é realmente a base da eficácia das maldições. Nesse caso, não se emprega nenhuma substância física, mas uma porção do Akasha é modelada numa forma definida e assim conservada pela vontade do operador, até que, por assim dizer, "endureça". Derrama-se nessa forma a energia concentrada do operador, algo de seu próprio eu vai para ela. Essa forma é a sua alma, e é como um torpedo autogovernado que se põe a mover contra um alvo escolhido. Ou o operador, se for um mágico experiente, pode deliberadamente animar essa forma mental com essência elemental, que é a substância rude e indiferenciada da vida extraída de um ou outro dos reinos elementais. É para se fazer isso que se invoca a maldição em nome de algum ser. O amaldiçoador declara "Eu o amaldiçôo por isso e aquilo". E essa evocação chama a essência que anima a forma mental, produzindo assim um elemental artificial que é dotado de uma vida própria e independente.

Se desejamos saber algo sobre a eficácia das maldições, devemos apenas examinar o relato dos homens que estiveram envolvidos na abertura da famosa tumba de Tut-ankh-amen. Há muitos outros casos igualmente bem documentados.

Podemos ser expostos a um aborrecimento oculto, seja contrariando ou de alguma outra maneira enredando-nos com um ocultista inescrupuloso, seja envolvendo-nos com uma duvidosa fraternidade oculta. No caso de uma disputa com um ocultista, além dos motivos humanos comuns para um abuso de poder, é preciso contar com o fato de que um adepto que não é dos mais puros sempre sofre da desagradável enfermidade psíquica do "ego hipertrofiado". Ele amará o poder para seu próprio bem, e tomará qualquer deserção da parte de um antigo seguidor, ou qualquer resistência à sua vontade imperiosa, como um insulto pessoal ou mesmo como uma injúria. Com uma mente treinada, um pensador

irado causará danos, e eu soube de casos de ocultistas que, por puro melindre, chegaram a extremos da maldade. Só podemos esperar que eles não acreditem na eficácia do que fizeram, e que apenas representaram para a galeria “pour encourager les autres” e para assegurar-se da lealdade entre seus seguidores.

Outra coisa que é vista particularmente com maus olhos por esse tipo de adepto são as tentativas da parte de um pupilo que rompeu com o mestre de fazer uso daquilo que lhe foi ensinado. Parece não haver nada que o ciumento guru não faça para destruir fisicamente o seu cheia.

Num caso que chegou ao meu conhecimento, uma cantora de concerto havia feito um “tratamento” para melhorar a voz com um adepto medíocre. Ela finalmente decidiu que não gastaria mais um tostão nesse empreendimento e disse-lhe na visita seguinte que aquela deveria ser a última. Ele concentrou o olhar sobre ela e disse-lhe que, se o fizesse, assim que subisse ao palco veria sua face no ar diante de si e que sua garganta se fecharia e ela seria incapaz de emitir um som, e que essa horrível experiência ocorreria todas as vezes que ela tentasse cantar, cessando apenas quando retornasse e prosseguisse o “tratamento” (a um guinéu a hora). Essa poderosa sugestão hipnótica revelou-se efetiva, e a sua carreira estava prestes a terminar quando o encanto foi quebrado.

A seguinte carta contém uma experiência muito ilustrativa e é muito valiosa, não apenas por relatar um ataque psíquico, mas também por descrever a maneira pela qual o ataque foi combatido.

“No inverno de 1921—1922 recebi a seguinte informação (dos Plano Interiores): ‘Vemos a sua iniciação na Ordem de Cristo’. Não entendi muito bem e aguardei.
“Em julho de 1922, um oriental, o chefe de uma grande Ordem religiosa, veio visitar-me. (Eu estava morando na Suíça.) Vamos chamá-lo de Z. Eu esperava grandes coisas dele e via-o como uma espécie de Mestre. Sabendo que ele havia conhecido Abdul Baha, pensei em agradá-lo colocando a foto de A. B. na parede, mas quando Z. entrou em minha sala percebi que ele absolutamente não gostou da idéia. Conversamos durante algum tempo e ele me fez diversas perguntas. Subitamente, ele se ofereceu para iniciar-me em sua Ordem. Fiquei confusa e não senti a aprovação interior. Disse-lhe que precisava refletir. Mais tarde tive uma inspiração (?) e perguntei: ‘A sua Ordem é a Ordem de Cristo?’. Ele respondeu: ‘Sim, é’. Eu lhe contei a minha experiência (relatada acima) e aceitei a iniciação; mas eu tinha a convicção interna de que havia algo errado.

“Não senti nenhuma reação interior aos vários incidentes durante a iniciação, e comecei a invocar mentalmente e sinceramente ao Cristo, e continuei a fazê-lo

até o término da cerimônia. (Soube depois que ele havia dito a um de seus discípulos que eu aceitara a iniciação mas não o Mestre.)

“Seria demais relatar outros detalhes menos importantes, de modo que vou reportar-me ao segundo encontro durante o qual ele me pediu várias vezes para deixar a cidade em que eu estava e juntar-me a ele num trabalho ativo. Dessa vez eu ouvi claramente a voz interior; ela disse ‘Não’. Subitamente, ele disse: ‘Sente-se à minha frente; eu vou curá-la’. (Eu estava muito doente nessa ocasião.) Ele me fixou com um forte olhar de comando. Invoquei mentalmente o Cristo e senti que se formara em torno de mim uma espécie de casca. ‘Pronto’, disse ele, ‘eu a curei.’ A voz interior disse ‘Não’.

“Bem, ele se foi e eu passei por um mau bocado, pois eu tinha a sensação de que havia algo errado, embora não suspeitasse algo maligno. (Como não suspeito ainda hoje.)

“Escrevi um relato desse encontro a uma amiga, e uma carta enviada por ela cruzou-se com a minha. Ela contava-me que durante o meu encontro com Z., o qual ela ignorava, ela fora instada a juntar-se ao nosso mestre espiritual para auxiliar-me. Ela se retirou dos Planos Externos e percebeu, então, que poderosas forças hipnóticas estavam chegando até mim em ondas. Ela teve que usar todo o seu poder espiritual para ajudar-me a resistir a elas, mas finalmente ‘fincamos pé numa rocha, banhada de luz e livre’. Minha carta deu-lhe a chave do ocorrido; mas ela replicou: ‘Tome cuidado, Z. tentará novamente. Ele percebeu que foi impedido; e tentará nos Planos Interiores na próxima vez’.

“Aqui começa a grande experiência. Poucas semanas depois, à noite, eu tive uma visão muito vívida, ao que parecia, mas foi uma experiência real. Eu estava no meio de um grupo de sete ou oito pessoas, das quais duas eu podia perceber claramente. À minha esquerda estava uma mulher inteiramente velada de preto, o que lhe tornava a figura assustadora. A direita estava Z. Ele disse: ‘Eu lhe darei agora a segunda, a iniciação superior’. E prendeu-me o braço direito com força. Mas eu me soltei e, permanecendo composta e calma, disse (posso ouvir ainda a minha voz): ‘Antes que essa cerimônia prossiga, quero dizer algo. Não posso admitir nada e ninguém entre mim e o Cristo’. Houve um lamento, mãos em gestos ameaçadores e tudo desapareceu.

“Pouco depois rasguei. meu cartão de iniciação, tirei Z. da cabeça e não tive nenhuma experiência pessoal consciente com ele desde então.

“Mas eu lhe havia apresentado um jovem músico francês de elevada posição social, de quem ele havia gostado bastante. (Vamos chamá-lo de F.) F. e eu somos muito amigos, e naquela época ele precisava de alguma música oriental

para uma de suas composições — e por outro lado, ele poderia ter sido extremamente útil a Z. por quem ele se sentia fortemente atraído. Após a minha própria experiência, comecei a ficar alarmada, mas senti que eu não era suficientemente forte para lidar com a situação, de modo que nada disse a F. mas orei para que ele pudesse ser protegido de todo mal. Pouco depois F. falou-me em suas cartas de diversas experiências astrais. Em seus sonhos ele passava por toda a sorte de coisas desagradáveis e vozes lhe diziam 'Peça a Z. que o ajude. Ele o ajudará'. Então ele percebia a minha presença e começava a evocar o Cristo (tudo isso em seu sonho) e as imagens desapareciam. Isso aconteceu mais de uma vez. Somente quando nos encontramos novamente eu lhe falei de minha própria experiência.

"Devo acrescentar que uma amiga com poder psíquico veio ver-me por esse tempo e disse: 'Na semana passada, à noite, eu a vi por três vezes. Você me pedia para ajudar a salvar um jovem que estava em perigo. O que isso significa?'
O caso acima indica claramente a utilização deliberada do poder mental por Z. Sua pretensa "cura espiritual" era uma óbvia tentativa de hipnose. Minha correspondente diz claramente que nunca suspeitou que ele tivesse qualquer propósito maligno; e que ele agia corretamente de acordo com as suas luzes. Eu afirmo, contudo, que qualquer tentativa para dominar os outros, ou manipular de alguma maneira as suas mentes sem o seu consentimento, é uma intrusão injustificável em seu livre arbítrio e um crime contra a integridade da alma. Como podemos julgar as íntimas necessidades espirituais de uma pessoa, especialmente se ela preferiu não confiar em nós? Que direito temos de invadir a sua privacidade espiritual e colocar o nosso nariz nos assuntos de seu ser mais interior? É tão comum a prática de enviar nomes de pessoas aos círculos de cura com o pedido de que eles se concentrem nelas, sem se tomar a precaução preliminar de pedir-lhes sua permissão, que ouvi anunciado da plataforma de um grande encontro público de espiritualistas que só seriam levados em consideração os casos em que houvesse um assentimento por escrito do interessado.

Felizmente para todos, os procedimentos desses "círculos de cura" são normalmente tão fúteis que ninguém precisa temer ser o alvo de sua concentração, mesmo se eles estiverem tentando o assassínio.

No entanto, resta o princípio, e só posso lembrar a minha opinião mais uma vez, como já lembrei várias vezes, de que tal procedimento é uma ultrajante falta de modos e de boa-fé, e contrária a toda a tradição ocultista. Penso que posso dizer honestamente que nunca desejei dirigir as grandes correntes de destruição para meus companheiros ocultistas, embora haja alguns dentre eles em quem eu gostaria muito bem de dar umas palmadas!

CAPÍTULO XIII
OS MOTIVOS DO ATAQUE PSÍQUICO

Os filtros do amor / Pressão psíquica / Congressus subtiis / A Lilith dos cabalistas / "Contrapartes" / Os filhos de Deus e as filhas dos homens / Incidente de proteção astral numa relação / Um caso curioso de substituição e Acasalamentos imaginários / Aspecto etéreo das relações sexuais / Incubos e súcubos / Experiências mágicas do Sr. X.: (a) com uma jovem solteira e (b) com uma mulher casada / Vício desnatural

Já observamos num capítulo anterior que a maneira mais simples para descobrir se a vítima de um pretenso ataque psíquico está fantasiando ou não é procurar os motivos e, não sendo eles discerníveis, dar à imaginação o benefício da dúvida. Motivos muito comuns como cobiça, luxúria, vingança e medo de traição não precisam passar por uma investigação psíquica para serem descobertos, pois são perceptíveis a olho nu. Há outros motivos, contudo, que podem ser importantes nos círculos ocultistas, mas que passariam como insuspeitos por um investigador comum.

Os antigos livros de encantamentos que nos chegaram, mormente através do refeitório dos criados, estão repletos de receitas para obter o amor do sexo oposto. As antigas grimoires fornecem muitas prescrições rituais, e os registros dos julgamentos de bruxas contêm freqüentes acusações à mulher ladina que, por algum motivo, se incumbia de dirigir as afeições de alguém para uma pessoa pela qual aquele aparentemente não tinha nenhuma predileção natural. Devemos encarar seriamente essas operações, ou devemos classificá-las entre as pílulas contra a obesidade que emagrecem sem dieta?

Já nos referimos aos antigos filtros do amor. Os antigos conheciam muito bem as drogas afrodisíacas que excitam a paixão sexual. Mas os modernos também as conhecem, como o revelam os anúncios cuidadosamente redigidos de certas publicações astrológicas. Existem firmas francesas especializadas na confecção de chocolates que contêm doses disfarçadas dessas drogas. Esses produtos ganharam publicidade recentemente devido à morte de duas jovens e de um homem, causada por ingestão de doses excessivas. Existem aperitivos em uso nesse país que contêm esses ingredientes "tônicos", cujo efeito é bem conhecido. Se essas beberagens não são "filtros de amor", o que são?

Não nos preocupamos nestas páginas com os métodos que pertencem apenas ao plano físico, mas esses assuntos precisam ser mencionados porque há razões para crer que em mais de uma ocasião, mesmo em nosso país, os afrodisíacos foram empregados como auxiliares das práticas ocultas. Uma certa firma começou certa vez a anunciar amplamente que planejava comerciar o que poderíamos chamar de “variedades para ocultistas”. Entre outros preparados anunciados, havia um “Incenso para a operação de Vênus”. Contudo, a firma teve um fim prematuro com a intervenção da polícia, e a prisão dos proprietários.
Mas além da utilização de meios puramente materiais, não é difícil perceber que uso se poderia fazer, neste sentido, da influência mental. Já pude observar inúmeros casos que pareciam extremamente suspeitos, mas nesses assuntos é muito difícil chegar aos fatos. O modo do ataque é intangível e não deixa traços, e a vítima pode não suspeitar de nada e ignorar totalmente não apenas o lado psíquico do sexo, mas também os seus aspectos físicos e sutilmente emocionais. Além disso, aqueles que mais sofrem geralmente menos falam. Podemos ocasionalmente ouvir falar de uma tentativa que foi frustrada. A tentativa que obteve êxito raramente vem à luz, pois a vítima tem tantos motivos para ocultá-la quanto o agressor.

Quando chegamos às práticas puramente ocultistas, há duas maneiras pelas quais o fim almejado pode ser alcançado; a pressão psíquica pode ser exercida sobre a pessoa desejada de modo que ele ou ela caia sob a influência do operador; ou então pode-se utilizar a operação psíquica conhecida como congressus subtilis.

O que é exatamente o congressus subtilis? Devemos saber um pouco mais sobre o lado oculto do sexo antes que possamos responder a essa questão. Em primeiro lugar, quais são os fatos, ou os pretensos fatos, do assunto? Os antigos tinham crenças muito definidas sobre o tema, e essas crenças podem amiúde dar-nos uma pista, mesmo se não aceitarmos as explicações antropomórficas que as acompanhavam.

Acreditava-se que o arquidemônio Lilith estava estreitamente relacionado com esses assuntos. Segundo os cabalistas, Lilith foi a primeira mulher de Adão, a qual costumava visitá-lo em seus sonhos enquanto ele ainda estava só no Jardim do Éden, e o Senhor Deus ficou tão preocupado com esse comportamento que criou Eva como uma contra-atração. As bruxas recebiam atenções semelhantes provindas do Demônio. Santa Tereza de Ávila anota que a Própria Divindade a visitava. A Virgem Maria recebeu o Espírito Santo. Santo Antônio foi tentado pelas aparições de belos demônios femininos. Há muitos casos registrados que falam de conventos atacados pelo Demônio e de freiras visitadas por este ser. George Moore, em seu interessantíssimo estudo sobre a vida do convento, Sister

Theresa, relata um ataque de “Contrapartes” entre as jovens freiras, no qual elas formaram ligações com noivos angélicos, ou seja, com as supostas almas dos homens que se afogaram durante o Dilúvio. Lemos no Gênese e no Livro de Enoch que os Filhos de Deus se casaram com as filhas dos homens, e que uma raça demoníaca surgiu dessa união. O folclore de todos os países fala de casamentos entre humanos e elementais, normalmente com desastrosas conseqüências. A literatura clássica está repleta de histórias das visitas de deuses e deusas ao gênero humano. O que podemos dizer sobre tais histórias? Há algo mais nelas além do conto de fadas e da satisfação do desejo? Podemos compreender o motivo da freira que, desejando ocultar a identidade de seu bem-amado, declara-se estar grávida do Demônio. Podemos igualmente entender a psicologia dos demais membros do convento, que aceitam a história e vêem o Demônio em cada canto.

Citarei alguns casos que chegaram ao meu conhecimento e veremos se à sua luz podemos joeirar os fatos entre a fantasia. Certa feita, veio visitar-me um jovem que estava de amores com uma mulher casada. Ele me contou que em várias ocasiões sonhava um sonho muito vívido no qual a visitava, e ela sonhava simultaneamnente que recebia a sua visita. Ele estava ansioso para aperfeiçoar a técnica dessa operação, daí o fato de vir procurar-me. Receio que fui pouco simpática, e conseqüentemente não obtive qualquer informação posterior a respeito dessa curiosa experiência.

Um caso ainda mais curioso veio ao meu conhecimento alguns anos atrás. Uma mulher contou-me que em sua juventude havia ficado noiva de um homem a quem estava profundamente ligada, e que foi assassinado enquanto trabalhava como missionário na África Ocidental. Tendo perdido o único homem que sentia que poderia amar, ela consentiu em casar-se com um primo em segundo grau que há muito estava apaixonado por ela e que era semi-inválido. Todas as vezes que tinha relações com o marido, ela visualizava a forma de seu antigo noivo. Ela era pequena, morena e delicada. Seu marido, um parente consanguíneo, era semelhante a ela quanto ao tipo. Mas seus três filhos saíram homens loiros, altos e encorpados, do tipo nórdico, e apresentavam uma forte semelhança com o homem morto. A veracidade dessa história me foi garantida por um amigo da família.

Eu conheci pessoalmente dois pretensos changelings. O menino tinha as orelhas pontudas de Pã, e se alguém alguma vez pareceu ser o filho do Demônio, era ele. A menina era uma criatura curiosa e fascinante, essencialmente não-humana, e quando seu filho nasceu ele veio ao mundo com tanta facilidade quanto um gatinho. Ambos os seres foram concebidos quando suas mães estavam sob a influência da bebida, e ambos se caracterizaram por uma acentuada insensibilidade que, num dos casos, se desenvolveu em deliberada

crueldade. Embora muito peculiares de se ver, nenhum deles era deficiente, possuindo ambos, de fato, um cérebro superior ao da média.

Quem quer que tenha algum conhecimento do aspecto esotérico do sexo, sabe que a união é tanto etérea quanto física. É esse fato que constitui a diferença real entre a união normal e a masturbação, e explica por que a primeira é vitalizante e harmônica e a segunda é exaustiva e arruína os nervos. Não podemos imaginar que seja possível, para alguém que pode projetar o corpo etéreo ou para um ser cujo veículo mais denso é etéreo, exercer sob certas condições um papel nas uniões sexuais? E se aceitamos a teoria da mediunidade, ou da obsessão, que é uma forma patológica de mediunidade, o que podemos dizer a respeito da possibilidade de uma relação sexual enquanto um ou outro dos parceiros está sob controle? Que tipo de alma poderia encarnar-se sob tais condições?

A tradição medieval reconhecia duas classes de demônios que invadem o sono, e chamava-os de Íncubos e Súcubos. Eram ambos os responsáveis pelos sonhos lascivos. A psicologia moderna despreza seus serviços e dá vôos menos altos. O sensitivo acredita, no entanto, que a tradição antiga tem a sua parte de verdade e que os pensamentos libidinosos dos corações dos homens (e das mulheres, naturalmente) podem de fato produzir elementais artificiais de acordo com o método descrito num capítulo anterior, e que esses elementais são algo mais do que imagens subjetivas, mas têm uma existência etérea objetiva e desempenham seu papel na gênese de certas experiências. Por exemplo, uma pessoa pode ter sonhos e fantasias de natureza lasciva, e esses podem dar origem às suas formas mentais características; essas formas mentais, que agora existem independentemente da mente que as concebeu, penetram a aura dessa mesma pessoa e dão-lhe sugestões do mesmo modo como quaisquer outras formas mentais projetadas telepaticamente da mente de outra pessoa poderiam fazê-lo. Não percebemos absolutamente o quanto nos sugestionamos telepaticamente por meio de formas mentais projetadas. Somos, na verdade, envolvidos por nossas próprias atmosferas, emanadas por nós mesmos. Lembro-me de que quando eu era criança disseram-me que se uma gaiola fosse suspensa bem acima do dossel de uma antiga cama de quatro colunas, o pássaro seria encontrado morto na manhã seguinte, envenenado pelo gás carbônico que as pessoas adormecidas sob a gaiola exalaram. Pouco percebendo o quanto somos envenenados pelas nossas próprias emanações de pensamentos imprudentes e maculados.

É sabido que o orgasmo ocorre durante os sonhos, acompanhado de imagens oníricas apropriadas. Os antigos acreditavam que tal experiência resultava da ação dos demônios. Os modernos acreditam que ela se deve à tensão física. Não é tão sabido, porém, que existem pessoas, homens e mulheres, que podem

produzir voluntariamente a mesma reação apenas por meio de sonhos. Não podemos perguntar se essa reação pode também ser produzida por meio da sugestão telepática, e se esta não pode ter desempenhado algum papel nas operações de muitos bandos de treze feiticeiras?

Há uma outra fase curiosa desse aspecto do Caminho da Mão Esquerda, de que tive conhecimento através de um caso que me chegou às mãos. Uma jovem ingênua e simples, que levava uma vida muito isolada com a mãe viúva, foi consultar-se com um médico muito conhecido, que chamaremos de Sr. X. No círculo em que a Srta. Y. e o Sr. X. se moviam havia uma outra figura ilustre, a quem chamaremos de Sr. Z., e que era muito reputado por seus conhecimentos de magia. O Sr. X. disse à Srta. Y. que havia lido os registros de suas vidas passadas, e que existia um laço cármico entre ela e o Sr. Z., e que ela deveria ajudá-lo em seu trabalho, derramando amor e magnetismo sobre ele. Ela foi instruída a meditar sobre o Sr. Z. todas as noites quando já estivesse na cama, até adormecer. A pobre moça, solitária e crédula, entregou-se sem reservas a essa tarefa. Logo em seguida, contudo, ela começou a ficar agitada. O senso comum fazia valer seus direitos, pois ela descobriu que as meditações solicitadas estavam causando um efeito perturbador sobre ela; mas o Sr. X. dissipou seus temores e reconquistou sua obediência, assegurando-lhe que ele havia olhado o futuro e vira que o Sr. Z. poderia eventualmente desposá-la. Ela se defrontava, assim, com um caso de amor pungente que a estava tornando muito infeliz e incapaz para o trabalho. Muitas cartas sobre o assunto foram trocadas entre a Srta. Y. e o Sr. X., sei disso porque eu mesma as li. Fiz o que pude para persuadi-la a pôr um fim em todo o caso. O Sr. X. continuou a persuadi-la a continuar, aproveitando-se de seus sentimentos e dizendo-lhe quão terrível seria a situação do Sr. Z. se ela retirasse seu apoio psíquico, e renovando a sua afirmação de um laço cármico que resultaria, por fim, num casamento, se ela fosse fiel. A Srta. Y., angustiada de dar pena e desnorteada, dirigiu-se a certos líderes da organização à qual os três pertenciam. Esses líderes secundaram meu conselho de que ela deveria parar com essas práticas, mas persuadiram-na a entregar-lhes as cartas comprometedoras que estavam em sua posse. Quando a Srta. Y. lhas entregou, porém, eles declararam que todo o ocorrido era imaginação de sua parte, e, ao invés de expulsarem esse par de canalhas de suas fileiras, permitiram que ambos continuassem normalmente em suas funções.

Esse seria um caso estranho se fosse apenas um caso isolado, mas não é. Outra mulher veio a mim por essa mesma época num estado que beirava a insanidade, e disse-me que ela também havia consultado o Sr. X., que lhe disse que ela já havia recebido a iniciação nos Planos Interiores, embora ela não fosse consciente disso, e que suas faculdades psíquicas estavam prestes a desabrochar (uma observação rotineira de sua parte), mas que se ela desejasse fazer um

progresso real no Caminho deveria abandonar o marido, e ele (Sr. X.) a poria em contato com o seu companheiro astral. Esse precioso conselho teve por resultado quebrar o seu lar e transtorná-la. Um dia, caminhando no parque, ela encontrou o Sr. Z., e declarou-lhe ser a sua amante astral, afirmação que o Sr. X. confirmou e embelezou com a informação de que o Sr. Z era também o Mestre que a iniciaria.

Tentei persuadi-la a dar um fim sumário a toda a aventura e a voltar ao seu marido, mas ela replicou que nunca poderia fazê-lo depois das experiências astrais por que tinha passado. O Sr. X. restabeleceu a sua influência sobre ela, ela deixou o endereço no qual eu a conhecera e nunca soube o que lhe aconteceu depois. Seu estado, quando a vi pela última vez, era deplorável — emaciada, fora de si e contorcendo-se em movimentos convulsivos.

Acreditaria alguém na história de uma mulher assim? Obviamente, não, a menos que visse as curtas que eu vi. E esse não é um caso isolado; uma companheira de trabalho contou-me dois casos exatamente iguais que chegaram ao seu conhecimento, relacionados com o Sr. X. São casos como esses que fazem o investigador honesto dos fenômenos ocultos agradecer a existência de uma lei nos códigos jurídicos que permite aos magistrados lidarem efetivamente com os ocultistas que prostituem seus poderes. É geralmente tão sabido que nenhum iniciado pode utilizar as artes ocultas para o ganho, que é difícil simpatizar com as pessoas que pagam a algum ocultista de anúncios a sua meia-coroa ou o seu meio-guinéu e depois se vêem em apuros.

Que conclusões podem ser tiradas dos incidentes que relatei, para cujos fatos posso dar o testemunho do conhecimento pessoal? Quatro mulheres foram persuadidas a envolver-se num processo de meditação cujo objetivo é emitir força. A natureza da força que foi emitida é indicada pelo fato de que as mulheres casadas foram instruídas a não viverem com os maridos e a jovem solteira foi encorajada a apaixonar-se pelo homem que era o foco da operação. Esse homem é o cabeça de um grupo de pessoas que se ocupam sabidamente de ocultismo prático e cerimonial. A conclusão que extraio é a de que uma experiência oculta estava em curso e que, indiferentes às conseqüências para elas, essas mulheres foram utilizadas na execução da experiência, sendo o alcoviteiro o famoso médico, Sr. X., e o operador o notório Sr. Z.

O mesmo grupo tem a seu crédito uma série reincidente de escândalos relacionados com vícios desnaturais. Se se tratasse apenas de um vício como esses, ele não estaria no raio de ação destas páginas, mas parece que ele foi utilizado sistematicamente para obter poder oculto. Aqueles que possuem algum conhecimento dos aspectos mais profundos do ocultismo sabem que a força do sexo é uma das manifestações da kundalini, o fogo da serpente que, de acordo

com a filosofia tântrica, jaz enrolada na base da espinha, ou, nos termos do ocultismo ocidental, no plexo sacro. O controle e a concentração da força kundalini é uma parte importante da técnica do ocultismo prático. Há uma maneira correta de dirigi-la por meio do controle mental, cuja técnica expliquei em meu livro Time Problem of Purity (Rider); mas há também outro método, que consiste em estimular essa força, e assim dirigi-la para canais anormais onde ela não será absorvida, mas permanecerá disponível para propósitos mágicos. É por essa razão que em certas formas da Missa Negra o altar é o corpo nu de uma mulher que pode ainda estar viva ou foi assassinada sacrificalmente. A. E. W. Mason dá um relato de tal operação em seu livro, ThePrisoner in the Opal.

Operadores menos experientes, contudo, não conseguem controlar essa forma de força; assim que eles a geram, ela se encaminha ao seu fim lógico. Por conseguinte, esses operadores empregam outro tipo de estímulo, não a mulher, mas o menino ou o rapaz. A prática da pederastia relacionada com o ocultismo é muito antiga, e foi uma das causas da degeneração dos Mistérios gregos.

Cuidei em detalhes desse assunto em outro livro meu, Sane Occultism. Pormenores dos casos reais podem ser encontrados pela referência nos catálogos de Truth, o jornal a que já me referi anteriormente.

CAPÍTULO XIV
OS MOTIVOS DO ATAQUE PSÍQUICO (II)

Disputas com as fraternidades ocultas / Os poderes da cláusula de penalidade nos juramentos de iniciação / Os incidentes duma cerimônia de iniciação / O adepto que desafiou a sua Ordem / O ataque dos gatos / Uma escaramuça astral / Novamente o caso de lona.

Sabem muito bem os ocultistas que não é coisa agradável ir alguém contra uma fraternidade oculta da qual se tornou membro por meio da iniciação cerimonial e à qual se vinculou por juramento. Como já vimos, a mente maligna de um ocultista treinado é uma arma asquerosa; quanto não o será a mente grupal formada por várias mentes treinadas, especialmente quando concentradas através do ritual?

Mas além da força mental individual dos membros de uma fraternidade, e além da força coletiva de sua mente grupal, há um outro fato a considerar quando uma genuína organização oculta está envolvida em operações de proteção ou

destruição. Toda organização oculta depende para seu poder de iniciar aquilo que se chamam seus “contatos”, ou seja, de um ou mais de seus líderes estarem em contato com certas forças. Se, além disso, a organização tem uma longa linha de tradição atrás de si, uma potentíssima coleção de formas mentais estará reunida em sua atmosfera. Toda cerimônia de iniciação contém, de uma forma ou outra, o Juramento dos Mistérios, que proibe o candidato de revelar o segredo dos mistérios ou de abusar dos conhecimentos que eles fornecem. Esse juramento sempre contém uma Cláusula de Penalidade e uma Invocação, em que o candidato de submete à penalidade quando há abuso de confiança, e invoca algum Ser para cumprir a penalidade. Alguns desses juramentos são coisas formidáveis, e eles são administrados com toda a solenidade que a encenação pode arquitetar. A maneira pela qual as fraternidades ocultas conseguiram preservar os seus segredos mostra como raramente esses juramentos foram quebrados.

No caso de uma disputa com uma fraternidade oculta, a força invocada nesse juramento pode entrar em ação automaticamente. Se o irmão recalcitrante está no espírito da tradição e são seus líderes que estão errados, o poder invocado no juramento será uma poderosa influência protetora contra a qual os próprios líderes colidirão. Se, por outro lado, o irmão falta com a palavra aos Mistérios, essa corrente punitiva entrará em ação, embora a sua defecção possa passar despercebida. Contou-me uma testemunha ocular um incidente que ocorreu numa iniciação, na qual o candidato, um homem absolutamente normal, ao que parecia, depois de fazer o juramento da maneira usual, subitamente gritou de maneira terrível, espantando a todos, e ficou enfermo por algumas semanas como se tivesse sofrido um severo choque nervoso, e nunca mais se dedicou a nada que se relacionasse ao ocultismo. Nenhuma explicação jamais foi dada para o incidente. Eu estava presente numa certa ocasião em que um grupo de três candidatos estava sendo preparado, e subitamente fomos informados no curso da cerimônia que o número dos candidatos havia se reduzido a dois. Soubemos depois que o terceiro se apavorara e fugira.

O que aconteceu nesses dois casos, eu não sei; se houve uma quebra de palavra ou se uma estava planejada, ninguém pode dizer; mas algo lançou o medo do Senhor sobre esses dois indivíduos e de modo bastante efetivo. Que esse choque não é inerente à cerimônia, prova-o o fato de que há apenas dois casos em minha experiência, e posso afirmar que presenciei um grande número de cerimônias. Pessoalmente, quando recebi minha própria iniciação, senti como se tivesse chegado ao porto após uma viagem tempestuosa.

Outro homem de minhas relações, que eu acreditava ser um ocultista superior, foi expulso da Ordem à qual pertencia, por que eu não sei, mas pelo que vi depois posso imaginar que houve razões suficientes. Em desafio ao seu

juramento de iniciação, ele começou a edificar uma loja independente. Aconselharam-no a desistir, e ele o fez, desmantelando o templo. Mas começou imediatamente a construir outro templo num lugar cuidadosamente oculto; e dessa vez ele foi mais ambicioso, pois se achou pronto para tentar os Grandes Mistérios. Ele era um artesão muito hábil e fez todo o equipamento do templo com as próprias mãos, de modo que ninguém podia saber o que estava em ação. Escondido atrás de cortinas de renda de Nothingham, numa rua comum de West London, levantava-se um belo e pequeno templo dos Mistérios Maiores. Ele completou sua obra após meses de árduo trabalho, e ninguém sabia dela, a não ser os seus amigos íntimos. Mas antes de começar o trabalho ritual verdadeiro, ele foi à costa para um pequeno descanso, e lá sofreu um ataque do coração enquanto estava deitado na praia e morreu em quatro horas. Os segredos da Ordem não foram revelados.

Outro homem que tivera uma disputa com a mesma famosa Ordem imprimiu e divulgou seus segredos como um ato de vingança. Ele era um homem de boa posição social, riquezas consideráveis e brilhantes habilidades literárias, e alcançara um nome como escritor. Desde então ele começou a declinar, e chegou à pobreza e à desgraça. A maldição de Ahasuerus parecia tê-lo alcançado, e ele foi acossado de país em país, não encontrando um lugar para morar. Nenhum editor publicou seus livros, nenhum jornal os noticiou.

Contarei, por fim, as minhas próprias experiências numa escaramuça astral. Eu escrevera uma série de artigos sobre os abusos que ocorrem nas fraternidades ocultas, e eles foram publicados na Occult Review.* Minha escrita é largamente inspirada, e muito do que escrevo me “vem” sem que eu tenha um conhecimento prévio do assunto, e nesse caso particular eu divulgara muito mais do que sabia, e me vi em sérios apuros. O primeiro sinal disso foi uma sensação de desassossego e inquietação. Passei depois a ter a sensação de que as barreiras entre o Visível e o Invisível estavam, por assim dizer, cheias de fendas, e continuei tendo vislumbres do Astral misturando-se com a minha consciência desperta. Isso, para mim, é incomum, pois eu não sou naturalmente sensitiva, e na técnica em que fui treinada aprendemos a manter os diferentes níveis de consciência rigorosamente separados e a utilizar um método específico para abrir e fechar as portas. É raro alguém obter um psiquismo espontâneo. A nossa visão assemelha-se ao emprego de um microscópio no qual examinamos material preparado.

A sensação de vaga inquietação transformou-se gradualmente numa sensação definida de ameaça e antagonismo, e comecei, então, a ver rostos demoníacos em lampejos que se assemelhavam àquelas imagens-retratos que os psicólogos chamam pelo nome antipático de hipnagógicas, lampejos de sonhos que aparecem no limiar do sono. Eu não suspeitava em absoluto de nenhum

indivíduo particular, embora estivesse ciente de que meus artigos haviam irritado profundamente alguém; qual não foi a minha surpresa então, quando recebi de uma pessoa a quem considerava uma amiga e por quem tinha o maior respeito uma carta que não me deixou dúvida alguma quanto à fonte do ataque e sobre o que eu poderia esperar se mais artigos fossem publicados. Posso honestamente dizer que até receber essa carta eu nunca tivera a menor suspeita de que essa pessoa estava implicada nos escândalos que eu atacara.

Eu estava numa posição delicada; havia lançado uma carga de artilharia sobre princípios gerais, e havia aparentemente "apanhado" muitos amigos e confrades e causado um grande reboliço no pombal. Minha posição era ainda mais delicada porque eu não sabia o tanto que eles suspeitavam que eu soubesse; eu sabia, é claro, que esses abusos existiam esporadicamente no campo do ocultismo como todos no movimento o sabem; mas saber dessa maneira vaga é uma coisa, e pôr o dedo na ferida de casos específicos é outra. Eu descobrira evidentemente algo muito mais considerável do que supunha. Eu me sentia como um menino que, pescando peixinhos, fisgasse um tubarão. Eu tinha que decidir se tentaria recuperar os meus artigos da Occult Review, ou se os deixaria correr o seu curso natural e sofrer as conseqüências. Eu tinha tido um fortíssimo impulso para escrever esses artigos, e agora eu podia ver por que isso ocorria. Direi algo, em outro capítulo, a respeito dos Vigilantes, essa curiosa seção da Hierarquia Oculta que cuida do bem-estar das nações. Uma parte de seu trabalho está aparentemente relacionada com o policiamento do Plano Astral. Pouco se sabe realmente sobre eles. Deparamo-nos esporadicamente com o seu trabalho e juntamos as peças. Eu cruzei seu caminho em várias ocasiões, como contarei mais adiante. Sempre que a magia negra está em ação, eles se põem em ação para entravar-lhe os planos. Seja como for, cheguei à conclusão de que, em face do que havia transpirado, o impulso que eu tivera para fazer aquele trabalho poderia ter emanado dos Vigilantes. De qualquer maneira, o trabalho precisava continuar. Alguém tinha que atacar esses pontos empesteados, a fim de purificá-los, de modo que resolvi manter minhas idéias e resolver a questão, e, portanto, deixar os artigos em questão seguirem o seu curso.

Algumas coisas realmente curiosas começaram a acontecer. Passamos a sofrer uma desagradável invasão de gatos negros. Não eram gatos alucinatórios, pois nossos vizinhos partilhavam da mesma aflição, e trocávamos lamentos com o vigia da casa ao lado, que se empenhava em retirar bandos de gatos negros dos degraus da porta e do peitoril da janela com uma vassoura, e que declarava nunca ter visto em sua vida tantos e tão medonhos espécimes. Toda a casa foi invadida pelo terrível mau cheiro dos animais. Dois membros de nossa comunidade saiam para trabalhar diariamente, e em seus escritórios, em diferentes partes de Londres, eles encontravam o cheiro penetrante dos gatos.

No início, atribuímos essa perseguição a causas naturais, e concluímos que éramos parentes próximos de alguma fascinante felina, mas os incidentes se sucediam e sentimos que as coisas não estavam absolutamente no curso ordinário da natureza. Estávamos nos aproximando do Equinócio Vernal, que é sempre um tempo difícil para os ocultistas; havia uma sensação de pressão e tensão na atmosfera, e todos nós nos sentíamos decididamente inquietos. Certa manhã, subindo ao andar de cima após o desjejum, eu subitamente vi, descendo as escadas em minha direção, um gigantesco gato malhado, de duas vezes o tamanho de um tigre. Ele parecia absolutamente sólido e tangível. Eu o encarei petrificada por um segundo, e então ele desapareceu. Compreendi instantaneamente que era um simulacro, ou uma forma mental que estava sendo projetada por alguém com poderes ocultos. Não que a aparição fosse de alguma maneira agradável, mas era muito melhor do que um tigre real. Sentindo-me realmente inquieta, pedi a uma de minhas companheiras para juntar-se a mim, e quando nos sentamos em meu quarto em meditação ouvimos o grito de um gato vindo de fora. Esse grito foi respondido por outro, e outro. Olhamos pela janela, e a rua, como podíamos ver, estava salpicada de gatos negros, e eles gemiam e gritavam em plena luz do dia como o fariam nos telhados à noite. Eu me levantei, reuni minha parafernália e realizei um exorcismo. Ao terminar, olhamos novamente pela janela. Não havia nenhum gato à vista, e jamais os vimos novamente depois. As visitas tinham chegado ao fim. Apenas a população normal de ratos convivia normalmente conosco.

O Equinócio Vernal estava então sobre nós. Devo explicar que essa é a estação mais importante do ano para os ocultistas. Grandes ondas de força flutuam nos Planos Internos, e elas são difíceis de manipular. Se há algum distúrbio astral para eclodir, ele normalmente arrebenta como uma tempestade nessa estação. Há também certos encontros que ocorrem no Plano Astral, e muitos ocultistas a eles comparecem fora de seus corpos. Para fazer isso, o indivíduo precisa entrar em transe, pois dessa maneira a mente fica livre para trabalhar. É comum pedir-se a alguém que compreende esse método de trabalho para vigiar o corpo enquanto este está desocupado e impedir que lhe sobrevenha qualquer dano.

Via de regra, quando um ataque oculto está sendo executado, procuramos manter a consciência a todo custo, dormindo de dia e permanecendo despertos e meditando enquanto o sol está sob o horizonte. Por azar, contudo, fui obrigada a fazer uma dessas viagens astrais nessa estação. Minha atacante sabia disso tanto quanto eu. Portanto, fiz meus preparativos com todas as precauções em que pude pensar, reuni um grupo cuidadosamente escolhido e fechei o local da operação com a cerimônia comum. Eu não tinha muita fé nessa operação em face das circunstâncias, pois a minha atacante era de um grau muito mais

elevado do que o meu, e poderia romper qualquer selo que eu colocasse. Contudo, esse procedimento dava proteção contra aborrecimentos menores.

O método de fazer essas viagens astrais é altamente técnico, e não posso entrar neste assunto aqui. Na linguagem da psicologia, trata-se de uma auto-hipnose obtida por meio de um símbolo. O símbolo age como uma porta para o Invisível. De acordo com o símbolo escolhido, assim será a seção do Invisível cujo acesso é obtido. O iniciado experiente, portanto, não erra no astral como um fantasma inquieto, mas caminha por corredores bem conhecidos.

A tarefa de minha inimiga não era, portanto, difícil, pois ela sabia a ocasião em que eu deveria empreender essa viagem e o símbolo que eu deveria utilizar para sair do corpo. Preparei-me, por conseguinte, para sofrer a oposição, embora não soubesse a forma que ela tomaria.

Essas viagens astrais são na verdade sonhos lúcidos nos quais o indivíduo conserva todas as suas faculdades de escolha, força de vontade e julgamento. As minhas sempre começam com uma cortina de cor simbólica por cujas dobras eu passo. Nem bem eu tinha atravessado a cortina nessa ocasião quando vi minha inimiga esperando por mim, ou, se preferirmos outra terminologia, comecei a sonhar com ela. Ela surgiu com todos os trajes de seu grau, que eram magníficos, e barrou minha entrada, dizendo-me que graças à sua autoridade ela me proibia de fazer uso dessas viagens astrais. Repliquei que não admitia o seu direito de me fechar os caminhos astrais apenas porque ela fora pessoalmente ofendida, e que eu apelara aos Chefes Interiores, por quem éramos responsáveis. Seguiu-se então uma batalha de vontades, na qual experimentei a sensação de ser girada pelo ar e cair de uma grande altura, e achei-me em seguida de volta ao meu corpo. Mas meu corpo não estava onde eu o deixara, e sim num dos cantos da sala, a qual parecia ter sofrido um bombardeio. Através do fenômeno bem conhecido da repercussão, a batalha astral tinha aparentemente se comunicado ao corpo, que havia dado um salto mortal enquanto um agitado grupo retirava a mobília de seu caminho.

Fiquei abalada por essa desagradável experiência. Reconheci que havia levado a pior e que fora efetivamente expulsa dos caminhos astrais; mas eu também compreendi que se aceitasse essa derrota minha carreira oculta estaria no fim. Assim como uma criança que foi derrubada de seu pônei precisa imediatamente retomá-lo e remontar, se pretende montá-lo novamente, eu sabia também que eu devia a todo custo empreender essa viagem astral se quisesse conservar meus poderes. De modo que pedi a meu grupo para recompor-se e refazer o círculo porque devíamos fazer outra tentativa; invoquei os Chefes Interiores, e saí novamente. Desta vez houve uma pequena e brusca batalha, mas consegui

terminar o trabalho. Tive a Visão dos Chefes Interiores e retornei. A batalha havia terminado. Desde então, nunca mais tive qualquer complicação.

Mas ao tirar minhas roupas para ir à cama, senti que minhas costas estavam muito doloridas e, tomando um espelho de mão, descobri que eu estava marcada de arranhões do pescoço à cintura, como se tivesse sido arranhada por um gato gigantesco.

Contei essa história a alguns amigos, ocultistas experientes, que àquela época estavam estreitamente associados à pessoa com quem eu tivera esse transtorno, e eles me disseram que ela era bem conhecida por esses ataques astrais, e que uma pessoa de quem eram amigos havia tido uma experiência exatamente igual, tendo sido coberta, após uma disputa com ela, pelas mesmas marcas de arranhões. Em seu caso, contudo, ela ficou enferma por seis meses e jamais teve qualquer contato novamente com o ocultismo.

Há um curioso epílogo para essa história, que pode ou não explicá-la. Já contei a história da morte misteriosa que ocorreu em lona. E que o corpo nu da infeliz jovem foi descoberto sobre uma cruz cortada na relva. Nenhuma causa pôde ser descoberta para a sua morte, e o veredicto foi de que ela morreu por exposição ao frio. Mas se ela estivesse perdida, como viria ela a morrer de maneira ritual, e não andando? Por que despiu ela todas as roupas antes de deixar a casa, cobrindo-se apenas com uma capa negra? E por que conservou consigo uma grande faca com a qual cortou a cruz na relva? Não conheço a sua história posterior, pois eu a perdi de vista durante os dois ou três últimos anos de sua vida, mas na época em que a conheci ela estava associada com a mulher à qual me referi. As únicas marcas que se encontraram em seu cadáver eram arranhões.

PARTE IV
MÉTODOS DE DEFESA CONTRA O ATAQUE PSIQUICO

CAPÍTULO XV
O ASPECTO FÍSICO DO ATAQUE E DA DEFESA PSÍQUICA

É preciso ter cautela em presumir que um ataque psíquico está sendo efetuado / Os efeitos duma constipação negligenciada / Focos sépticos / Diagnose correta / tratamento das condições físicas, uma medida preliminar essencial / Todos os casos sérios deveriam estar sob a supervisão de um médico qualificado / Efeito

dos soporíferos / Efeito do mar e das montanhas / Efeito do alimento / Efeito do calor e da pressão / Efeito da dieta / As vítimas de um ataque devem evitar todo trabalho psíquico.

Distinguimos já vários tipos de ataque psíquico, descrevemos os métodos que podem ser empregados para executá-los, e observamos também as várias formas de delírio, de fraude e de auto-sugestão que podem complicar o problema. Estamos, agora, em posição para discutir a questão da diagnose. Consideremos todo o assunto do ponto de vista prático. Supondo-se que um estranho nos venha com uma história de ataque psíquico, qual deveria ser o nosso procedimento?

Devemos em primeiro lugar ter em mente que é preciso ter cautela em presumir que um ataque psíquico está sendo efetuado. Os ataques psíquicos são coisas relativamente raras. Não devemos presumir que estamos lidando com um até que tenhamos excluído todas as outras hipóteses. Não muito tempo atrás deparei-me com um caso de pretensa obsessão, que era na verdade uma constipação negligenciada e que foi efetivamente exorcizada com óleo de rícino. Quando se observam sintomas físicos no caso, mesmo que eles se resumam a uma cor má ou a um mau hálito, um médico qualificado deveria fazer um diagnóstico, pois mesmo que a perturbação tenha um elemento psíquico predominante, a sua origem pode ser física. Os focos sépticos são realmente centros de decomposição, e como tal eles abrem a porta para formas inferiores de vida elemental cuja função é tomar parte na volta do pó ao pó. As impurezas da corrente sanguínea podem envenenar o cérebro. Tumores e abscessos podem desregular suas funções. Essas coisas só podem ser reconhecidas pelo homem que compreende o corpo; diante de sintomas semelhantes, o homem treinado é o melhor homem, e o homem com o melhor treinamento é o homem certo, e o único lugar em que um treinamento adequado em diagnose pode ser obtido é um hospital geral. Além disso, se as coisas não correrem bem, a única pessoa que pode tirar a sardinha com a cauda do gato é a pessoa cuja assinatura as autoridades aceitarão num certificado. Supondo-se que o paciente se revele um lunático, o que é que o praticante não-qualificado pode fazer com ele? Muitos casos de pretenso ataque psíquico são na verdade casos de insânia e histeria. A sandice incipiente é algo muito difícil de detectar; a histeria é muito astuciosa e plausível; um médico que lida com a natureza humana todos os dias de sua vida detectará esses dois estados muito mais rapidamente do que o leigo que jamais os viu antes.

Pode-se objetar que é muito difícil encontrar um médico que tenha uma atitude simpática para com o ocultismo. Utilizar esse argumento é falsear a questão. Não se pede ao médico que coopere com qualquer operação oculta, mas que

examine o distúrbio físico e, quando o encontrar, que o cure. Ele está tão preocupado com as medidas ocultas que se tomam em benefício do paciente quanto com a igreja que este freqüenta.

Se o médico não encontra nenhuma evidência de um distúrbio orgânico, ou de alguma doença como veias varicosas, que obviamente nada tem a ver com o estado mental, pode-se dizer que o caso passou pelo primeiro teste, e podemos estar certos de que cumpre-nos passar à investigação psíquica. Se o caso tem mau aspecto, ou se a perturbação dura já há muito, o médico provavelmente descobrirá que o paciente está debilitado, mesmo que não haja nada definitivamente errado, e irá proceder ao tratamento adequado. Isso é muito bom, pois, quanto melhor for o estado físico do paciente, maior controle mental e resistência ele terá. Os soporíferos deveriam ser evitados, se possível, mas, se forem necessários, o paciente deverá então ser vigiado enquanto dorme por alguém que saiba como manter uma guarda ocultista, e o quarto em que ele dorme deverá ser purificado e selado. Normalmente, se uma pessoa que está no astral depara com um ataque oculto, ela volta para o seu corpo como um coelho para a toca e desperta como que de um pesadelo; mas se o sono se tornou artificialmente profundo devido à ingestão de um soporífero, ela não poderá despertar, e ficará presa no astral, por assim dizer, que é a última coisa que se deseja no caso de um ataque psíquico. Se o soporífero é considerado absolutamente necessário, já que é impossível ficar sem dormir indefinidamente, a pessoa que está vigiando o paciente deverá observar cuidadosamente todos os sinais de que o sono está sendo perturbado por sonhos, e se ela perceber resmungos e contorções, deverá imediatamente realizar os esconjuros necessários e sussurrar em seus ouvidos sugestões calmantes e tranqüilizadoras como as que Coué recomenda que se façam no caso das crianças. Uma das características mais aflitivas de um ataque psíquico consiste no fato de que a vítima teme dormir porque sente que no sono ela está indefesa. Aqueles que leram a terrível história de Kipling, “The End of Passage”, devem lembrar-se de que a vítima do ataque oculto nela descrito sempre ia para a cama usando esporas para que com elas pudesse ferretear-se e despertar na eventualidade de estar pelejando com o seu inimigo invisível durante o sono.

Há muitas coisas que se podem fazer no piano físico para auxiliar a pessoa que está sofrendo um ataque oculto, e esses métodos físicos estão dentro das providências que um médico pode tomar quando o caso está aos seus cuidados. A luz do sol é extremamente valiosa porque fortalece a aura e a toma muito mais resistente., As pessoas são sempre aconselhadas a se retirarem para o campo por essa razão, mas, para a vítima de um ataque oculto, a reclusão no campo pode não ser a atitude mais sábia, pois as forças elementais são muito mais potentes fora das cidades, e se essa vítima corre o perigo de sofrer uma investida de forças atávicas, o melhor que ela tem a fazer é agarrar-se à morada

dos homens. O mar é igualmente uma força elemental que será melhor evitar, pois a água é um elemento que está intimamente associado ao psiquismo. Quando se recomenda uma recuperação saudável para uma pessoa que sofre de um distúrbio psíquico, as grandes massas de água e as montanhas elevadas devem ser evitadas. O melhor lugar é um balneário no interior do país. Jogos, treinamento físico, massagens, tudo que melhora o estado do corpo é útil, mas as longas caminhadas solitárias devem ser evitadas porque ela sempre o risco do suicídio. A pessoa que sofre de um ataque psíquico deveria a todo custo evitar a solidão.

Há uma outra medida simples que proporciona imenso alívio nos casos de interferência psíquica. E óbvio que o ataque é feito através dos centros psíquicos, portanto tudo que feche esses centros tornará a vítima relativamente imune. É sabido que uma pessoa embotada e materialista pode viver impunemente em casas assombradas que levam o sensitivo à loucura e ao suicídio. É também sabido que o trabalho psíquico não pode ser realizado se há. alimento no estômago; os melhores resultados são sempre obtidos em jejum. O corolário óbvio desses fatos é que, se desejamos manter os centros psíquicos fechados, não deveríamos permitir que o estômago ficasse vazio. A pessoa que está enfrentando um ataque psíquico não deveria ficar mais do que duas horas sem ingerir algum alimento.

Certos importantes centros psíquicos localizam-se na cabeça. Uma das maneiras mais simples de testar a sua atividade é retirar o sangue da cabeça. Isso pode ser feito tomando-se um banho quente ou colocando-se os pés em água e mostarda quente. Outro importante centro psíquico é o plexo solar; durante um ataque psíquico, sente-se que ele está quase sempre tenso e confrangido. Uma grande garrafa de água quente, bem cheia de modo que seja tão pesada quanto quente, deposta sobre o plexo solar, que é o espaço da largura da mão entre a boca do estômago e as costelas, aliviará efetivamente a tensão nesse ponto. Além disso, a pressão sem calor trará alívio, e eu soube de casos em que uma almofada firme presa no local por um cinto de espartilho trouxe muito conforto.

Acima de tudo, os intestinos deveriam ser mantidos livres enquanto se enfrenta um ataque psíquico, porque não há nada que ponha alguém em tão grande desvantagem quanto a acumulação de matéria estéril no corpo.

Todos esses simples remédios físicos são absolutamente úteis. Eles não darão uma cura para as patologias psíquicas, nem uma completa defesa contra o ataque psíquico, mas podem trazer um grande alívio para a aflição; eles permitem à vítima oferecer uma resistência muito mais efetiva, e aliviando a tensão eles aumentam a sua resistência. Em muitos casos de ataque psíquico, aquele que resiste por mais tempo triunfa; os ataques psíquicos realizados por

seres humanos não são coisas que podem ser mantidas indefinidamente, pois utilizam muita energia.

Diz um velho adágio: “Nunca utilize uma grande pá se uma pequena pá pode fazer o serviço”. Os métodos físicos de defesa envolvem muito menos dispêndio de energia do que os métodos psíquicos, portanto é psiquicamente econômico fazer tanto uso dela quanto possível. Por que devemos nos preocupar com exorcizar os elementos da terra por meio de um ritual se podemos fazê-lo com uma pílula?

A questão da dieta também precisa ser considerada a esse respeito. A propaganda muito difundida da Sociedade Teosófica fez com que o vegetarianismo fosse visto como um sine qua non do treinamento ocultista. Isso, contudo, não é verdade. A Tradição Esotérica ocidental não inclui o vegetarianismo como parte de seu sistema, mas ensina que um homem deveria comer frugalmente e moderadamente os alimentos da terra em que se acha. Pessoalmente, estou propensa a pensar que ocultismo e vegetarianismo podem constituir uma mistura insensata para um europeu, tendo como conseqüência uma super-sensibilidade que torna a vida muito difícil em nossa árdua civilização.

O vegetarianismo deve ser absolutamente bem compreendido e extremamente bem realizado para ser bem sucedido, e mesmo assim há muitas pessoas que são incapazes de digerir as proteínas vegetais, que não são tão facilmente assimiláveis quanto as substâncias animais. Nada a não ser a experiência pode mostrar se uma dieta vegetariana se adapta a uma dada pessoa. A indigestão não é o único indício de que algo não vai bem. A perda de apetite, a perda de energia, a perda de peso ou uma flácida corpulência podem causar uma má saúde crônica. Uma pessoa pode dar-se muito bem com o vegetarianismo no início, mas pode descobrir, depois de um considerável período de tempo, possivelmente anos, que estão se tomando sujeitas a neurites, a nevralgias, a dores ciáticas ou a uma ou outra das dores nevrálgicas. Essa é uma indicação segura de que uma dieta vegetariana está fornecendo insuficiente nutrição, não porque ela não contenha as unidades alimentícias necessárias, mas porque a digestão é incapaz de assimilá-las e elas estão passando inalteradas pelo organismo. Sempre que há uma história de dores nevrálgicas complicando um caso de distúrbio psíquico, costumo suspeitar de uma má nutrição crônica como causa de um psiquismo hipertrofiado. Nesses casos, descobrir-se-á provavelmente que uma volta gradual à dieta mista trará uma redução da hiper-sensiblidade, os contatos indesejáveis que se formaram desaparecerão e o estado orgânico voltará ao normal. A mudança de dieta, no entanto, deveria ser sempre feita gradualmente para que a digestão não seja perturbada.

Todo aquele que está tendo problemas com um distúrbio psíquico deveria imediatamente cessar todas as práticas ocultistas e abandonar suas meditações habituais, retornando às preces de sua infância ou aos métodos do Novo Pensamento. Não é hora de abrir os centros psíquicos quando há uma perturbação astral. A coisa a fazer nesses casos é regressar ao plano físico e aí ficar, resolutamente. Havia um desenho num velho número de Punch que no meu modo de ver expressa a atitude correta para uma pessoa atormentada pela perturbação psíquica. Á frente de uma antiga cama de baldaquino está uma feroz mulher armada com um rolo de pastel, e embaixo da sanefa aponta a cabeça do marido, que diz: “Você pode me bater e me quebrar, mas não pode reprimir a minha personalidade, pois eu não sairei”.

Se a vítima de um ataque oculto se concentra em coisas mundanas, ela se transforma num osso duro de roer para qualquer feiticeiro. O que pode o feiticeiro fazer se no momento em que opera a arte negra, a sua vitima está no cinema rindo às gargalhadas com as momices de Carlitos? Reza o velho ditado que um prego empurra o outro. Se você tem medo de perigos invisíveis, dedique-se a um esporte que tenha algum elemento de risco.

CAPÍTULO XVI
DIAGNOSE DA NATUREZA DE UM ATAQUE

O estado físico pode fazer com que os centros psíquicos se abram / Delírio / O problema da diagnose / Método de abordagem / Utilização da psicometria / Como manipular um espécime psicométrico / O valor da astrologia / Como encarar a história de um caso / Como detectar uma mentira / Abordagem indireta / Pontos de correlação / A influência dos lugares e A influência das pessoas / É necessário ter cautela ao assumir a responsabilidade / O investigador deveria fazer uma diagnose independente e testá-la pelo relatório do sensitivo e Limitações da psicometria.

Após termos considerado os fatores puramente físicos de uma perturbação psíquica, podemos agora passar à consideração dos fatores genuinamente psíquicos. Devemos ter sempre em mente, contudo, que descobrir o distúrbio físico não elimina necessariamente o fator psíquico. Um fator físico, tal como um estado anormal do sangue, pode causar uma forma inferior de psiquismo e pôr a sua vítima em contato com más condições astrais. A ciência pode chamá-lo de delírio ou alucinação, mas o ocultista chama-o de psiquismo patológico e pode muito fazer para suavizá-lo, seja fechando os centros psíquicos, seja extirpando as más influências psíquicas do meio ambiente do paciente, de modo que os espíritos que ele vê sejam angélicos em vez de demoníacos, e lhe causem

alegria e não angústia. Os centros psíquicos abertos à força por uma corrente sanguínea enferma percebem tudo que está no âmbito de sua visão. Portanto, asseguremo-nos de que nada, a não ser o que seja agradável, se aproxime deles. Podemos não ser capazes de afastá-los inteiramente do Astral, mas pelo menos podemos nos assegurar de que as suas viagens se fazem numa parte segura e agradável do Astral. As pessoas não compreendem o quanto as peregrinações dos delírios podem ser dirigidas e controladas pelas sugestões sussurradas nos ouvidos de uma pessoa doente. Podemos acompanhar o homem doente em suas viagens astrais e fazer com que a nossa voz seja ouvida entre as suas visões, com o nosso conhecimento expulsando as presenças maléficas que o ameaçam e guiando os seus sonhos no caminho da paz.

No início de nossa diagnose, devemos distinguir as três classes principais de distúrbio psíquico: aqueles que são um subproduto do distúrbio físico, aqueles que se devem à ação humana maligna, e aqueles que se devem à interferência não-humana. O primeiro tipo seria prontamente detectado pelo médico, se, como já se aconselhou, recorrêssemos a ele como medida essencial. Além disso, o médico seria útil também para eliminar as fraudes, pois as pessoas que se movem nos círculos psíquicos e estão familiarizadas com a sua terminologia podem simular um ataque psíquico, seja para ganhar dinheiro ou obter hospitalidade, seja por puro amor à notoriedade, um motivo muito mais comum para as aberrações humanas do que geralmente se pensa. As fraudes normalmente desaparecem com muita rapidez quando ameaçadas por um exame físico. Aqueles que decidem arriscar a sorte são rapidamente apanhados pelo homem que trabalhou no ambulatório de um hospital geral.

O diagnóstico que o ocultista deve fazer consiste, portanto, em distinguir o ataque de uma mente encarnada e o ataque de uma mente desencarnada. Há duas maneiras pelas quais o ocultista pode fazê-lo, e ele deveria utilizar ambas, para que elas se contraprovem mutuamente.

Ele deveria recorrer pelo menos a dois sensitivos independentes para psicometrizarem o caso, e ele próprio deveria fazer seu diagnóstico a partir da história do caso interpretada à luz dos primeiros princípios. É um grande erro misturar o sensitivo e o cientista. Eles podem neutralizar-se mutuamente. Deixemos que uma pessoa faça o psiquismo e a outra, a observação, e tomemos as precauções adequadas para impedir que os resultados da investigação do clarividente sejam viciados pela sugestão, ou pela leitura mental das opiniões previamente concebidas e conservadas no cérebro de qualquer uma das pessoas envolvidas. É, portanto, uma boa coisa enviar os sujeitos para um exame psicométrico no início de uma investigação ocultista, antes de formar qualquer opinião.

Não é a coisa mais simples do mundo manipular adequadamente os objetivos para exame psicométrico. Eu vi certa vez um homem tirar um cacho de cabelos, pertencente a outra pessoa, de seu bolso, onde ele o tinha mantido por alguns dias, e o entregar para a psicometria. O cacho estava naturalmente tão impregnado com as suas próprias emanações que era inútil. Um espécime encaminhado para exame deve ser algum objeto que esteja completamente impregnado com as vibrações de uma pessoa. Uma roupa usada recentemente e habitualmente, um cacho de cabelos, uma peça de joalheria, todos esses objetos podem servir, desde que adequadamente preservados. Substâncias cristalinas, tais como pedras preciosas, conservam o magnetismo melhor do que tudo o mais; os metais são igualmente bons; preciosos ou não. Um canivete, por exemplo, conservará adequadamente o magnetismo. A madeira conserva-o mal, assim como o papel, a lã, o algodão e a seda artificial, especialmente esta última. A seda e o linho são bons. A borracha é inútil. O vidro depende da forma para manter seus poderes. Se está cortado de modo que refrate a luz, ele é muito bom; se é liso e transparente, como o vidro das janelas, é quase inútil. A pedra é média. A cerâmica, pobre. Um artigo trabalhado não é tão bom quanto um artigo simples. Por exemplo, um anel cravejado não é tão bom quanto um anel de sinete. As cartas podem confundir porque contêm tanto do magnetismo do envelope quanto do autor. Alguns sensitivos podem trabalhar a partir de uma fotografia, mas esse método não é, estritamente falando, psicométrico, pois a imagem mental evocada pela fotografia é utilizada para apanhar a imagem correspondente no éter refletor.

É preciso ter muito cuidado para manipular um espécime a psicometrizar, pois ele será facilmente contaminado pelo magnetismo de quem o tocar ou permanecer nas suas proximidades, ou mesmo pensar nele com concentração. Por exemplo, se enquanto estiver embrulhando esse espécime para enviá-lo, você pensar no problema que ele apresenta e elaborar a sua própria teoria, o psicometrista pode apanhar a sua forma mental ao invés de ler o estado da pessoa a quem pertence o objeto. Os materiais que são utilizados no embrulho deveriam também estar livres de magnetismo. Num certo caso, de que tive conhecimento, o sensitivo afirmou que um certo berloque pertencia ou a uma enfermeira ou a alguém que trabalhava em hospitais. Na verdade, ele não pertencia a nenhum dos dois, mas havia sido embrulhado em algodão cirúrgico.

Quando embrulhar um espécime psicométrico, faça-o da maneira mais rápida possível e manipulando-o o menos que puder. Pegue um pedaço de seda "virgem" branca ou preta (não colorida), grande o bastante para servir como um invólucro. Coloque-a sobre o artigo e embrulhe-a rapidamente, manipulando-o através da seda. Em sentido oculto, "virgem" significa algo que nunca foi utilizado para qualquer outro propósito. Por exemplo, você não deve utilizar um retalho de um velho vestido ou de uma capa de almofada. Um artigo que não se

presta para manipular por esse método pode ser seguro por pinças ou pelas pontas de um par de tesouras e colocado no pedaço de seda no qual será enrolado. Guarde o artigo embrulhado numa caixa de madeira, assegurando-se de que todo enchimento utilizado seja também virgem. Não se deve confiar no relato de um único psicometrista. É também conveniente, ao enviar os espécimes, e especialmente ao enviar uma hora de nascimento para um horóscopo, que o nome do paciente não seja conhecido, para que o boato não se espalhe. Os astrólogos gostam muito de traçar mapas circulares e de discuti-los. Eu soube de coisas muito desagradáveis que ocorreram por essa razão.

Um horóscopo feito por alguém que compreende a natureza desse trabalho é de grande valor, pois a posição dos planetas nas casas celestes não apenas serve para auxiliar o diagnóstico, mas é também um guia muito importante para o tratamento. É melhor, portanto, explicar ao astrólogo a natureza do caso, e a espécie de informação desejada, para que ele possa estudar a carta de acordo com esses dados. Um horóscopo é para um terapeuta ocultista o mesmo que uma chapa de raio X para um médico.

Enquanto espera esses relatórios, e enquanto a sua mente ainda não está influenciada por eles, o ocultista deve fazer o seu próprio diagnóstico independente. Para fazê-lo, ele deveria ter pelo menos duas entrevistas com o paciente. Na primeira, deveria ouvir a história do caso, deixando o paciente apresentar os fatos à sua própria maneira, sem direção ou questões condutoras. Assim que o paciente saísse, o operador deveria escrever a história do caso com todos os detalhes de que possa se lembrar. É extremamente indesejável tomar notas na presença do paciente, pois isso o deixa nervoso, por pressentir que, nas palavras dos tribunais, “tudo que disser poderá ser utilizado como prova contra ele”.

Ao se preparar para a segunda entrevista, o ocultista deveria estudar cuidadosamente o seu registro e ter bem claro em mente os seus pontos e a sua seqüência. Agora é a hora de questionar os pacientes a respeito das discrepâncias e dos hiatos. Esse procedimento revelará a mentira, deliberada ou histérica, mais rapidamente do que qualquer outro método, pois as discrepâncias de sua segunda história se chocarão claramente contra o registro escrito da primeira. Se ele está falando a verdade, as duas histórias concordarão. Se está distorcendo os fatos, ele logo cairá em contradição.

Lembre-se de que você está lidando com uma pessoa que tem características sensitivas ou neuróticas, ou talvez ambas, em sua personalidade, e que sua atitude para com ele, e mesmo seus pensamentos não-expressos, o influenciarão profundamente. Se ele sente que você está duvidando de suas palavras, ele perderá a autoconfiança e começará a pensar que suas experiências podem,

afinal, ser fruto de sua própria imaginação. Conseqüentemente, ele suprimirá coisas que podem ser importantíssimas do ponto de vista do diagnóstico. É nesse despejar de detalhes relevantes e irrelevantes que você descobrirá suas pistas.

Há certos pontos de referência em que você precisa prestar atenção ao ouvir esse histórico, mas não deixe que o seu paciente compreenda que você os está buscando, pois se você ganhou a sua confiança ele poderá perceber o seu ponto de vista, e se ele descobrir que você já tem uma opinião formada, distorcerá inconscientemente os acidentes para que concordem com essa opinião. Não permita que ele adivinhe o propósito de suas questões, e assim você obterá dele respostas imparciais. Para impedir que ele adivinhe o que você pretende dizer, não faça uma série de perguntas que elucidem a informação sobre um ponto especifico. Faça perguntas primeiro sobre um ponto e depois sobre outro. Por exemplo, se você suspeita que a perturbação pode ser devida à casa em que o paciente mora, a última coisa que você deve fazer é despertar-lhe as suspeitas a esse respeito, a menos que você esteja numa pista falsa. E mesmo se você descobrir que está na trilha correta, você não deve apresentar-lhe os fatos antes de estar pronto para agir, pois aumentando suas apreensões você aumentará seus sofrimentos. Se você suspeita que o sexo exerce um papel em sua perturbação, e o paciente desconfia do rumo de suas perguntas, ele imediatamente ocultará as pistas, e você descobrirá que é muito difícil obter todos os fatos. Ao passo que se as suspeitas do paciente não forem despertadas, ele se revelará a um estrevistador astuto e experiente que se aproxima indiretamente sem que ele se dê por isso. Aproxirnando-se indiretamente, você não apenas obtém todos os fatos reais do caso, mas poupa os seus sentimentos.

Ao tomar o histórico de um caso, você deve buscar pelas correlações entre a experiência psíquica de seu paciente e as circunstâncias de sua vida. Datas e lugares, por conseguinte, devem ser diligentemente pesquisados. Quando começou a perturbação, e onde? Tendo obtido todas as informações que puder sobre esses dois pontos, comece a investigar se elas apresentam qualquer significado oculto. Verifique cuidadosamente as datas, e examine-as numa efeméride daqueles anos, e observe como estava a lua em relação a elas, e também os planetas. Observe se as datas caíram nos equinócios ou nos solstícios. Observe também os dias da semana que lhes correspondem. Se você descobrir que todas as crises do caso ocorreram nas quintas-feiras, ou por ocasião do Equinócio Vernal, ou na lua cheia, você terá uma informação de extraordinário significado. Você terá a certeza, pelo menos, de que está lidando com um caso em que as marés psíquicas invisíveis desempenharam algum papel.

É preciso procurar informações também a respeito do lugar ou lugares em que as diferentes crises da perturbação ocorreram e especialmente as circunstâncias que acompanharam a sua primeira manifestação. É extremamente útil visitar, se possível, o lugar e sentir a sua atmosfera. Pode-se saber muita coisa visitando-se os lugares em que o paciente está vivendo.

Tendo obtido toda a informação geográfica que conseguir, estude-a cuidadosamente em um mapa de artilharia de grande escala. Pode-se facilmente ter acesso a ele, e a todas as informações desejadas, numa biblioteca pública. Observe se há qualquer vestígio pré-histórico na vizinhança e, se houver, qual a relação existente entre a casa e ele. Levante a história do distrito, e veja se ela traz qualquer informação adicional. Os vestígios romanos estão amiúde no fundo da perturbação, pois as legiões trouxeram consigo alguns cultos muito estranhos nos dias da decadência de Roma. Deve-se suspeitar também dos vestígios druidas, se há algum deles nas cercanias.

Informe-se também sobre quaisquer objetos incomuns da casa, como imagens de divindades de cultos primitivos ou armas selvagens.

É possível que poderosos elementais estejam relacionados com eles. Pergunte se a perturbação desaparece quando o paciente se vai para outro lugar. Se a resposta é afirmativa, pode-se com segurança presumir que as condições ambientais estão no fundo da perturbação. Mas se a resposta é negativa, isso não significa necessariamente que o contrário é verdadeiro. Pode ser que a perturbação não dependa do local, mas de alguma pessoa que reside no local. Nunca se esqueça de que na grande maioria dos casos essa influência nociva da pessoa deve-se antes a uma constituição psíquica infeliz do que ao abuso deliberado do conhecimento oculto. Demore para aceitar esta última hipótese, pois a sua ocorrência é relativamente rara. E mesmo que se saiba que a pessoa suspeita tem conhecimentos ocultos e que se possa provar que ela é hostil ao paciente, isso não significa necessariamente que o ataque é consciente e deliberado. Ele pode ser inconsciente e reflexo. E bem verdade que um ocultista deveria ter suficiente controle sobre seus veículos para impedi-los de agir independentemente de sua vontade e de sua consciência; mas esse nem sempre é o caso. As pessoas estão em estágios muito diferentes de desenvolvimento. Há sempre um período difícil entre o despertar dos poderes superiores e o pleno controle sobre eles.

Dever-se-ia investigar, também, a natureza dos sonhos, e se o paciente é sujeito a pesadelos, mesmo fora da questão estrita do ataque oculto. E também se ele já teve outras experiências psíquicas, e, em caso positivo, de que natureza.

Finalmente, uma cuidadosa pesquisa deveria ser feita a respeito dos amigos do paciente, para se saber se algum deles é sensitivo ou estudioso do ocultismo. Seja muito cauteloso, contudo, para não lançar suspeitas sobre qualquer pessoa, a menos que você tenha provas conclusivas, e é essencial fazê-lo para poupar o paciente. Lembre-se de que é sempre possível que você possa estar errado. Os jornais relataram, não faz muito tempo, o caso de um homem que cometeu suicídio porque um médico o informou de que sofria de uma doença cardíaca congênita e que não deveria desposar a jovem de quem estava noivo. Na autópsia, descobriu-se que ele nada tinha em absoluto no coração. Imagine os sentimentos do médico que deu esse precipitado diagnóstico. Uma pessoa já transtornada por um ataque psíquico terá medo da própria sombra. É preciso tratá-la muito discretamente. Seja muito cauteloso ao anunciar suas suspeitas, mesmo que elas já estejam conclusivamente comprovadas. Quanto tudo foi dito e feito, o objetivo principal de seu trabalho é uma cura, não uma explicação. É de pouco valor para seu paciente apurar a responsabilidade, a menos que o assunto possa ser esclarecido. Ele ficará consideravelmente pior se as suas suspeitas forem dirigidas contra alguma pessoa de seu ambiente, de quem ele não pode escapar, e é melhor deixá-lo atribuir a sua perturbação e influências psíquicas não-identificadas. O ditado "onde a ignorância é bem-aventurança é loucura ser sábio" é mais verdadeiro nos assuntos psíquicos do que em qualquer outro. Nunca abra os olhos de seu paciente a um perigo para o qual você não pode lhe dar uma defesa eficaz. O cirurgião que está prestes a operar cobre os seus instrumentos com uma toalha para que o paciente não os veja. O ocultista sábio faz o mesmo. Não esqueça que o invisível é sempre suspeito para o não-iniciado.

Tendo conduzido a pesquisa nas linhas esboçadas nas páginas anteriores, você terá adquirido uma considerável quantidade de material para investigação. Examine-o cuidadosamente em busca de correlações de causa e efeito. Observe se qualquer exacerbação da perturbação está regularmente associada a qualquer incidente, lugar ou pessoa. Considere também os vários casos típicos que dei como exemplos nos capítulos anteriores, e veja se você pode descobrir algum que se assemelhe ao caso que está investigando. Observe as explicações dadas, e veja se elas lançam alguma luz sob o problema, ou se sugerem linhas pelas quais a pesquisa possa ser desenvolvida.

Trabalhando dessa maneira, você será capaz de chegar a um diagnóstico provisório. Se ele é confirmado pelas descobertas dos sensitivos a quem você enviou espécimes para psicometria, então você pode confiar em que está na trilha correta e prosseguir confiantemente.

Lembre-se, contudo, de que embora os sensitivos possam concordar quanto aos pontos principais de sua investigação, você não pode esperar uma concordância

completa quanto aos detalhes. Eles inspecionam uma fotografia composta de toda a vida do paciente, e há tanto para ver que não é provável que eles vejam tudo. As coisas que eles confirmam podem ser dadas por estabelecido, mas as coisas que um vê, e o outro não, não são necessariamente ilusórias.

CAPÍTULO XVII
MÉTODOS DE DEFESA (1)

O não-iniciado e o exorcismo / Limpeza da atmosfera psíquica / Livrando-se do magnetismo /Água corrente / Eletricidade e bacteriologia / Fórmula para preparar água benta / Fenômenos físicos / Como impedir as materializações / Magia etérea no Oriente / Precauções a tomar contra ela / Utilização dos subprodutos do corpo / Substâncias empregadas na Magia Negra / Utilização do alho como purificador.

Ao escrever para o leitor comum uma exposição dos métodos a utilizar no combate a um ataque psíquico, eu me lembro daqueles excelentes manuais de medicina e cirurgia que um esclarecido Ministério da Indústria e do Comércio insiste que devem ser fornecidos aos capitães de navio, juntamente com um armário cheio de remédios, inofensivos ou não. Quando surge uma emergência, o digno capitão lê do princípio ao fim o capítulo que ele acredita ser indicado para o caso em questão e se põe ao trabalho como melhor pode.

Assim é quando se lida com a perturbação psíquica. Para se fazer um diagnóstico é necessário ter uma larga experiência e para se enfrentar os possíveis acidentes cumpre ter sobretudo faculdades treinadas e, mais do que isso, poderes desenvolvidos. Este livro tem mais a natureza de um manual de primeiros socorros do que de um tratado sobre o tratamento.

Devemos ter também em mente que assim como a droga potente é eficaz nas mãos de um perito mas perigosa nas mãos do amador, do mesmo modo as fórmulas ocultas mais poderosas exigem um equipamento especial para a sua utilização. Além disso, uma fórmula que é utilizada indiscriminadamente pelo não-iniciado tende a perder a sua potência e a tornar-se inútil. A imprecação popular que Bernard Shaw introduziu na sociedade cortês em sua peça Pigmaleão é o retalho puído da adjudicação outrora poderosa “Por Nossa Senhora”. Além disso, dois casos nunca são iguais, e o caso típico e bem definido é uma raridade e um tesouro. O senso comum, a aptidão natural e a experiência são o melhor equipamento do exorcista.

Tendo feito seu diagnóstico e estando pronto para cuidar do caso, o exorcista deverá cumprir três obrigações: precisará reparar a aura do paciente, clarear a atmosfera de seu ambiente e quebrar o seu contato com as forças que estão causando a perturbação. Essas três coisas são interdependentes, e nenhuma delas é a primeira ou a última. É quase impossível levar uma aura avariada à cura se você não purificar a atmosfera; e a atmosfera não permanecerá limpa por muito tempo se você não conseguir quebrar os contatos.

Teoricamente, o ideal é quebrar os contatos como ponto de partida. Mas infelizmente, na prática real, é às vezes muito difícil descobri-los, e é muito difícil manipulá-los depois que foram descobertos. Entretanto, algo deve ser feito para manter o paciente vivo. Compete ao exorcista purificar o local em que trabalha. Ou, se a vitima do ataque está se defendendo sem ajuda, cumpre-lhe construir rapidamente algumas defesas temporárias enquanto cava trincheiras.

A primeira coisa a fazer quando se lida com um ataque oculto é fazer uma purificação temporária da atmosfera e, assim, ganhar uma pausa para respirar e refazer as fileiras destruídas. Isso é obtido mais prontamente por um ritual organizado do que pela força de vontade sem auxilio, Todo ato realizado com intenção torna-se um rito. Podemos tomar um banho tendo em mente apenas a limpeza física; nesse caso o banho limpará nossos corpos e nada mais. Ou podemos tomar um banho visando à limpeza ritual, e nesse caso sua eficácia se estenderá para além do plano físico. Portanto, realizamos certas ações físicas não apenas como um meio de purificar as condições etéreas, mas também como um meio para produzir definitivamente pela imaginação as condições astrais necessárias, uma arma potentíssima em todas as operações mágicas.

Os objetos físicos impregnam-se com as emanações etéreas e as retêm por períodos consideráveis como uma faca retém o odor de cebolas e contamina tudo que cortamos com ela. Essas emanações, ou magnetismo como são chamadas na terminologia da ciência oculta, afetam profundamente toda pessoa sensitiva que está em contato com elas. Há um fundo de verdade na velha superstição de que traz desgraça colocar as botas sobre uma mesa. É igualmente desaconselhável colocar roupas externas sobre uma cama. Você não sabe em quem roçou os ombros no ônibus ou no trem, então por que dar ao magnetismo de alguém a chance para contaminar o seu lugar de dormir?

Felizmente para todos nós, o magnetismo é uma força muito fugidia, e embora essa força possa ser poderosa quando fresca, ela desaparece rapidamente, a não ser que tenha sido deliberadamente criada por meio do ritual. Não é difícil livrar-se da terrível atmosfera que cerca a vítima de um ataque oculto e permeia todos os seus pertences, embora ela rapidamente se recomponha quando as condições que a originaram não foram purificadas.

O meio mais eficaz de livrar a vítima do magnetismo é movê-la para um local fresco e não deixá-la levar nenhum de seus pertences. Isso, contudo, é uma coisa muito difícil para muitas pessoas. Felizmente, há outros expedientes que nas permitem atingir nossos fins tão rapidamente quanto eficazmente. Se for possível, deixemos que a vítima de um ataque oculto se mude temporariamente para outro ambiente, levando consigo apenas os pertences indispensáveis, e façamos com que ele se mude com novas roupas, ou em roupas que acabaram de chegar da lavanderia. Obriguemo-lo, além disso, a manter o seu paradeiro tão secreto quanto lhe seja possível.

Diz uma velha superstição que uma bruxa pode ser expulsa da trilha se encontrar em seu caminho água corrente. Sou da opinião de que muitas dessas antigas crenças populares têm uma base real, embora revestida pela superstição. Certa vez eu tive uma curiosa experiência que dá apoio a essa opinião. Eu estava prestes a tomar parte num importante trabalho oculto ao qual eu sabia que haveria oposição. Uma amiga que estava a par do assunto pediu-me para jantar com ela na noite anterior ao dia fixado para a operação. Estávamos ambas conscientes da tensão da atmosfera, e ela sugeriu que eu deveria permanecer à noite em seu apartamento em vez de retornar ao meu, não informando a ninguém do meu paradeiro a fim de tirar o ataque da trilha. A manobra não foi inteiramente bem sucedida, e tivemos uma noite exasperante, e no dia seguinte eu podia perceber a grande tensão psíquica que me oprimia. Decidi, portanto, caminhar no Hyde Park a fim de me refrescar. Quando tinha caminhado parte do caminho, senti subitamente que a tensão diminuíra, e pude entregar-me ao trabalho sem interferências. Narrei esta experiência à minha amiga, e ela me fez perguntas quanto ao local em que eu estava quando isso ocorreu. Observamos o ponto num mapa e descobrimos que eu havia atravessado a tubulação subterrânea pela qual passa a água oriunda da Serpentina. Eu não conhecia a antiga superstição concernente à água corrente, nem sabia da existência da tubulação. Não obstante, a sensação de alivio foi suficientemente forte para fazer-me falar dela quando vi novamente minha amiga, e para poder indicar o ponto em que ele havia ocorrido.

Temos pouco conhecimento exato a respeito dessas forças sutis que são a base do ataque oculto e da cura espiritual, mas temos boas razões para acreditar que em sua natureza elas são estreitamente análogas à eletricidade. Não são forças inanimadas, mas têm em sua natureza algo que é afim à vida, embora de um tipo inferior. Sei por experiência que se trabalhamos numa analogia entre a eletricidade e a bacteriologia, chegamos mais perto dos fatos; tão perto, pelo menos, quanto o permite o estado atual. de nossos conhecimentos. Em outras palavras, se agirmos como se possuíssemos as qualidades combinadas da eletricidade e da bactéria, poderíamos ter um método suficientemente acurado

de governar por vôo cego na ausência de certo conhecimento e de compreensão real. Se analisamos os vários métodos utilizados na magia popular de todas as épocas e raças, poderíamos observar que elas concordam com essas hipóteses.

A água corrente, como sabemos, tem peculiares qualidades elétricas, como o testemunha o efeito que ela causa sobre uma varinha de rabdomante nas mãos de uma pessoa sensitiva. Seja o que for que afete o adivinho, trata-se provavelmente da mesma coisa que afeta o ataque oculto. Quando nos lembramos, contudo, de que a água corrente afasta os sabujos da pista assim como a pretensa bruxa, não podemos ser acusados de superstição grosseira se minamos a antiga tradição popular e observamos os seus resultados.

A água, além disso, é o veículo da purificação. Ela é utilizada no rito do batismo pela Igreja e na Preparação do Lugar pelo ocultista antes do início de uma cerimônia. Estritamente falando, deve haver um pouco de sal na água empregada para esse fim, e o sal e a água são abençoados pelas poderosas invocações quando o sacerdote prepara água benta, seja para um batismo, ou para colocá-la na pia para uso da congregação.

No que concerne ao ocultista, o sal é para ele o emblema do elemento da terra. É também uma substância cristalina, e as substâncias cristalinas, em suas diferentes formas, recebem e mantêm o magnetismo etéreo melhor do que qualquer outro veículo. A água, por outro lado, é o emblema da esfera psíquica. Esses dois remos, entre todos, contêm, sem dúvida alguma, o maior quinhão do mal oculto. É de fato raro que a maldade espiritual em lugares elevados chegue até os reinos aéreos da mente ou os reinos ardentes do espírito. Se desejamos entrar em contato com uma esfera particular ou operar por seu intermédio, utilizamos como base uma substância que lhe seja apropriada. Consequentemente, uma solução de sal e água fazem uma base melhor do que o fariam a água e o sal em separado, porque isso nos permite cobrir toda a esfera das operações prováveis num único ato. É interessante notar, a propósito das propriedades mágicas das substâncias cristalinas, que os cristais são utilizados nos aparelhos de rádio para captar as vibrações sutis do éter. Mais uma vez estamos perto da trilha de nossa analogia eletrobacteriológica.

É um ótimo expediente, quando se tenta quebrar um contato psíquico indesejável, imergir o paciente num banho de água que foi especialmente consagrada para esse fim; vesti-lo em seguida com roupas novas ou pelo menos limpas, e, se for possível, mudá-lo para um quarto diferente. Se isso não pode ser feito, desloque a cama de lugar, cuidando para que ela fique num ângulo diferente do anterior; ou seja, se o paciente tinha o hábito de dormir deitado no sentido norte-sul, coloque sua cama de modo que ele agora durma no sentido leste-oeste.

As seguintes preces podem ser utilizadas na bênção do sal e da água:

“(Apontando o primeiro e o segundo dedos para o sal.) Eu te exorcizo, ó criatura da terra, pelo Deus vivo ( ), pelo Deus sagrado ( ), pelo Deus onipotente ( ), para que te purifiques de todas as influências malignas, em Nome de Adonai, Que é o Senhor dos Anjos e dos homens.

“(Estendendo a mão sobre o sal.) (Ó criatura da terra, adora teu Criador. Em Nome de Deus, Pai Todo-Poderoso, criador do céu e da terra, e no de Jesus Cristo, Seu Filho, nosso Salvador, eu te consagro ( ) para o serviço de Deus, em Nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

“(Apontando o primeiro e o segundo dedos para a água.) Eu te exorcizo, ô criatura da água, pelo Deus vivo ( ), pelo Deus sagrado ( ), pelo Deus onipotente ( ), para que te purifiques de todas as influências malignas, em Nome de Elohim Sabaoth, Que é o Senhor dos Anjos e dos homens.

“(Estendendo a mão sobre a água.) (ó criatura da água, adora teu Criador. Em Nome de Deus, Pai Todo-Poderoso, Que estendeu um firmamento no meio das águas, e de Jesus Cristo, Seu Filho, nosso Salvador, eu te consagro ( ) para o serviço de Deus, em Nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

“(Derramando o sal na água.) Nós te suplicamos, ó Deus, Senhor do Céu e da Terra, e de tudo que existe neles, visível e invisível, que Tu possas estender a mão direita de Teu poder sobre essas criaturas dos elementos e santificá-las em Teu santo Nome. Permite que este sal ajude a saúde do corpo e esta água a saúde da alma, e que todo poder da adversidade e toda ilusão e artifício do mal sejam banidos no lugar em que ambos forem utilizados, por amor a Jesus Cristo nosso Salvador. Amém.”

A água assim consagrada pode ser utilizada num banho, ou para fazer o Sinal da Cruz sobre a testa, ou para espargir sobre algum local. No momento de sua utilização, pode-se empregar a seguinte oração:

“Pelo Nome que está acima de todos os outros nomes, e pelo poder do Pai, do Filho e do Espírito Santo, eu exorcizo todas as influências e sementes do mal e derramo sobre elas o conjunto da Santa Igreja de Cristo, para que possam ser presas rapidamente com as correntes e arrojadas nas trevas exteriores, que elas não perturbem os servos de Deus.”

Apontando ou fazendo o Sinal da Cruz ( ), os dedos indicador e médio são estendidos e o anular e o mínimo são dobrados contra a palma da mão, com o

polegar repousando sobre suas unhas. Quando a mão é estendida para abençoar o sal e a água, conservamo-la plana, com os dedos juntos e paralelos, o polegar estendido em ângulo reto ao indicador.

Se há bastante força oculta em ação para produzir fenômenos físicos, é aconselhável precaver contra a ocorrência de materializações. Os fenómenos físicos apresentam vários tipos de manifestação. Eles podem tomar a forma de ruídos, normalmente rangentes ou surdos, ou mais raramente notas de sinos ou sons de lamentos. Se a vítima ouve palavras reais, devemos suspeitar de alucinações auditivas, pois, na ausência de um médium, as mensagens dos espíritos são comunicadas ao ouvido interno, e não ao nervo auditivo. Luzes podem também ser vistas, tomando comumente a forma de esferas opacas de névoa luminosa levitando como bolhas de sabão. Essas esferas podem ser de qualquer tamanho, desde pequenos pontos de luz até corpos de dimensões consideráveis, atingindo seis pés ou mais de diâmetro. Nessas esferas de luminosidade opaca, os sensitivos costumam ver formas humanas ou do reino animal. Nuvens de cor cinzento-esbranquiçada podem também às vezes ser vistas, emergindo do chão na forma de colunas de fumaça. Essas nuvens se fixam num lugar e não se movem sobre o quarto como o fazem as esferas de luz, mas giram sobre si mesmas como redemoinhos de fumaça dentro de um co-po. Pode-se observar mais raramente um odor marcante. Pode haver também precipitações de substâncias polvorentas ou de lama, mas esses casos são ainda mais raros. Objetos luminosos podem também cair e espalhar-se pelo quarto.

Há certas substâncias que a experiência provou serem eficazes para impedir a condensação de energia etérea. Sal consagrado dissolvido em vinagre e colocado num pires no quarto poderá dissolver baixos graus de força, mas para potências mais elevadas é conveniente utilizar ácido nítrico, derramando uma pequena quantidade deste num pires e expondo-o ao ar. Convém utilizá-lo em forma diluída para prevenir acidentes, pois não é a força do ácido no pires que é eficaz, mas sim a sua evaporação no ar, e o ácido evaporará tanto diluído quanto puro. De que maneira ele opera, eu não tenho a menor idéia, mas seu valor é bem conhecido entre os sensitivos.

Os métodos do ataque oculto empregados na Europa moderna são exclusivamente mentais, pelo menos no âmbito de minha experiência. Ou seja, neles a mente opera sobre a mente, e só incidentalmente afeta os estados físicos. No Oriente e entre os povos primitivos, contudo, outros, aspectos devem ser considerados, pois muitos tipos etéreos de magia são utilizados sob condições primitivas de vida e sob solos virgens. Nessas operações etéreas, lança-se mão de substâncias materiais para utilizar o magnetismo que lhes é afim. Fios de cabelo, aparas de unhas, roupas usadas, objetos de uso familiar, tudo isso contém magnetismo. Conseqüentemente, é preciso cuidar para que essas coisas

sejam efetivamente destruídas quando fora de uso. Fios de cabelo e aparas de unha deveriam ser rapidamente queimados. As roupas usadas nunca deveriam sair da posse de seu proprietário senão depois de três dias de exposição ao sol e ao ar livre. O magnetismo dispersar-se-á mais eficazmente se as roupas ficarem sobre a terra, especialmente sobre terra recém-revolvida, e não penduradas num varal. O mesmo se aplica à mobília. A poltrona que era o assento costumeiro da vítima e, acima de tudo, a cama, devem ser arejadas e postas ao sol antes de partirem. As mesmas precauções são úteis se qualquer objeto de segunda mão foi adquirido.

A destinação de excrementos humanos deveria ser cuidadosamente organizada e confiada a criados dignos de confiança, com a utilização constante e farta de desinfetantes e desodorantes. Devem-se tomar precauções para impedir que algum nativo tenha acesso a excrementos frescos. Depois que o calor animal saiu deles, o seu valor mágico diminui grandemente. Um lenço sujo é também um vínculo magnético efetivo, e assim também os curativos de uma ferida. Em suma, tudo que tem os traços de qualquer um dos subprodutos do corpo.

Mas, à parte a questão do ataque psíquico, há duas substâncias que são especialmente apreciadas para objetivos mágicos, a saber, o líquido seminal e o sangue menstrual. O primeiro é utilizado nos ritos da fertilidade e o segundo, em certas formas de evocação. Constitui extremo perigo essas substâncias caírem em terras primitivas, pois os nativos, que conhecem o seu significado, guardam-nas com muito escrúpulo; mas a mem-sahib * de nada suspeita, e permite que as roupas do corpo e das camas vão às mãos do lavandeiro para que faça delas o que bem entender, satisfazendo-se simplesmente com que as roupas retornem a salvo no fim da semana, e jamais pensando em investigar o que acontece à água na qual foram lavadas. Há muitas partes do mundo em que a venda dessas substâncias mágicas é uma rendosa atividade suplementar das lavanderias.

Na Europa, o sangue menstrual e as fezes fazem parte das substâncias mágicas na Missa Negra, sendo preparados nas pátenas com farinha de trigo.

Um método tradicional de purificar a má atmosfera psíquica de uma casa, método que posso dizer que é eficaz devido à minha própria experiência, é espalhar alho sobre o local, deixá-lo durante a noite e recolhê-lo e queimá-lo. Entre as pessoas do campo, quando se aguardam visitas desagradáveis, uma cebola é às vezes colocada num vaso sobre o consolo da lareira, como se fosse um bulbo de jacinto, e solenemente queimada no fogo da cozinha após a partida dos visitantes, pois se acredita que a cebola tem a propriedade de absorver emanações nocivas. É curioso observar a esse propósito que numa mina de carvão que conheço os mineiros foram proibidos de trazer cebolas para o

trabalho como parte de seus lanches, porque as cebolas absorvem os gases subterrâneos e se tornam venenosas. Meu informante me disse que ele e outros haviam levado cebolas escondidas para baixo e aprenderam por amarga experiência a sabedoria dessa norma.

CAPÍTULO XVIII
MÉTODOS DE DEFESA (II)

O método meditativo / O método invocativo / O valor da combinação de ambos e Ataque por formas mentais / Ataque por força mental / Campos magnéticos e Fórmula para fazer um círculo mágico / A Cruz Cabalistica / A Espada do Poder / O Círculo da Chama / O uso do incenso / O Pentagrama de Expulsão / O incidente da almofada rachada / Fórmula para selar à aura / Método para fazer couraças astrais / Como impedir a hipnose / Valor dos sacramentos.

* Tratamento respeitoso dado na índia às mulheres européias. (N. do T.)

Há dois tipos de trabalho prático que podem ser utilizados em separado ou em combinação, e o segundo método, em minha opinião, dá melhores resultados, embora os representantes de um estejam prontos para depreciar o outro. O método que distinguiremos como meditativo consiste na meditação sobre qualidades abstratas, tais como paz, harmonia, proteção e o amor de Deus. É o método da escola do Novo Pensamento, e seu valor reside no efeito harmonizador que exerce sobre o estado emocional e na sua capacidade de neutralizar as auto-sugestões nocivas. O outro método, que chamaremos de invocativo, consiste na invocação das potências externas e no emprego de métodos formais para a concentração de sua força. Esse método tem muitas gradações de complexidade e uma infinita variedade de técnicas. Elas vão desde a oração mais simples que evoca o Cristo com o Sinal da Cruz até os rituais mais elaborados de exorcismo realizados com sineta, livro e vela. A essência do sistema reside no esforço de extrair da força geral do bem o aspecto particular de energia necessário, e na utilização de algum símbolo para agir como veículo mágico dessa força no plano da forma. Esse símbolo pode ser um retrato mental do manto azul de Nossa Senhora; pode ser o ato de fazer o Sinal da Cruz; pode ser a água consagrada espargida em sinal de limpeza; ou pode ser algum objeto especialmente magnetizado para agir como um talismã. No método invocativo, o objetivo é concentrar a força, e por conseguinte algum símbolo de forma deve ser empregado. No método meditativo, o objetivo é penetrar, para além das amarras da forma, na atmosfera do puro espírito, glorioso demais para que o

mal possa nela entrar, e portanto a utilização de qualquer forma ou fórmula é descartada, uma vez que impede a alma de elevar-se a esse puro ar.

Em minha opinião, e com todo o respeito aos praticantes desse último método, resultados muito melhores seriam obtidos se o método invocativo, com o seu emprego das fórmulas, fosse utilizado para permitir que a mente subisse ao ar puro da consciência espiritual, onde o mal não existe. Somente aqueles que estão altamente treinados na meditação conseguem elevar-se aos planos sem ajuda. É extremamente difícil "decolar" da consciência dos sentidos sem a utilização de alguma espécie de estratagema psicológico para agir como trampolim. Há pouco sentido em recusar por razões puramente acadêmicas um método de comprovada eficácia. Se compreendemos que a utilização de formas e simbolos é simplesmente um estratagema para permitir à mente controlar o intangível, não cairemos no erro das observâncias supersticiosas. Uma superstição pode ser definida como a utilização cega de uma forma cujo significado foi esquecido.

Por outro lado, seríamos insensatos se contássemos exclusivamente com métodos formais ou cerimoniais sem dispor ao mesmo tempo de métodos meditativos para purificar e harmonizar a nossa própria consciência. Se negligenciamos esse aspecto de nosso trabalho, recontaminaremos tão rapidamente o círculo mágico com as nossas próprias vibrações quanto o purificamos. De nada nos vale selar um círculo com os Nomes protetores, se permitimos que uma imaginação em pânico se descontrole, retratando toda espécie concebível de mal e deixando espaços em branco para a possibilidade de espécies inconcebíveis. Da mesma forma, contudo, descobriremos que é muito mais fácil realizar a meditação harmonizadora se estamos trabalhando com a proteção de um círculo mágico. Tentar realizar um trabalho de exorcismo apenas por meio da meditação é como levantar um peso pelo esforço apenas de nossas mãos. O emprego do método mágico assemelha-se à utilização de uma alavanca, ou uma roldana e uma plataforma. Nossos músculos são ainda a única fonte de energia, mas pelo emprego de princípios mecânicos redobraremos o seu poder. Utilizemos, portanto, na meditação, símbolos que concentrem nossa atenção; descobriremos que isso é muito mais fácil do que a meditação nos termos do pensamento abstrato. Além disso, em épocas de cansaço e crise, o pensamento abstrato pode ser impossível para nós, a não ser que tenhamos muita experiência em sua utilização; mas raramente atingiremos um estado quando não imaginamos a Cruz e invocamos o Nome de Cristo.

Os ataques ocultos podem ser divididos em dois tipos, aqueles que ocorrem por meio das formas mentais, e aqueles que operam por meio de uma corrente de força. Mas mesmo neste último caso a corrente de força reúne ou germina formas mentais semelhantes à sua natureza. Por conseguinte, em todo distúrbio

psíquico a forma mental é um fator que deve ser considerado e enfrentado, e que constitui, na verdade, um dos dados mais disponíveis para a diagnose, pois é pela percepção das formas mentais associadas que o sensitivo experiente é capaz de detectar a natureza do ataque.

A força mental é algo que não tem relação com a posição geográfica, pois é um assunto de pura consciência e de sintonia com a sua nota tônica. Podemos captar as forças de crenças mortas uma centena de anos depois da morte de seu último devoto, e no lado oposto do globo daquele em que floresceram. Mas as formas mentais são uma coisa diferente. Elas têm uma posição no espaço, e embora possam mover-se com a velocidade do pensamento, e possam ser lançadas ao nível mais sutil do astral e aí ancorar-se numa idéia, evitando assim os choques com os planos da forma, não obstante, para todos os propósitos práticos, embora essas formas mentais não ocupem espaço, elas podem prender-se a posições definidas no espaço. Elas podem, por exemplo, associar-se a um objeto particular e, permanecendo em seu campo magnético, seguir-lhe as deslocações. O campo magnético imediato tem cerca de quatro a dez metros; o campo magnético remoto, cem a trezentos metros. Locais santos poderosos, como Glastonbury ou Lourdes, têm um campo magnético bem maior do que isso, estendendo-se possivelmente a um par de milhas; esses centros interligam-se também entre si por linhas de força. Essas coisas devem ser consideradas no trabalho oculto prático.

Quando nos defrontamos com uma influência que emana de um foco de força, como o sítio de um velho templo, temos que enfrentar o campo magnético remoto por meio do rito. Como isso é um método que só pode ser utilizado por um iniciado de grau superior, não o consideraremos aqui Para os fins práticos, num ataque psíquico é o campo magnético imediato que deve ser considerado.

O melhor método para enfrentá-lo é fazer um círculo mágico. Um simples esconjuro não é tão eficaz quanto um esconjuro realizado dentro de um círculo, pois este impedirá efetivamente as forças banidas de retornarem. Há várias maneiras de realizar essa operação, mas o princípio de todos os métodos válidos é o mesmo. As conjurações mais potentes não podem ser dadas nestas páginas, porque a sua utilização efetiva depende do grau de iniciação da pessoa que se propõe a utilizá-las, e possuir uma fórmula sem o grau ao qual ela pertence é tão inadequado quanto possuir um revólver sem qualquer conhecimento de seu manejo. A fórmula dada a seguir será efetiva em todas as condições ordinárias. As condições extraordinárias só podem ser conjuradas por uma pessoa experiente.

Ao fazer o círculo mágico, o operador permanece de pé, com a face voltada para o leste. Ele encara o leste porque a corrente magnética sobre a qual

pretende operar corre no sentido leste-oeste. Como primeiro procedimento, ele deve fixar as próprias vibrações e purificar a sua aura. Para isso, ele desenha a Cruz Cabalística sobre o peito e sobre a testa. Tocando a fronte, ele diz: “Para ti, ô Deus (tocando o plexo solar) seja o Reino, (Tocando o ombro direito) e o Poder (tocando o ombro esquerdo) e a Glória, (juntando as mãos) para os séculos dos séculos. Amém”.

Por meio dessa fórmula, o operador afirma o poder de Deus como único criador e lei suprema do universo diante de quem todas as coisas devem curvar-se, e ele instala magneticamente essa fórmula em sua aura pelo ato de fazer o Sinal da Cruz sobre si. Este sinal não é um símbolo exclusivamente cristão, e pode ser utilizado tanto pelo judeu quanto pelo católico, pois a cruz empregada é a Cruz de quatro braços iguais e não a Cruz do Calvário, cuja haste tem o dobro do comprimento da trave e que é o símbolo do sacrifício. A Cruz de quatro braços uniformes refere-se aos quatro pontos cardeais do globo e aos quatro elementos, e a fórmula que lhe está associada proclama o domínio de Deus sobre eles, estabelecendo dessa forma o Seu reino na esfera do operador.

A seguir, o operador imagina estar segurando em sua mão direita uma grande espada em forma de cruz, tal como é representada nas imagens dos cruzados. Ele a levanta com a ponta para cima e diz: “Em Nome de Deus, detenho a Espada do Poder que defende contra o mal e a agressão”, e imagina ter o dobro de sua altura, uma poderosa figura armada e vestida com cota de malha, vibrando com a força do Poder de Deus com a qual foi investida pela formulação da Espada do Poder.

Ele traça em seguida, no chão, com a ponta da Espada do Poder, o Círculo Mágico, e deve ver em sua imaginação uma linha de chamas seguindo a ponta da Espada, iguais àquelas que o álcool metilado produz quando é aceso, mas de cor ouro-pálido. Com um pouco de prática, esse círculo de luz será formulado eficazmente. Continue a traçar o círculo até que ele seja completado. O círculo deverá ser sempre traçado de leste para sul, de sul para oeste, de oeste para norte, da mesma maneira que os ponteiros de um relógio se moveriam se o relógio estivesse com a face para cima no chão. A direção contrária é como as bruxas dançavam nos Sabás. O movimento horário afirma o governo da lei de Deus sobre a Natureza, porque é o Caminho do Sol; o movimento anti-horário nega-lhe o governo sobre a Natureza, movendo-se contra o sol. Ao resistir a um ataque oculto, toda a fórmula deveria ser sintonizada pela nota tônica da afirmação do domínio de Deus sobre toda a existência, sendo o objetivo do operador alinhar-se com a Lei Cósmica e fazer com que o Poder de Deus destrua a interferência.

Tendo formulado o círculo, o operador cessa de visualizar a espada, mas, ainda visualizando o círculo, junta as mãos em oração e, erguendo-as sobre a cabeça para o leste, ora: “Que o poderoso arcanjo Rafael me proteja de todo mal que se aproxima do leste”. Voltando-se para o sul, ele repete a mesma fórmula numa prece a Miguel. Voltando-se para o oeste, invoca Gabriel. Voltando-se para o norte, invoca Uriel. Encarando o leste novamente, e assim completando o círculo, ele repete a fórmula da Cruz cabalística.

Esta formulação do círculo mágico é especialmente valiosa para proteger o local onde se dorme, traçando-se o círculo em redor da cama. Não precisamos nos mover de um lado para outro do quarto, ou mudar a disposição- da mobilia para traçar o círculo, pois este será formulado onde quer que o visualizemos.

É necessário reafirmar este círculo todas as vezes que as correntes mudam, ou seja, um círculo feito depois do poente se manterá até o nascer do sol, e um círculo feito após o nascer do sol manterá a sua potência até o ocaso. Depois de o círculo ter sido afirmado várias vezes no mesmo lugar, a sua influência persistirá por um período considerável, mas é aconselhável reformulá-lo de manhã e à tarde durante a fase ativa do ataque.

Queimar incenso no círculo é uma medida útil, mas é preciso tomar cuidados ao escolhê-lo. Incensos chineses de composição desconhecida jamais deveriam ser utilizados, pois eles são geralmente compostos visando a prestar auxílio à manifestação. Incenso eclesiástico de boa qualidade, tal como o que pode ser adquirido em muitos fornecedores de igreja, é seguro e satisfatório, pois é composto de acordo com receitas tradicionais; qualidades inferiores podem não preencher essas condições.

Para enfrentar entidades elementais ou não-humanas, o Pentagrama, ou Pentalfa, é a melhor arma. Trata-se de uma estrela de cinco pontas desenhada de modo particular. Apontando o primeiro e o segundo dedo da mão direita e dobrando os outros na palma e tocando suas pontas com o polegar, comece a traçar o Pentagrama no ar, mantendo o cotovelo rijo e suspendendo os braços em toda a extensão. Comece com o braço direito ao lado do corpo, a mão ao nível do quadril esquerdo, os dedos estendidos, apontando para baixo e para fora. Dirija a mão para o alto, como se desenhasse uma linha reta no ar, até que os dedos apontem para cima, sobre a cabeça, na extensão do braço. Deslize-a para baixo novamente, mantendo o cotovelo preso, até que a mão ocupe a posição oposta no lado direito, àquela com que começou à esquerda. Você traçou um gigantesco V de cabeça para baixo. Em seguida, levante diagonalmente o braço ao lado do corpo, até que ele atinja o mesmo nível do ombro esquerdo, apontando para a esquerda. Conduza-o através do corpo horizontalmente, até que ele esteja na mesma posição na direita, com os dedos

apontando para fora do corpo. Desça o braço pelo corpo até que a mão volte ao ponto no quadril esquerdo de onde começou. Esse é um sinal extraordinariamente potente. O valor da Estrela de Cinco Pontas, o símbolo da Humanidade, é amplamente conhecido entre os ocultistas, mas seu poder depende da maneira pela qual é traçado. O método que ensinei é o método correto para o esconjuro. A potência do sinal pode ser ilustrada por uma experiência pela qual eu mesma passei, mas os céticos estão livres para duvidar de sua veracidade; eu a menciono apenas em beneficio daqueles que podem estar interessados.

Eu participava certa vez de um trabalho com um ocultista indiano, quando suspeitei que algo não estava certo, fiz meu protesto e fui convidada a me retirar. Eu o fiz, determinada a observar os acontecimentos à distância, e, caso as minhas suspeitas se confirmassem, a ter um exposé. Poucos dias depois, estava eu sentada em meu quarto numa tarde, conversando com uma amiga; escurecera há pouco e falávamos à luz de gás. Repentinamente, tomamos ambas consciência ao mesmo tempo de uma presença no quarto e nos voltamos espontaneamente para a mesma direção. Minha amiga sentiu uma presença adversa, e eu, sendo mais sensível, vi quem era, e não tive nenhuma dificuldade para perceber a forma de meu confrade indiano numa esfera ovalada de difusa luz amarela. Pedi a minha amiga para deixar o quarto e esperar no corredor, e assim que a porta se fechou atrás dela fiz uso do Pentagrama que descre vi, juntamente com certos Nomes de Poder que não é conveniente divulgar nestas páginas. Imediatamente, a aparição no canto próximo à porta se desfez e desapareceu, e ao mesmo tempo houve um forte estalo, que minha amiga ouviu no corredor. Chamei-a de volta e quando entrou ela exclamou: “Veja o que aconteceu à porta!”, e descobrimos que uma de suas almofadas se havia partido inteiramente em dois. Foi isso que causou evidentemente o forte estalo que ambas ouvimos. Não ofereço nenhuma explicação para esse incidente pela boa e suficiente razão de que não sei qual possa ser. Eu simplesmente relatei o que aconteceu. Meus leitores podem explicá-lo como bem entenderem.

Quando não é possível selar o quarto, a melhor coisa a fazer é selar a aura. Fique de pé e faça o sinal da cruz, tocando a testa, o peito, o ombro direito e o ombro esquerdo, dizendo “Pelo poder do Cristo de Deus em mim, a quem sirvo com todo o meu coração e com toda a minha alma e com toda a minha força” (estenda ambas as mãos para a frente até alcançar o nível do plexo solar, juntando a ponta dos dedos, e dirija-as para trás das costas, tocando novamente as pontas dos dedos atrás de si), e diga “Eu me cerco com o Círculo Divino de Sua proteção, em torno do qual nenhum pecado mortal ousa colocar seu pé”. Essa é uma antiga fórmula monacal. É muito eficaz, mas seu poder dura apenas cerca de quatro horas.

Há vários outros estratagemas que são úteis, não apenas para enfrentar os ataques psíquicos, mas em qualquer caso de influência ou domínio indevidos.

Se você tem que entrevistar-se com pessoas cuja influência você acha irresistível, imagine que elas estão separadas de você por uma folha de vidro laminado. Você pode vê-las e ouvi-las, mas o magnetismo delas não pode alcançá-lo. Visualize essa folha de vidro até que ela lhe pareça ser absolutamente tangível. Se você tem que associar-se a pessoas que o afligem, e que não estão em sua presença, imagine que elas se acham separadas de você por um muro de tijolos, e diga a si mesmo "Você não está aqui. Eu não posso vê-lo ou ouvi-lo, e você simplesmente não existe".

Quando estiver negociando com uma pessoa que mina a sua vitalidade, cruze os dedos, e deponha as mãos entrelaçadas sobre o plexo solar, mantendo os cotovelos pressionados contra os flancos. Conserve os pés juntos. Assim você pôs em contato todos os seus terminais e fez de seu corpo um circuito fechado. Nenhum magnetismo escapará de você enquanto mantiver essa atitude. Seu amigo provavelmente se queixará de seus modos, mas você pode sempre falar com gentileza.

Se alguém tenta dominá-lo fixando-o propositadamente nos olhos, não tente retribuir olhar com olhar, pois isso apenas conduz a uma exaustiva batalha na qual você pode levar a pior, mas olhe fixamente o ponto imediatamente acima do nariz de seu adversário, entre as pontas internas das sobrancelhas. Se você estiver enfrentando apenas um valentão ordinário, você imediatamente terá o domínio da situação. Se, no entanto, o seu antagonista tem conhecimentos do poder mental, você pode não ser capaz de dominá-lo, mas ele certamente não será capaz de dominar você, e o resultado será um empate. Não tente dominá-lo, mantenha simplesmente os seus olhos no ponto e espere que ele se canse de sua tentativa. Você não precisará esperar muito tempo.

Utilizando os métodos descritos nas páginas anteriores, qualquer pessoa de coragem e mentalidade normal, desde que evite drogas, álcool e longos períodos de jejum, pode, se não perder o sangue-frio, vencer qualquer ataque psíquico ordinário; ou, no caso dos ataques de potência anormal, pode pelo menos ganhar tempo para conseguir escapar e buscar ajuda.

Os sacramentos são também uma fonte muito potente de poder espiritual, e uma igreja em que o Santo Sacramento é conservado, ou que é suficientemente antigo para ter sido consagrado antes da Reforma, é um santuário eficaz.

CAPÍTULO XIX
MÉTODOS DE DEFESA (III)

Natureza dos vínculos / Efeito dos vínculos / Relações grupais / O vínculo astral / O observador / Método para destruir as formas mentais / Método para absorver os elementais artificiais / Método para quebrar o vinculo astral / Técnica de substituição / Um caso ilustrativo.

Não é incomum que a perturbação psíquica ocorra devido à formação de um vínculo indesejável. Para compreender a natureza desse problema, devemos considerar o tema dos vínculos.

Já analisamos com algum detalhe a questão da sugestão telepática. Poderíamos considerar o vínculo como o aspecto passivo daquilo de que a sugestão telepática é o aspecto ativo. Ele forma, de fato, a condição básica necessária para que a sugestão telepática ocorra. Duas pessoas que estão relacionadas poderiam ser descritas como irmãs gêmeas astrais. Embora os corpos físicos sejam unidades independentes, os corpos astrais estão ligados de tal maneira que a força astral circula livremente entre ambas, assim como o sistema circulatório da mãe está ligado pelo cordão umbilical à criança que vai nascer, com o mesmo sangue circulando livremente entre ambas.

Esse fato explica muitos fenômenos ocultos importantes. É a chave real para o matrimônio, e explica muitos fatos no relacionamento entre pais e filhos. Ele justifica também alguns aspectos importantes da relação entre professor e aluno.

Mas um vínculo pode estabelecer-se não apenas entre dois indivíduos, mas entre um indivíduo e um grupo. Esse fato exerce um papel importante no trabalho das fraternidades. É também possível estabelecer--se um vínculo entre um ser humano e outros reinos da natureza; com entidades desencarnadas, com seres super-humanos, e, de fato, com qualquer forma de vida com a qual um indivíduo pode formar um entendimento simpático. Deve haver alguma razão de simpatia como base para a formação de um vínculo, mas, uma vez formado, ele pode ser desenvolvido até o extremo. É um fato curioso que se um vínculo persiste por muito tempo, as pessoas assim unidas começam a se tornar gradualmente semelhantes. Todos conhecemos o homem de aspecto “cavalar”; e também o filho da terra sobre quem se disse expressivamente: “O pai está no chiqueiro. Você o reconhecerá por seu chapéu”.

Quando dois seres estão vinculados, o menos positivo dos dois tende a perder sua própria individualidade, tornando-se um pálido reflexo do outro. É por essa

razão que o ocultista ocidental, que valoriza altamente a individualidade, não tem discípulos pessoais da mesma maneira que o guris oriental, mas prefere trabalhar pelo ritual com um grupo, porque esse método é mais impessoal. Mas mesmo assim os membros individuais de um grupo sofrerão certas mudanças, através das quais eles se afinam com o tom do grupo, de modo que haverá um certo denominador comum que todos possuem. Quem não pode reconhecer a marca do Cientista Cristão, do Teósofo, do Quacre? Todo sistema que tem meditação grupal imprime rapidamente uma marca sobre seus membros.

Nesse fato, naturalmente, reside muito do valor da associação com um grupo digno. E nele, igualmente, reside o prejuízo da associação com um grupo indigno. Consideremos o que acontece quando uma pessoa de caráter comum se associa com um grupo de tom moral degenerado. Ele se verá em tal antagonismo com a mente do grupo que não terá opção a não ser retirar-se, ou então se afinará rápida mas inconscientemente com o diapasão de seus novos associados. Sem se aperceber do fato, seu senso moral se tornará embotado e ele aceitará na verdade aquilo de que teria originalmente fugido enojado.

Uma vez estabelecido o vínculo, outras coisas além do tom geral dos sentimentos podem ser partilhadas. Idéias reais podem ser transferidas de uma mente à outra como na telepatia; e, da mesma maneira, a força vital pode ser transmitida. É esse fato que explica certos tipos de cura espiritual. Quando a vitalidade etérea está sendo transmitida, é necessário que as pessoas envolvidas estejam no campo magnético imediato uma da outra; mas quando a força astral está em questão, a proximidade não é necessária. A transmissão independe do espaço.

Não estamos considerando agora o uso legítimo dessa força para curar, ou para ensinar e desenvolver os neófitos, de modo que não analisaremos em detalhes o seu modus operandi. Já dissemos o bastante para mostrar de que maneira ela opera. Passaremos agora à consideração dos métodos práticos para quebrar esse vínculo se por qualquer razão se deseja desfazê-lo.

Para a visão astral, o vínculo telepático surge como um raio de luz, ou como um fio brilhante, ou alguma forma mental semelhante, pois é assim que ele é comumente formulado pela pessoa que produz o vínculo magnético. Acontece às vezes, no entanto, se o operador tem um elevado grau de iniciação, que ao invés de ligar o raio diretamente à pessoa com quem deseja entrar em contato, ele formula um animal astral para o qual transfere uma pequena quantidade de sua própria consciência. Essa forma animal chama-se Observador; ele não age por sua própria iniciativa, a não ser quando atacado, e nesse caso ele se defende com a natureza das espécies a cuja semelhança foi feito. Utiliza-se o Observador para obter-se um relato do que está acontecendo sem a necessidade

de concentrar a consciência sobre um foco. Quando a substância psíquica do Observador é reabsorvida pelo adepto, este fica a par do conteúdo da consciência da forma que criou. A desvantagem desse método repousa na vulnerabilidade do Observador ao ataque psíquico, e no fato de que seu projetor é afetado se ele for injuriado ou desintegrado.

Ao lidar com uma forma mental, tenha sempre em mente que ela é produto da imaginação,, e que não tem em absoluto uma vida independente. O que a imaginação fez a imaginação pode desfazer. Se o criador da forma mental lhe deu vida retratando-a imaginariamente, você também pode tirar-lhe a vida retratando-a claramente e imaginando que ela está se desfazendo em mil pedaços, ou que está se consumindo em chamas, ou se dissolvendo na água e sendo absorvida pela terra. O que vem à vida pela imaginação pode sair dela pela imaginação.

Se o que se tomou por uma forma mental resiste à destruição por esse método, trata-se então, provavelmente, de um elemental artificial. Há dois tipos de tais elementais, uma espécie que é animada pela invocação da essência elemental numa forma mental, e a outra pela projeção sobre ela de algum elemento da própria natureza do mágico. Se ela é animada pela essência elemental, a utilização do Pentagrama servirá para expulsá-la; mas se é da espécie que é animada pela própria força do mágico, deve-se utilizar outro método, conhecido como absorção.

A absorção é um método de grau muito elevado, e a sua utilização proveitosa depende do estado de consciência de quem a emprega. Cada indivíduo deve decidir por si próprio se num dado caso, num dado momento, está em condições de tentá-la. A não ser que possa fixar completamente as suas próprias vibrações e chegar a um estado de perfeita serenidade, livre de toda sensação de esforço, ele não deve fazer a tentativa.

Não obstante, descreveremos o método em proveito daqueles que desejem tentá-lo.

Harmonizando-se pela meditação em Cristo, o adepto, assim que estiver convencido de que as suas próprias vibrações estão firmes, começa por invocar diante de sua visão astral a imagem da forma que pretende destruir. Ele a vê claramente em todos os seus detalhes e procura adivinhar-lhe a natureza, se é um veículo para o mal ou para a luxúria, ou para a ação vampiresca: esses são os três tipos mais comuns, e pode-se com muita certeza atribuí-la a uma ou outra dessas classes. Tendo discernido o tipo da força com a qual tem de lidar, o adepto começa então a meditar sobre o seu posto, concentrando-se na pureza e na generosidade se a força for luxuriosa; na compaixão e no amor, se for

maligna; e em Deus como criador e mantenedor de toda a vida, se for vampiresca.

Ele continua essa meditação até sentir-se banhado com a qualidade em que está meditando, até sentir-se tão imbuído de pureza e generosidade que a luxúria não o faz sentir nada a não ser piedade, que a malignidade não o faz sentir nada a não ser compaixão, e em face do vampirismo, que está tão seguro de que sua vida está abrigada com Cristo em Deus que ele deixaria de bom grado o vampiro terminar sua refeição em paz se pudesse ajudá-lo dessa forma. Na realidade, o adepto que se propõe a realizar uma absorção mágica deve atingir o ponto em que compreende claramente a nulidade do mal que está disposto a absorver, e não mais tenha nenhum sentimento para com ele a não ser piedade pela ignorância que pensa poder obter algo bom para si dessa maneira. Ele deseja enaltecer, educar e libertar a alma desencaminhada de seu cativeiro. Enquanto o adepto não chegar ao ponto em que não tem nenhum outro sentimento além desse para com o seu perseguidor, não lhe é seguro tentar uma absorção.

Estando seguro de que está pronto para a tentativa, ele começa por atrair a forma mental, puxando o cordão prateado que a liga ao seu plexo solar se for uma forma mental vampiresca, ou abrindo a sua aura e envolvendo-a se ela for de um dos outros dois tipos. Ele a suga, literalmente. Esse processo deve ser feito lenta e gradualmente, durante alguns minutos. Se for feito rapidamente, o adepto pode não conseguir manter firmes as suas próprias vibrações, e então estará numa situação deveras desagradável.

Quando a forma mental for absorvida, o adepto sentirá uma reação em sua própria natureza que corresponde ao tipo da forma mental. Se esta é uma força luxuriosa, ele sentirá o desejo despertar dentro de si; se é uma força maligna, ele sentirá raiva; e se é um vampiro, ele sentirá desejo de sangue. O adepto precisa dominar imediatamente esse sentimento e retornar à sua meditação sobre a qualidade oposta, conservando-a até que as suas vibrações sejam uma vez mais completamente harmonizadas. Ele saberá, então, que a força maligna foi neutralizada e que há muito menos mal no mundo. Ele sentirá um grande acesso de vigor e uma sensação de força espiritual, como se pudesse dizer a uma montanha: “Jogue-se ao mar”, e isso se realizasse. É essa sensação de exaltação e poder espiritual que o informa que o trabalho foi realizado com sucesso. No entanto, é aconselhável repetir a meditação em intervalos de dois ou três dias no caso de outra forma mental ter sido formulada e enviada após a primeira.

Quanto ao emissor da forma mental, quando a absorção tiver lugar, ele sentirá que “a virtude o abandonou”, e poderá mesmo ser reduzido temporariamente a um estado de semicolapso. Ele se recuperará em breve, mas com o seu poder

para o mal de seu tipo particular consideravelmente reduzido por algum tempo, e se ele tem a possibilidade de reformar a sua natureza, pode ocorrer que ele próprio fique permanentemente livre desse tipo de mal.

A grande vantagem desse método é que ele destrói realmente o mal, por completo, ao passo que a simples destruição de uma forma mental é como cortar a ponta de uma erva daninha. Por outro lado, esse método só pode ser realizado por um ocultista de alto grau afinado por sublime diapasão. Se alguém se perturbou ou se esgotou ou perdeu de alguma maneira o sangue-frio, não deve tentá-lo de novo.

Se percebemos que o vínculo se estabeleceu na forma de uma linha de luz, um cordão ou outra forma similar, presa ao plexo solar, à fronte, ou a qualquer outra parte do corpo, a melhor maneira de cortá-lo é forjar uma aura mágica. De fato, se percebemos um vínculo, a primeira coisa a fazer é visualizar o cordão e tentar ver onde ele está preso; o plexo solar é o local mais comum.

Formule em seguida a espada em forma de cruz, como se descreveu anteriormente, e invoque a bênção de Deus sobre ela. Visualize então uma tocha flamejante, e invoque o poder do Espírito Santo, cujo símbolo é essa mesma tocha. Com a espada, serre o cordão ou o raio até que todo ele tenha sido cortado. Em seguida, queime a sua ponta com o fogo consagrado da tocha até que ele murche e caia do ponto em que se liga ao seu corpo.

Após efetuar esse corte, deve-se, naturalmente, tomar as precauções humanas ordinárias para impedir que o vínculo seja reformado. Recuse encontrar-se com a pessoa responsável por sua formulação, ou ler ou responder a suas cartas. Corte de fato, por um período de alguns meses pelo menos, as comunicações físicas, da mesma maneira completa e resoluta como se cortaram as comunicações astrais.

Há ocasiões, contudo, quando uma pessoa está tão completamente ofuscada e dominada, que ela não pode realizar por si mesma essa operação. A operação mágica da Substituição pode, então, ser executada se se pode encontrar um amigo apto a empreender a tarefa.

Para executar essa operação, os dois amigos concordam que ela será feita, mas aquele que será o substituto não deve dizer à vítima original quando pretende realizar a operação, pois ela pode estar tão completamente nas mãos do dominador que correria o risco de revelar involuntariamente o segredo.

Escolhendo uma hora em que esteja certo de que o amigo está dormindo, o substituto se concentra nele e imagina estar ao seu lado, e visualiza o fio ou

cordão do vínculo que se estende do amigo ao espaço. Se puder visualizar o outro ponto de ligação no dominador, tanto melhor.

Ele então formula a espada e a tocha acima descritas e, empunhando as duas, imagina colocar-se no meio do cordão do vínculo, de modo a parti-lo com o corpo. Ele não deve utilizar a espada ou a tocha nesse processo, mas quebrá-lo com a sua própria carne, por assim dizer. Tendo assim cortado o cordão de seu amigo, ele deve então atingi-lo com a espada e a tocha com toda a sua força, quando o cordão tentar envolvê-lo, pois certamente o fará, uma vez que se assemelha exatamente aos tentáculos de um polvo. O substituto deve atingi-lo violentamente, apresentando em zelo o que lhe falta em conhecimento, até que ele tenha tido o bastante, e comece a se enrolar e a retirar-se. O combate, naturalmente, ocorre na imaginação, mas se uma imagem clara e vivida for produzida ele será eficaz.

Para ilustrar esse método, posso mencionar um caso que manipulei certa vez por esse meio. Perguntaram-me se podia ajudar uma mulher que era uma inválida vitalícia, mas cujo caso os vários médicos que ela havia consultado não eram capazes de diagnosticar satisfatoriamente, nem de trazer-lhe ajuda. Todos concordavam em que nada havia de orgânico com ela, e depois de tentar em vão curá-la, diziam geralmente em uníssono que era um caso de histeria pura. Ela sofria de um crônico estado de exaustão, de indigestão, de ataques de vômito, de dores de cabeça enceguecedoras e de palpitações cardíacas. Ela não tinha, contudo,' nenhuma disposição neurótica, sendo, ao contrário, uma mulher tranqüila, sensível e intelectual, que suportava seus sofrimentos com coragem.

Fiz um diagnóstico psíquico e cheguei à seguinte conclusão. Durante muitas vidas passadas, ela trilhou o Caminho e, em sua última vida, uma encarnação masculina, a fim de apressar o seu progresso, ela viajou para o Oriente, e recebeu a iniciação numa das Ordens Tibetanas, que infelizmente revelou ser do Caminho da Mão Esquerda. Aí ela aprendeu o Hatha Yoga, que dá controle sobre as funções do corpo.

Em sua vida atual, ela reteve os poderes que o seu treinamento lhe havia dado, mas não a lembrança da técnica. Consequentemente, os seus estados emocionais afetavam os sistemas automáticos do controle nervoso, cujas funções não estão normalmente sob a direção da mente. Portanto, todas as vezes que ela era emocionalmente perturbada, sua atividade mental subconsciente transbordava para a mente automática e desregulava alguns dos sistemas funcionais do corpo. Acredito que esta explicação dá uma chave para muitos casos de distúrbio funcional. Muitas pessoas no curso das práticas meditativas ocultas obtêm controle da mente automática que controla o funcionamento dos órgãos físicos. Pode-se lembrar que o famoso cientista, Sir Francis Galton, o fundador da

ciência da eugenia, fazia experiências com o controle mental da respiração, e que, ao consegui-lo, descobriu que a função automática havia caído num estado de latência, e ele teve que despender três ansiosos dias respirando pelo poder da vontade e por atenção voluntária até que a função automática fosse restabelecida.

Nesse caso particular, contudo, havia mais do que um distúrbio de função; havia uma exaustão crônica peculiar e muito marcante. Concluí que ainda existia um vínculo entre ela e a Ordem tibetana da qual ela havia sido uma iniciada em sua vida anterior. Como sabem os ocultistas, o indivíduo retorna vida após vida à Ordem da qual é um iniciado, pois o vínculo é muito forte. Essa é uma das razões por que as grandes Escolas de Mistério não precisam fazer-se conhecidas pela publicidade; elas conhecem os seus, e os arrebanham no plano astral.

Mas se é uma coisa valiosíssima estar sob a proteção de uma Ordem respeitável, é extremamente desagradável persistir num relacionamento similar com uma Ordem infame. Nesse caso particular, eu era da opinião de que a Ordem à qual essa senhora havia pertencido numa vida anterior mergulhara em profunda decadência e de que os seus dirigentes estavam deliberadamente drenando a vitalidade dos membros que pertenciam a ela.

Trabalhando com base nessa hipótese, projetei-me astralmente da maneira que já descrevi, e visitei essa senhora à noite. Percebi que, enquanto dormia, de seu plexo solar emanava uma substância negra, elástica e viscosa, que se assemelhava muitíssimo a um bastão de alcaçuz espanhol que foi mascado por uma criança. Essa substância se perdia no espaço. Ao tentar descobrir a sua outra extremidade, tive uma breve e longínqua visão de um monastério com um telhado chinês empoleirado num penhasco entre grandes montanhas.

Enfrentei a situação pelo simples expediente de passar meu corpo astral pela linha de substância negra, quebrando-a. Ela se transferiu imediatamente para o meu plexo solar, e por um instante senti uma onda de pensamentos tentadores instigando-me a deixar essa mulher sob o meu domínio e a explorá-la em toda a sua capacidade financeira. Expulsei essa idéia e “ataquei” a corda de alcaçuz astral da maneira que descrevi, cortando-a e queimando-lhe a ponta, e tive a satisfação de vê-la enroscar-se e desaparecer nas trevas. Caí, então, no que considerei um sono bem merecido.

Nada falei a essa senhora de minhas idéias, porque desejava descobrir se podia esclarecer o caso trabalhando sem ajuda na hipótese oculta e sem deixar-me induzir por qualquer sugestão. Na manhã seguinte, eu a visitei para saber como estava passando, e a encontrei sentada na cama comendo um farto desjejum e

com o semblante de uma mulher completamente diferente da criatura pálida e exausta que havia visto no dia anterior.

Sem esperar por qualquer pergunta de minha parte, ela disse: “Não sei o que houve, mas sinto-me como se algo tivesse sido quebrado e estou livre”.

Depois do desjejum ela se levantou, saiu para um passeio e encontrou o médico que a estava atendendo, na rua. Tão grande era a mudança de sua aparência que este não conseguiu reconhecê-la até que ela lhe dirigisse a palavra.

Eu lhe disse que em minha opinião ela não deveria dedicar-se aos estudos ocultos para não refazer o vínculo magnético com a antiga Ordem, e também lhe ensinei como impedir que a sua mente subconsciente enviasse sugestões destruidoras aos seus sistemas orgânicos de controle funcional. Por alguns anos, ela se manteve com boa saúde, mas depois, infelizmente, retomou o estudo do ocultismo e recaiu num estado semelhante ao anterior, tendo provavelmente refeito os contatos com a Fraternidade tibetana que tantos transtornos lhe causara.

CAPÍTULO XX
MÉTODOS DE DEFESA (IV)

Anjos da guarda / Heróis nacionais / Os Anjos Bons e Maus da Cabala / O eu superior / A força de Cristo / A Policia Oculta / Experiências relacionadas com a Polícia Oculta / O Adepto indiano e o seu grupo de meditação / Como se obteve acesso à mente grupal da raça britânica / Como a Polícia Oculta foi descoberta / Seus métodos / O sinal dado por ela / O cumprimento do sinal / Prova de que ela conhece os movimentos dos adeptos / O segundo sinal que foi dado / As Lojas de Caça / Minha experiência com uma Loja de Caça / Maneira curiosa pela qual a informação é obtida / Como a Polícia Oculta pode ser chamada / As lojas ocultas não têm uma organização central / O movimento não é controlado pêlos judeus / Inconsistência dos ataques feitos contra o movimento a esse respeito / Abusos principais do movimento oculto / Os principais ocultistas, desconhecidos fora de suas próprias lojas.

Há tantas histórias a respeito do aparecimento de anjos da guarda-nos momentos de crise, que mesmo os mais céticos devem admitir que esse é um caso a ser considerado.

Existe uma tradição em Devon, de acordo com a qual, se o Tambor de Drake, conservado na Abadia de Buckland, nas proximidades de Tavistock, é batido

num tempo de crise, o próprio Drake retornará para conduzir a armada britânica. Newbolt imortalizou essa lenda em seu famoso poema:

‘Toma meu tambor em Devon e leva-o para o litoral. Toca-o quando tua força escasseia.

Se os Dons mirarem Devon, deixarei o porto do Céu, E como outrora reunirei a toque de tambor o Canal da Mancha.”

A idéia do herói que retorna para conduzir o seu povo, ou a do anjo da guarda que aparece nas horas de crise, está profundamente entranhada no coração de todas as nações, e nada a extirpará. Inúmeros exemplos foram relatados pelos homens que retomavam das trincheiras durante a guerra.

Voltemos uma vez mais à antiga sabedoria da Cabala, esse depósito de conhecimentos ocultos. Aprendemos aqui sobre o Anjo Bom e o Anjo Mau da alma do homem, que ficam atrás de seu ombro direito e esquerdo, um tentando-o e o outro inspirando-o. Traduzamos o Anjo Sombrio nos termos do pensamento moderno e teremos o subconsciente freudiano.

Mas os freudianos não compreendem que há também um Anjo Luminoso que permanece atrás do ombro direito de todos os homens. Trata-se da superconsciência ou, em outras palavras, do Eu Superior, o Santo Anjo da Guarda que Abramelin buscava com tanto ardor e esforço.

Todos sabemos que quando baixamos nossa guarda uma negra tentação surge das profundezas de nosso eu inferior, que algo atávico se agita e que temos pensamentos, ou mesmo fazemos coisas de que nunca nos teríamos julgado capazes. Ouvimos a voz do Anjo Sombrio falando.

Da mesma maneira, nas horas de terrível tensão, quando estamos encostados na parede e estamos lutando por mais do que nossas vidas físicas, outra Voz se faz ouvir, a voz do Anjo Luminoso. Eu nunca soube que isso tenha ocorrido quando um homem estava lutando simplesmente por sua vida física. Para aqueles que vêem além do véu, a morte não é nenhum grande mal; mas nas horas de crise espiritual, quando o verdadeiro eu está sendo arrebatado, então é o grito da alma que é ouvido, e Algo se manifesta das névoas do Invisível, manifesta-se numa forma que é compreensível a quem chama. Se a pressão intensa provoca uma expansão temporária da consciência, um psiquismo fugidio, ou se um Ser de sua própria vontade atravessa o véu e se manifesta, eu não sei; nunca há detalhes disponíveis desses incidentes. Eles ocorrem apenas nas horas de terrível tensão e vão tão rapidamente quanto vieram, não deixando nenhum traço a não ser sobre a alma.

Eu afirmo que assim como o Ser Inferior pode elevar-se em momentos de tentação, o Eu Superior pode descer nos momentos de crise espiritual. O objetivo do místico é viver exclusivamente no Eu Superior. O objetivo do ocultista é trazer esse Eu Superior para manifestar-se na consciência do cérebro: “Em minha carne verei a Deus”. Assim como o Eu Inferior pode levantar-se e induzir-nos a algum ato horrível, o Eu Superior pode vir em nosso socorro, “terrível’ como um exército embandeirado”.

Já falei da voz misteriosa que me instruiu sobre como livrar-me de grave perigo psíquico. Em outras ocasiões de tensão e violento esforço experimentei uma súbita expansão ou alteração do nível de consciência. O Eu Superior desceu e assumiu o controle. Quando estamos no meio do tumulto, somos subitamente elevados para cima deste e vemos todas as circunstâncias da vida desenrolarem-se num relance, como se víssemos uma região de um local elevado, e sabemos intuitivamente o resultado do assunto. Todo tumulto emocional cessa, e somos como um navio à capa, suportando seguramente a tempestade. Quando isso me ocorre, as lembranças de minhas encarnações passadas são sempre muito vividas. É esse ‘despertar simultâneo do passado que me faz sentir que a voz é a do meu Eu Superior, e não de outra entidade.

Creio que nas horas de crise espiritual o homem que tem fé na lei de Deus pode levantar-se e invocar a sua proteção e um aparente milagre será realizado em seu benefício. Entretanto, pode não haver nenhuma infração da lei natural; portanto, esse milagre deve simplesmente ser um exemplo da operação de uma lei com a qual ainda não estamos familiarizados, como um eclipse se afigura ao selvagem como um milagre, mas ao astrônomo como um fenômeno natural que pode ser previsto com exatidão.

O que induz essa mudança de controle em nossas vidas? Estamos famiiarizados com o fato de que o motor de um carro tem três marchas à frente e uma à ré. Não é possível que as nossas mentes também tenham marchas, e que é uma mudança de marcha que induz o psiquismo? Não há ocasiões em que marchamos à ré e o macaco e o tigre em nós assumem o comando?

Atrás do plano físico está o plano astral, e atrás do plano astral está o plano mental, e atrás do plano mental está o plano espiritual, e cada plano age como um plano causal para o plano inferior, e cada um por sua vez é controlado do plano mais sutil. Quando “mudamos de marcha”, a consciência é deslocada de um plano mais denso para um mais sutil e começamos a pôr em movimento causas muito remotas de que os acontecimentos no plano físico são resultados finais; manipulamos essas causas e os resultados se produzem imediatamente.

Quando mudamos de marcha do físico para o astral, achamo-nos no plano da consciência psíquica e da magia menor. Supondo-se que um combate psíquico ocorra entre dois ocultistas, se um deles é de um grau que lhe permite mudar a marcha, de modo que a consciência se eleva do plano astral para o mental, ele estará na esfera da magia maior e terá pleno controle da situação. O outro nada pode fazer contra ele. Mas o que acontece no caso da rara e mística alma que pode mudar outra vez a consciência e engatar a marcha de um poder puramente espiritual? Ele desbanca o adepto. Há muitas almas que têm essa mística consciência espiritual, embora não tenham nenhum conhecimento oculto. Entre os modos de pensamento superiores e inferiores, há um grande abismo que elas saltam temerariamente. Se numa hora de crise elas são capazes de elevar-se na fé e penetrar essa consciência mística e ficar em silêncio, elas terão o ar superior de qualquer ocultista que não conta com nada a não ser a técnica do ocultismo.

A questão da consciência mística está, contudo, fora do objetivo de nossa presente investigação, que diz respeito aos métodos psíquicos e à técnica tradicional do ocultismo. Temperamentos diferentes empregarão métodos diferentes, e o método místico não interessa a todos.

O ocultista não ignora a força de Cristo; ele sabe que ela se enquadra na hierarquia das forças supremas do universo, embora possa não estar preparado para conferir-lhe a posição exclusiva que essa força ocupa no coração do místico cristão. Na Tradição ocidental ela é simbolizada por Tiphareth, a Sephira central dos Dez Sephiroth Sagrados da Árvore da Vida Cabalística.

A força de Cristo é o fator equilibrante, compensador, curativo, redentor e purificador do universo. Ela deveria ser invocada em toda operação de autodefesa psíquica, na qual qualquer elemento humano, encarnado ou desencarnado, está envolvido. Quando se tem que enfrentar elementos não-humanos, tais como elementais, formas da mente ou o Qlippoth, é o poder de Deus Pai, como Criador do universo, que é invocado, afirmando-se a Sua supremacia sobre todos os remos da natureza, visível e invisível. Deus Espírito Santo é a força que é empregada nas iniciações, e não deve ser invocada durante as horas de dificuldade psíquica, pois sua influência tenderá a intensificar o estado e tornar o Véu ainda mais fino.

Há um aspecto muito curioso do mundo oculto a respeito do qual se deve dizer algo nas presentes páginas, embora não muito possa ser revelado e, para ser franca, eu própria não saiba o bastante sobre ele, mas apenas os aspectos com que, deparei realmente. Eu já ouvi chamarem-no de Polícia Oculta; outros podem conhecê-lo por nomes diferentes, mas acredito que se trata de uma coisa real e concreta, embora a sua organização não esteja no plano físico, nem, até onde eu saiba, estejam as suas atividades mundanas concentradas num único par

de mãos. Eu cruzei o seu caminho em várias ocasiões, e cumpri meu papel em suas atividades, e conversei com outras pessoas que também estiveram envolvidas com ela, e todos disseram o que eu disse, que é a voz interior e as circunstâncias que dirigem as nossas atividades quando cooperamos com essa misteriosa organização.

Penso que ela está organizada em unidades nacionais, pois as pessoas parecem entrar e sair das jurisdições, ou passar de uma para outra. Pelo que sei, ela não tem nenhuma tendência política particular, estando envolvida exclusivamente com os métodos ocultos aplicados para fins criminosos e ofensivos à sociedade.

Um ou dois casos ilustrativos podem nos ajudar a esclarecer o assunto. Um ocultista indiano que estava visitando a Inglaterra, a fim de fundar uma escola, experimentou alguns problemas. Ele estava profundamente envolvido na política de seu próprio país e não havia dúvida de que antipatizava radicalmente com os ingleses. Penso que fui a única anglo-saxônica de sangue puro a entrar em contato com ele. Até onde sei, ele não se interessava pelas atividades políticas mundanas, mas era sua idéia organizar um grupo de meditação que deveria despejar a força espiritual regenerativa do Oriente sobre a alma grupal do Império Britânico, que, segundo afirmou, estava em péssimo estado. Eu afirmei, contudo, que a alma grupal não estava morrendo, como ele afirmava, mas exausta, pois havíamos saído há pouco da Guerra. Além disso, eu não podia ver como alguém que antipatizava tanto com ela poderia ser capaz de regenerá-la. Eu não estava certa também de que a regeneração seria de nosso agrado, caso a recebêssemos. Esse homem, que chamarei de X., tinha um intenso orgulho espiritual, e sua idéia básica era que a Inglaterra devia reconhçcer a supremacia espiritual da índia e receber sua inspiração espiritual do Oriente. Eu era jovem e inexperiente, mas comecei a me perguntar que espécie de força espiritual estava para ser despejada através do canal que estávamos construindo. Supondo-se que durante a Guerra um grupo de ocultistas ingleses tivesse tentado realizar um serviço semelhante para a Alemanha, que linha teria sido adotada? Não teriam eles tentado influenciar a mente grupal alemã a abandonar seus ideais militaristas e a concentrar-se na Liga das Nações? Não era exatamente o mesmo que tentava fazer o nosso amigo indiano ao tentar dissuadir-nos de nossas tendências imperialistas? Não lhe teria parecido, sofrendo como sofria sob o preconceito racial do homem branco, que o mundo seria um lugar bem melhor para a humanidade se o inglês cuidasse de seu próprio jardim e deixasse os outros povos em paz? Fiquei mais e mais inquieta e X., sendo um bom sensitivo, detectou minha inquietação, e fui convidada a me retirar do grupo que ele estava organizando.

Eu sentia que algo sinistro estava sendo tentado contra a mente grupal de minha raça, mas não tinha meios de avaliar a sua extensão ou potência. Essa não era

uma história que se pudesse contar à Scotland Yard; além disso, muitos de meus amigos pessoais acreditavam na bona fides de X. e estavam tomando parte no grupo que ele organizava, e eu estava aflita para não envolvê-los em qualquer aborrecimento. Em minha perplexidade, resolvi nada fazer no plano físico e invocar os Mestres dos Planos Internos.

Nessa época, eu não era de um grau que tem acesso direto aos Mestres, mas resolvi tentar entrar em contato telepático com eles, embora não soubesse se aqueles com quem procurava comunicar-me telepaticamente fossem entidades humanas ou não, encarnadas em corpos físicos ou desencarnadas, pois àquele tempo eu não havia avançado muito em meus estudos ocultos.

A única coisa em que podia basear-me era uma idéia abstrata e o reconhecimento de que nas dificuldades anteriores eu tinha sido capaz de entrar em contato com Algo nos Planos Internos que mostrara ser um amigo poderoso.

Na telepatia, o método usual para estabelecer contato é visualizar a pessoa com quem se deseja comunicar e chamá-la pelo nome. Eu nada tinha para visualizar e não conhecia nenhum nome. Entretanto, resolvi fazer a tentativa o melhor que podia e, falando metaforicamente, pus minha cabeça para fora da janela deste tabernáculo carnal e chamei a polícia. E recebi uma resposta. A Voz Interior respondeu-me clara e distintamente:

“Procure o Coronel.”

Fiquei muito surpresa, pois o Coronel Y. era uma pessoa muito ilustre a quem eu fora apresentada uma vez, e a última pessoa no mundo a quem alguém convidaria para’ contar coisas do arco da velha. Eu não tinha a menor intenção de passar ridículo enfrentando esse formidável guerreiro em sua toca. Meus estudos psicológicos me haviam familiarizado com os trabalhos da mente subconsciente e o que ela pode fazer quando dissociada, e senti que a situação precisava ser tratada com extrema cautela, pois os resultados de um passo em falso poderiam ser desagradáveis.

Repliquei, portanto, à Voz Interior: “Não acredito em você, a menos que me dê um sinal”.

A réplica não tardou: “O Coronel Y. estará em sua próxima conferência. Fale-lhe então”.

Repliquei: “Eu sei que o Coronel Y. não irá à minha conferência, pois o seu regimento está no exterior e ele não voltará antes que a conferência se realize”.

A resposta foi: “O Coronel Y. estará em sua próxima conferência”.

“Muito bem”, disse eu, “esse será o meu sinal. Se o Coronel Y. estiver lá, eu lhe falarei, e se não estiver, deixarei que o caso siga o seu curso”.

Quando chegou o dia aprazado, fui dar a minha conferência numa certa cidade. Cheguei ao salão na hora devida, e a primeira pessoa que vi foi o Coronel Y. subindo as escadas! Resolvi, portanto, pegar o touro à unha e imediatamente após a conferência fui diretamente a ele e lhe disse: “Tenho uma mensagem para o senhor.

“Eu sei”, respondeu ele, “pois me disseram para aguardá-la”.

Parece que ele estava em seus aposentos uma tarde com seus dois cães. Eles subitamente ficaram perturbados e começaram a investigar algo que não estava lá. O Coronel Y. ouviu’ uma voz dizer-lhe distintamente ao ouvido interior que eu pediria sua ajuda e que ele deveria dá-la. Ele ficou tão impressionado com essa ocorrência que se dirigiu a uma amiga comum e lhe perguntou se eu estava em alguma confusão. A seu pedido, ela me escreveu para saber como eu estava passando, mas não mencionou nenhum nome, e eu, não compreendendo o significado do incidente, dei-lhe uma resposta evasiva.

Ele ouviu a minha história e pediu-me para deixar o assunto em suas mãos, o que eu fiz.

Essa é uma história de coincidências bastante estranhas, mas a conclusão é ainda mais estranha. Depois de deixar o Coronel Y., perguntei uma vez mais ao Invisível se eu deveria fazer mais alguma coisa. A resposta que chegou era a de que no momento eu não devia fazer nada, mas que eu seria informada quando a ação posterior devesse ser empreendida. Soube, depois, que X. havia deixado o país poucos dias após a minha entrevista com o Coronel Y.

Nada aconteceu durante cinco meses, e então uma tarde, estando eu sentada diante da lareira na penumbra, ouvi distintamente a Voz Interior dizer-me que agora era a hora de tomar providências em relação ao caso de X., e que eu devia ir ao Sr. Z. e contar a minha história. Ora, o Sr. Z. era uma pessoa muito ilustre, que eu sabia ser um ocultista elevado, mas a quem eu nunca havia encontrado. Repliquei à voz interior que era impossível aproximar-me do Sr. Z., que me mostrariam a porta e que a não ser que abrissem o caminho para esse fim, eu não via como isso pudesse se realizar. A resposta, muito nítida, foi de que o caminho estaria livre. E foi verdade.

Dois dias depois anunciaram uma visita, um velho amigo a quem eu via ocasionalmente, e após as saudações usuais e a troca das novidades, ele disse: “Eu gostaria muito que você encontrasse um amigo meu que, acredito, teria muito interesse por seu trabalho. Posso apresentá-la a ele? Seu nome é Sr. Z.”. Não é preciso dizer que concordei.

Quando cheguei ao encontro combinado, disse ao Sr. Z., após ter sido apresentada: “Tenho uma mensagem para o senhor”, pensando que me poderiam tomar tanto por uma demente quanto por uma basbaque. Ele me ouviu atentamente, e quando mencionei o nome do indiano, meu amigo, que estava presente, exclamou: “E curioso que você esteja tratando desse assunto neste momento. X. regressou à Inglaterra há dois dias”.

Note-se que assim que X. deixou a Inglaterra, eu fui instruída a nada fazer, e que assim que ele retornou, após uma ausência de cinco meses, eu fui instruída a agir novamente. A não ser que estejamos preparados para arrancar o longo braço da coincidência de seu bolso, devemos concluir que alguma inteligência diretiva estava em ação. Esse é apenas um exemplo entre muitos de minha experiência. As limitações de espaço me proibem mencionar muitos outros.

Além da Policia Oculta, que funciona apenas nos Planos Internos, existem também certos grupos de ocultistas que se reúnem no propósito de combater o Ocultismo Negro. Suponho que eles se dêem diferentes nomes, mas não sei quais são; já ouvi referirem-se genericamente a eles como Pavilhões de Caça. Em várias ocasiões, travei escaramuças em seus flancos e presenciei algumas animadas pilhagens. Imagino que eles estão organizados em associação com a Polícia Oculta, pois possuem meios de obter informação que sugerem uma cooperação oriunda dos Planos Internos. Eles parecem possuir alianças em quadrantes inesperados e ser capazes de puxar um considerável número de fios. Não sei que armas psíquicas utilizam, mas no plano físico parecem contar grandemente com os relatos dos jornais, vigiando os indesejáveis em trânsito e nunca os deixando estabelecer-se e organizar-se. Sabendo o que sei de seus métodos, de tempos em tempos reconheço a sua marca em várias transações pelas quais os cidadãos decentes têm toda a razão de serem gratos.

Eu os encontrei certa vez numa circunstância que serve para ilustrar a maneira pela qual os ocultistas podem “pedir” as informações de que necessitam, e a trilha fortuita de circunstâncias as fornece.

Quando eu era jovem, no início do meu interesse pelo ocultismo, entrei em contato com um adepto que logo compreendi estar no Caminho da Mão Esquerda, e com quem logo cortei o meu contato. Pouco depois de ter rompido com ele, eu estava assistindo a uma gincana com alguns amigos, entre eles um

estudante de ocultismo, e começamos a discutir assuntos de interesse mútuo. Impelida por não sei que impulso para confiar a ele o que jamais havia falado a ninguém, contei-lhe as minhas experiências com o adepto a que me referi. Para minha surpresa, ele sabia tudo sobre essa pessoa. Parece que meu novo amigo estava ligado a um grupo de ocultistas que tinha por tarefa caçar as Lojas Negras; eles já haviam cruzado o caminho de meu adepto negro e o haviam obrigado a cessar totalmente as atividades, e ele havia jurado não reorganizar a sua Ordem. Eles haviam tido razões recentemente para acreditar que esse juramento não estava sendo mantido e que ele tinha novamente organizado uma Loja e estava operando seus rituais, mas não sabiam onde lhe pôr as mãos. E aí fui eu, um pedaço dos destroços lançados num campo esportivo, a dar-lhe a informação de que precisavam no exato momento em que dela precisavam. Essas coisas acontecem regularmente demais no ocultismo para que alguém possa considerá-las como fortuitas.

Acredito que é possível, para quem quer que dela tenha necessidade, entrar em contato telepático com essa força policial oculta. O símbolo que me ensinaram a usar era uma Cruz do Calvário negra sobre um círculo escarlate. Devemos formulá-la na imaginação, e enquanto a miramos mentalmente o pedido é enviado para o Invisível, emanando do centro da testa.

Várias tentativas foram feitas para provar que as fraternidades ocultas são dirigidas de algumas sedes, pretensamente situadas na Alemanha, no Tibete, na Mongólia e na América do Sul. Pessoalmente, não acredito nisso. Suponho que tenho um conhecimento bastante variado dos trabalhos interiores do movimento oculto, e nunca vi qualquer coisa que indicasse um controle centralizado, seja para o bem, seja para o mal. Na verdade, tudo aponta para o contrário, e indica que não há um vínculo unificador, a não ser o de uma literatura comum, um idealismo comum e um conjunto de símbolos que, se não são comuns a todas as seções, são facilmente traduzíveis por meio de equivalentes bem compreendidos. A situação no mundo oculto é análoga à da Cristandade Protestante, não à da Cristandade Romana. O ocultista não tem um Papa.

Penso também que o bolchevismo jamais instalou qualquer cabeça de ponte nas Lojas, embora eu acredite que tenha tentado, como o testemunha a solicitação à minha própria fraternidade. O ocultista comum não se interessa por política, seu interesse é pelas coisas invisíveis. Além disso, as fraternidades ocultas estão desorganizadas e dispersas demais para constituírem formidáveis armas políticas, mesmo se fossem imbuídas de bolchevismo.

Diz-se também que as fraternidades ocultas são controladas pelos judeus no interesse do sionismo. Isso é totalmente falso. Há pouquíssimos judeus no movimento oculto. É verdade, no entanto, que a Cabala, o misticismo

tradicional da raça judia, é uma das fontes principais do ocultismo ocidental, e que todo ocultista que trabalha sobre essa tradição deve pelo menos conhecer um pouco de hebraico para poder transliterar a escrita hebraica. O estudo da moderna Cabala mística está quase exclusivamente nas mãos dos gentios e os eruditos judeus ortodoxos pouco ou nada sabem de sua literatura e absolutamente nada de seu sentido místico.

Ninguém disse coisas mais pesadas sobre o movimento ocultista do que eu, e se eu pensasse que há qualquer sistema organizado de más influências, não hesitaria em dizê-lo, pois prezo bastante a integridade do movimento; mas não acredito honestamente que exista qualquer organização generalizada do movimento ocultista, seja para o bem ou para o mal, qualquer que seja a concepção de bem e mal que tenhamos. Só podemos, naturalmente, falar daquilo que vemos, mas penso que seria impossível para mim estar tão intimamente associada ao movimento como estive e nunca ter cruzado o seu caminho em algum lugar. Eu cruzei muitos caminhos, e vi, não o negarei, muitas coisas más, mas esse mal particular eu jamais testemunhei, e não acredito que ele exista a não ser na imaginação das pessoas que vêem a mosca azul. O verdadeiro vínculo do movimento ocultista é a devoção a um ideal comum, mas esse ideal é alcançado por uma infinita diversidade de caminhos, tantos quanto as vidas dos filhos dos homens.

Lamento pela hipotética pessoa que tem a tarefa de organizar o movimento ocultista, pois os ocultistas das diferentes escolas não podem ser induzidos a cooperar. Toda técnica que difere da que eles utilizam é suspeita; todo contato estranho é negro. A grande maioria dos líderes das escolas que conheci senta-se cada qual em seu próprio círculo de luz e amaldiçoa tudo o mais. Como a velha senhora que observava o filho desfilar com os soldados, eles exclamam: “Estão todos em passo errado, menos o meu João”. Eu sonhei outrora com uma federação de sociedades ocultas com uma convenção anual, mas logo compreendi que ela era impraticável. Se os ocultistas não podem ser convencidos a se organizar para servirem aos seus próprios interesses, é muito improvável que eles se organizem para servir aos de outros.

Os abusos que mais ocorrem no ocultismo ocidental são a imoralidade, o uso de drogas e a mistificação de mulheres estúpidas. Suas piores faltas são a credulidade, uma cultura relaxada que raia à ignorância, e uma tolice intelectual muito difundida. A leitura da sorte em todas as suas formas e algumas curas espirituais espúrias constituem outra mancha sobre o que deveria ser um campo santo. É difícil fazer justiça aos ideais que não partilhamos, mas sempre me pareceu que o humanitarismo grandemente colorido de que certas seções do movimento estão saturadas não é um ornamento. “Há de conhecê-los por seus frutos.” Os frutos desse que eu vi pareceram-me um tanto quanto passados.

As mentes mais finas do ocultismo são totalmente desconhecidas fora de suas próprias Ordens. Uma cláusula muito comum nos juramentos de iniciação intima o candidato a não revelar os nomes de seus companheiros. Se esse juramento fosse quebrado, o público em geral teria uma grande surpresa. Como o ocultismo não tem uma boa reputação para o público em geral, os homens em posições públicas não podem permitir que os seus nomes se associem a ele; seu interesse é, portanto, cuidadosamente dissimulado, e eles só falam disso àqueles com cuja simpatia e discrição podem contar.

Aqueles que sabem o que buscar, contudo, podem reconhecê-los facilmente. Todo aquele que está acostumado com a análise do estilo literário pode detectar o leitor habitual da Bíblia. Todo aquele que conhece os rituais ocultistas detectará o seu aroma no estilo literário ou oratório do homem que está habituado à sua utilização. Será que depois de tanto tempo eu possa ser perdoada se quebrar o Juramento dos Mistérios que proíbe a divulgação dos nomes dos iniciados e sugerir que a chave para a controvérsia Bacon-Shakespeare pode residir no fato de que Bacon e Shakespeare eram membros da mesma Ordem?

CONCLUSÃO

Dificuldades da tarefa executada / A acusação de reviver as superstições da Idade Média / Fenômenos psíquicos anormais comumente encontrados no culto das bruxas / A difusão da Magia Negra nos dias de hoje / Livros recomendados / Os fenômenos do culto das bruxas e da Magia Negra deveriam ser estudados à luz da psicologia.

Nas páginas anteriores, procurei cumprir uma difícil tarefa, uma tarefa cuja execução satisfatória é quase impossível. As limitações de espaço me impedem de explicar passo a passo as minhas idéias e de lhes oferecer as provas. Para fazê-lo, seria necessária uma biblioteca, não um livro. Tive que presumir, em meus leitores, não apenas uma familiaridade com a literatura do ocultismo, mas, o que é muito mais raro, alguma experiência de sua prática. Ao mesmo tempo, procurei oferecer explicação suficiente, pois quis tornar estas páginas compreensíveis para aqueles cuja familiaridade com o assunto é apenas superficial.

Este livro não é, e não pode ser, um manual satisfatório para o tratamento dos distúrbios psíquicos. Tudo que ele pode fazer é apontar as direções em que as investigações poderiam prosseguir com proveito.

Posso ser acusada de ter revivido as superstições da Idade Média. Dessa acusação, devo declarar-me culpada. Mas devo apresentar como alegação em contrário a declaração de que não haveria tanta fumaça se não houvesse algum fogo, e que as superstições da Idade Média podem merecer um exame à luz das recentes descobertas sobre a psicologia da subconsciência.

Quem quer que esteja familiarizado com a literatura da pesquisa psíquica, da psicologia anormal, e dos aspectos mais inferiores desse movimento que se originou da inspiração da Ciência Cristã e se difundiu numa centena de cultos descontrolados, não pode deixar de surpreender-se com o fato de que os antigos caçadores de bruxas buscavam exatamente os mesmos fenômenos que encontramos em todos esses diferentes movimentos e campos de pensamento. Tem-se dito que, como descobrimos as marcas da histeria liberalmente distribuídas entre os infelizes seres acusados de bruxaria, o culto das bruxas está explicado e liquidado. Mas podemos descobrir que um estudo dos motivos que embasam o culto da bruxa lançaria alguma luz sobre a histeria e os estados mentais alienados.

Tem-se dito também que a história caminha em círculos. Nos dias de hoje estamos presenciando uma grande revitalização do interesse pelos assuntos psíquicos e ocultistas. Não precisaremos esperar muito para descobrir que um culto das bruxas dará também os seus primeiros passos promissores em nosso meio.

Lembremos que os casos que citei nestas páginas provêm da experiência de uma única pessoa, e eu não sou de maneira alguma excepcional no alcance de minha experiência, embora possa ser menos cautelosa do que muitos em confiá-la ao papel. Se um pouco do balde revela tanto, o que não poderia ser descoberto pela dragagem sistemática?

Como a minha abordagem do assunto deve necessariamente superficial quero dirigir a atenção de meus leitores para certos livros que iluminam a questão de vários ângulos.

Não só os ocultistas mas também os psicólogos, os alienistas e os estudiosos de assuntos psíquicos têm uma imensa dívida de gratidão à erudição do Rev. Montague Summers e ao empenho dos Srs. Rodker por tornarem acessíveis traduções exatas e completas dos principais livros sobre bruxaria que foram

escritos pelos homens que estavam preocupados em esmagar o culto das bruxas e que tiveram conhecimento de primeira mão sobre sua natureza.

Além destes, eu chamaria a atenção de meus leitores para The Projection of the Astral Body, de Muldoon e Carrington, que lança uma interessante luz sobre a maneira pela qual as bruxas genuínas participavam dos Sabás. Não pretendo que essas palavras impliquem que o Sr. Muldoon se entrega à bruxaria, mas ele certamente possui os poderes tradicionais, e se ele pode fazer essas coisas nos dias de hoje, por que não poderiam as bruxas fazê-las no passado? Seja como for, não penso que haja muita dúvida de que a Santa Inquisição lhe teria feito a homenagem de queimá-lo se ele tivesse vivido durante o seu apogeu.

Thirty Years Among the Dead, do Dr. Wickland, é outro livro que traz a autoridade da experiência pessoal, ao invés de citar autoridades e de teorizar sobre elas. Trata-se do relato de um médico de um asilo cuja esposa é médium e que fez uma série de observações notáveis a respeito da natureza das entidades obsediantes.

No Livro do Dr. Mool sobre hipnotismo relatam-se alguns interessantes fenômenos que não se acham mais nos livros modernos, seja por que os investigadores são menos capazes de explicá-los ou mais cautelosos para comunicá-los, aproveitando-se da experiência dos primeiros investigadores. Alguns dos primeiros livros sobre hipnose e mesmerismo fornecem algumas interessantes leituras para o investigador psíquico.

Medical Psychology and Psychical Research, do Dr. T. W. Mitchell, é outro livro valioso para o estudante, que deveria estar familiarizado não só com os sinais do ataque psíquico, mas também com os sinais do pseudo ataque, para que pudesse distingui-los e não cair em alguns erros desagradáveis. Descobrir que fomos logrados com sucesso por um lunático é uma experiência humilhante.

Human Personality, de Myers, é naturalmente um clássico com que todo estudante dos fenômenos psíquicos deveria estar familiarizado. Há uma excelente edição resumida disponível para aqueles que não se sentem capazes de enfrentar os dois maciços volumes de sua forma original.

Dream Psychology, de Nicholl, e Psychology of Insanity, de Hart, são dois livros muito esclarecedores, ambos escritos para o leigo e facilmente inteligíveis. Eles lançam uma grande luz sobre os mecanismos da mente, e ninguém deveria dispor-se a enfrentar um ataque psíquico sem compreender esses mecanismos. Meu próprio livro, Machinary at the Mind, escrito sob meu

nome de solteira, Violet M. Firth, é, como acredito, uma útil introdução geral à psicologia moderna.

Não nos aproximemos do tema da bruxaria moderna com um espírito de incredulidade ou de superstição, mas do ponto de vista do psicólogo, procurando compreender o funcionamento da mente e preparados para descobrir muitas coisas que até então passaram despercebidas.

A Sociedade da Luz Interior, fundada por Dion Fortune, tem Cursos para aqueles que desejam seguir seriamente o estudo da Tradição Esotérica ocidental. Os pedidos de informação devem ser endereçados a:

The Secretary,
Society of the Inner Light,
38 Steele's Road,
London, N.W. 3

Nota do Editor Inglês

Antes de sua morte, ocorrida em 1946, Dion Fortune compreendeu que Autodefesa Psíquica poderia desencaminhar os leitores que tinham pouco conhecimento do eu interior.

Ela própria tinha um vivo interesse pela psicologia e teria escrito um livro intitulado The Psychological Qabalah, se a morte não a impedisse. Nos últimos anos, tem havido grandes progressos na ciência da mente e da "psique", acompanhados, infelizmente, por um grande aumento do uso de drogas alucinógenas — muitas delas anteriormente desconhecidas — que podem causar simulacros do ataque psíquico.

Quando os leitores se acreditarem vítimas do que é amiúde chamado de "Magia Negra", devem consultar um clérigo, um médico compreensivo ou — se há provas de ameaças e perseguições — a polícia. A Sociedade da Luz Interior não dá nenhum conselho sobre esses assuntos além da recomendação geral dada acima, e esta Sociedade titio mantém correspondência ou debates sobre o conteúdo deste livro.